

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**A REALIZAÇÃO ORAL DAS VOGAIS NASAIS/NASALIZADAS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR ESTRANGEIROS
FALANTES DO INGLÊS**

Marília Gomes Teixeira

**RECIFE
2013**

MARÍLIA GOMES TEIXEIRA

**A REALIZAÇÃO ORAL DAS VOGAIS NASAIS/NASALIZADAS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR ESTRANGEIROS
FALANTES DO INGLÊS**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

**RECIFE
2013**

Catálogo na fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667

T266r Teixeira, Marília Gomes
A realização oral das vogais nasais/nasalizadas do português brasileiro por estrangeiros falantes do inglês / Marília Gomes Teixeira. – Recife: O Autor, 2013.
122p.: Il.: fig.; 30 cm.

Orientador: Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2013.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Linguística. 2. Língua Inglesa. 3. Língua Portuguesa – estudo e ensino (falantes estrangeiros). 4. Sociolinguística. I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC2013-17)

MARÍLIA GOMES TEIXEIRA

**A Realização Oral das Vogais Nasais/Nasalizadas do Português Brasileiro
por Estrangeiros Falantes do Inglês**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 27/2/2013.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª. Dr.ª. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof.ª. Dr.ª. Cláudia Roberta Tavares Silva
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
LETRAS - UFPB

Recife – PE
2013

Dedico este trabalho ao meu marido, meu amor,
Jorginho, companheiro e grande incentivador, cuja
contribuição foi essencial para conclusão desta
pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo;

Aos meus pais, Rodrigo e Suelly, por me mostrarem o valor do estudo e da educação, pelo incentivo e apoio sempre dispensados;

A minha mãe, pelas dicas e conselhos e pela disposição em ajudar com as questões técnicas;

Ao meu marido, Jorginho, por ter me incentivado a iniciar este trabalho, me confortado nos momentos críticos, me ajudado com suas opiniões e conhecimentos estatísticos e, sobretudo, por ter se envolvido a ponto de debater, contribuir e solucionar muitas de minhas inquietações;

A professora Stella, "orientadora-mãe", pela paciência, solicitude e carinho com que sempre me tratou e por compartilhar seu conhecimento e experiências, que me fizeram refletir e ponderar;

Ao professor Rubens, por ter me recebido tão bem em sua casa para orientação em pleno feriado;

A professora Cláudia, pelas contribuições e dicas valiosíssimas;

Aos meus "pais postiços", D. Flávia e S. Jorge, pelos momentos de descontração, pelas conversas agradáveis e por sempre se mostrarem dispostos a me socorrer;

A minha grande amiga Amália, por estar presente em todos os momentos, bons e ruins; pelo apoio, pelas longas conversas e por sempre me fazer sentir melhor;

As amigas e companheiras, Drica, Neri, Brenda e Renata, pela amizade, pelas palavras reconfortantes e pela torcida;

Aos colegas do mestrado, pela união, pelos momentos descontraídos e cafezinhos no *Aquarela*.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

Obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo identificar a realização oral de segmentos vocálicos nasais/nasalizados do português brasileiro por falantes de língua inglesa. Como aporte teórico e metodológico, respaldamos-nos no modelo sociolinguístico, mais especificamente, na Teoria Variacionista de W. Labov (Labov, 2008). Para tanto, selecionamos para uma entrevista oito indivíduos cuja língua materna é o inglês e que vivem na cidade de Recife, PE. Após a coleta e transcrição dos dados, procedemos à análise, tomando por base fatores linguísticos (acento, vogal precedente, consoante seguinte, ditongo, classe de palavra e posição da sílaba na palavra) e extralinguísticos ou sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e tempo de permanência no país). Estes dados foram então submetidos a um programa de análise estatística, o GoldVarb. Os resultados apontam que os fatores linguísticos *vogal*, *ditongo* e *acentuação tônica* são os que apresentam maior relevância para a realização oral dos segmentos nasais do português. Os aspectos extralinguísticos, de acordo com o programa, não exerceram grande influência para a ocorrência do fenômeno em questão.

Palavras-chave: Interferências fonológicas, Inglês/L1, Português/L2, Vogais nasais/nasalizadas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the oral realization of Brazilian Portuguese nasal vowel segments by English speakers. As a theoretical and methodological support, we relied on the sociolinguistic model, more specifically, W. Labov's Variationist Theory (Labov, 2008). To this end, we selected eight individuals whose mother tongue is English (and who live in the city of Recife) for an interview. After collecting and transcribing data, we analyzed, based on linguistic factors (stress, preceding vowel, consonant, diphthong, word class and the position of the syllable in the word) and extralinguistic or social factors (gender, age, education and time residence in the country). These data were then subjected to a statistical analysis program - GoldVarb 2001. The results showed that linguistic factors *vowel*, *diphthong* and *tonic accent* are those with greater relevance to the achievement of oral nasal segments of Portuguese. Extralinguistic aspects, according to the program, did not exert great influence on the occurrence of the phenomenon.

Keywords: Phonological interference, English/L1, Portuguese/L2, Oral realization of Portuguese nasal vowels.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1: Esquema de Appel e Muysken

Ilustração 2: Níveis de Representação das Palavras segundo Weinreich

Ilustração 3: Pontos de Articulação das Consoantes Nasais do Português

Ilustração 4: Pontos de Articulação das Consoantes Nasais do Inglês

Ilustração 5: Representação Gráfica do Fluxo de Ar Nasal segundo Cohn

Ilustração 6: Representação Gráfica do Possível Apagamento da Consoante Nasal segundo Cohn

LISTA DE TABELAS

TAB.1 – Classificação dos Informantes

TAB.2 – Sexo

TAB.3 – Faixa Etária

TAB.4 – Escolaridade

TAB. 5 – Tempo de Permanência no Brasil

TAB.6 – Idade de Aquisição do Português Brasileiro

TAB.7 – Classe de Palavra

TAB.8 – Consoante Seguinte

TAB. 9 – Posição da Sílabla na Palavra

TAB.10 – Acentuação

TAB.11 – Acento

TAB.12 – Vogal

TAB.13 - Ditongo

INTRODUÇÃO.....	12
1. A SOCIOLINGUÍSTICA.....	17
1.1 A teoria variacionista.....	24
1.2 Bilinguismo e línguas em contato.....	26
1.3 Interlíngua e Fossilização.....	38
1.4 Fluência oral.....	46
2. SEGMENTOS NASAIS/NASALIZADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS.....	50
2.1 A produção dos sons nasais/nasalizados.....	50
2.2 Segmentos nasais/nasalizados do português brasileiro.....	52
2.1.2 Ditongos nasais.....	60
2.3 Segmentos nasais do inglês.....	63
2.4 Uma comparação entre as nasalizações do português brasileiro e do inglês.....	73
3. METODOLOGIA.....	76
3.1 As variáveis.....	76
3.1.1 Variável Dependente.....	76
3.1.2 Variáveis Independentes.....	76
3.2 Variáveis linguísticas.....	77
3.2.1 Acento.....	77
3.2.2 Realização oral da vogal.....	77
3.2.3 Consoante Seguinte.....	77
3.2.4 Ditongo.....	77
3.2.5 Classe de Palavra.....	78
3.2.6 Posição da Sílabas na Palavra.....	78
3.3 Variáveis extralinguísticas.....	78
3.3.1 Sexo.....	78
3.3.2 Faixa Etária.....	78
3.3.3 Consciência Fonológica Explícita (Escolaridade).....	78
3.3.4 Idade de aquisição da Língua Portuguesa.....	79
3.3.5 Tempo de Imersão na Cultura da L2.....	79

3.4 Coleta dos dados.....	80
3.4.1 O GoldVarb.....	81
3.4.2 Sujeitos.....	83
4. RESULTADOS.....	87
4.1 Análise dos dados	87
4.1.1 Sexo.....	87
4.1.2 Faixa Etária.....	90
4.1.3 Consciência Fonológica Explícita (Escolaridade).....	91
4.1.4 Tempo de Permanência no Brasil.....	92
4.1.5 Idade de Aquisição.....	93
4.1.6 Classe de Palavra.....	95
4.1.7 Consoante Seguinte.....	95
4.1.8 Posição da Sílabas na Palavra.....	97
4.2 Fatores relevantes.....	99
4.2.1 Acento.....	99
4.2.2 Vogal.....	101
4.2.3 Ditongo.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICES.....	114

INTRODUÇÃO

Até o início do século XX, a língua portuguesa não ocupava posição de destaque entre as línguas mais importantes do mundo, obtendo representação mundial apenas em meados dos anos 1940. De acordo com o Censo Demográfico de 1991 (p.35), a partir da década de 80, o aumento da representatividade do Brasil em termos culturais e econômicos no âmbito internacional foi um fator de extrema relevância para a intensificação da imigração de estrangeiros para o país, tendo em vista o seu crescimento. De acordo com Patarra (2005), foi uma época em que, sobretudo, americanos e canadenses "empresários e pessoal de ciência e tecnologia" imigraram e passaram a investir no Brasil.

Tal fato propiciou de maneira considerável a expansão de nossa língua: a imersão do não-nativo em nossa cultura contribuiu para que optassem em aprender o português, seja de maneira informal, apenas pela convivência com os nativos, ou formalmente, por intermédio de cursos específicos.

Tal representatividade acarretou uma maior demanda de pessoas interessadas em aprender o português. Com relação a nativos em língua inglesa, em particular, devido às diferenças consideráveis entre os sistemas fonológicos entre o inglês e o português, são perceptíveis as dificuldades dos estrangeiros em executar oralmente nosso idioma. Isso se deve à natural transferência dos padrões da língua materna no momento da aprendizagem tardia da língua estrangeira. Ademais, algumas dessas interferências permanecem mesmo quando da imersão de longo prazo no país, sendo facilmente identificáveis pelo falante nativo sua pronúncia característica.

Partindo destes fatos, demos início a nossa pesquisa a partir da observação de uma característica em comum entre os estrangeiros com os quais convivemos: a produção oral de segmentos de realização nasal do português (como em *não* [naw] e *campo* [kampu], por exemplo). Em seguida, questionamo-nos se outros fatores, associados ou não à estrutura fônica do português sem correspondentes na língua inglesa, poderiam estar relacionados a esta tendência. Nesse sentido, considerando a perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008), nos indagamos se fatores extralinguísticos, tais como a idade e o tempo de estada destes indivíduos no Brasil, poderiam diminuir a tendência da realização oral dos segmentos vocálicos nasais/nasalizados.

Para a escolha dos sujeitos da pesquisa, selecionamos indivíduos que tivessem o inglês como língua materna e que demonstrassem ter boa fluência no português. Ressalte-se que não fizemos restrições no tocante à nacionalidade e à variação dialetal dos sujeitos por acreditarmos que a ocorrência da realização oral dos segmentos vocálicos nasais decorra da interferência da fonologia do inglês, não sendo motivada por dialetos específicos, de forma que é frequente na fala de indivíduos nativos desta língua, independente de sua nacionalidade.

Em se tratando da oralização do português brasileiro por não-nativos, outra base de sustentação para o estudo pretendido diz respeito ao arcabouço teórico referente à aprendizagem de segunda língua¹. Quanto a esse ponto, no decorrer de nossas leituras iniciais, deparamo-nos com uma problemática: percebemos que alguns autores, em relação ao processo de *aquisição/aprendizagem* da *língua estrangeira/segunda língua* pelos indivíduos, intercalam o uso das nomenclaturas. Esta dupla de binário de concepções requer uma breve explicação de nossa parte, tendo em vista a referência constante que fazemos a estes termos.

No tocante às concepções de *aquisição* e *aprendizagem*, Krashen (1982) afirma que a primeira é o processo subconsciente pelo qual se assimila a língua com foco no significado e não na forma. De acordo com o autor, trata-se de um processo análogo de uma criança em relação a sua língua materna: por meio da interação com outros indivíduos, cujo foco é a comunicação, o uso da língua ocorrerá de maneira natural e não-consciente. A *aprendizagem* é a maneira pela qual o indivíduo desenvolve a língua conscientemente, geralmente em contexto de sala de aula. O autor também aponta que é a aquisição, e não a aprendizagem, que desempenha papel fundamental no desempenho do falante.

De maneira bastante similar, Schütz (2006) considera que a primeira diz respeito a uma assimilação natural, que ocorre em contextos reais de uso da língua através da interação verbal do falante e a comunidade de fala. A *aprendizagem*, ao contrário, ocorre de forma consciente, pois é o estudo formal da língua a ser utilizada: a partir do estudo da gramática, conforme Schütz (2006), o aprendiz deverá entender a estrutura da língua para então executá-la. Neste contexto, o qual geralmente envolve sala de aula e uma fala não espontânea (pois não se trata do contexto real de uso da língua), o

¹ embora existam divergências teóricas acerca dos termos "segunda língua" e "L2", não nos aprofundaremos neste tópico e optamos por utilizar ambas as nomenclaturas como sinônimas.

aprendizado dos indivíduos é mensurado a partir de seu desempenho e da execução das quatro habilidades envolvidas - ouvir, falar, ler e escrever.

O outro par de conceitos, *segunda língua* e *língua estrangeira*, também levanta questionamentos. Para Ellis (1994), a diferença entre ambos reside no "grau de importância" que a língua exerce sobre o indivíduo e a sociedade. O autor faz a distinção da seguinte forma: estaremos falando de *segunda língua* quando esta desempenhar um papel institucional e social na comunidade, ao passo que a *língua estrangeira* não desempenha tal papel, sendo utilizada apenas no ambiente de sala de aula (p.12). Spinassé (2006) simplifica tal diferença a partir da constatação de que "numa segunda língua se possui uma maior competência e uma maior performance, pois o meio ou a situação exigem isso do falante - o aprendiz de uma língua estrangeira dificilmente precisa chegar a esse nível de conhecimento" (p. 6).

Apesar das distinções observadas entre os termos citados, fizemos uso do termo *aquisição*, por ser o mais utilizado pelos autores. Ressalte-se, também, em referência aos termos de Ellis (1994), que a língua desempenhou um papel social, tendo em vista que os informantes fizeram uso desta, sobretudo, para fins comunicativos, contexto que caracteriza a *segunda língua* (L2). Esta foi, portanto, a nomenclatura que julgamos mais condizente e apropriada à situação dos nossos informantes.

O objetivo geral deste estudo é identificar e analisar a realização oral de sequências nasais em vocábulos da língua portuguesa (L2) pelos falantes da língua inglesa (L1) sob uma perspectiva sociolinguística - a Teoria Variacionista de Labov (2008). Como objetivos específicos, fizemos uma relação dos vocábulos em que ocorreu a realização oral dos segmentos nasais no intuito de a) identificar os fatores linguísticos e sociais que possam ter contribuído (ou não) para a ocorrência do referido fenômeno; b) verificar que os contextos linguísticos /aN/ e /ãõ/ são o principal alvo da realização oral e c) verificar se o tempo de imersão e a idade são fatores determinantes para esta interferência.

Antes de iniciarmos nossa pesquisa, partimos das seguintes hipóteses:

- 1) a vogal /a/ é a que sofre menos nasalização por parte dos estrangeiros;
- 2) dentre as classes de palavra, há uma maior ocorrência de realizações orais nos verbos, especialmente aqueles em primeira conjugação no gerúndio;
- 3) a realização oral das vogais nasais é mais recorrente, comparativamente falando, em sílabas tônicas do que nas átonas;

- 4) quanto maior o tempo de permanência no país da L2, menor será a transferência da L1 para a L2;
- 5) os indivíduos mais idosos apresentam mais interferências do que os mais jovens;
- 6) a aprendizagem (i.e, instrução formal) não se revela fator determinante para uma pronúncia com menos interferências da L1.

É importante ressaltarmos que baseamos as hipóteses relacionadas aos fatores extralinguísticos (*tempo de permanência no país da L2, faixa etária dos informantes e aprendizagem*) a partir da convivência com estrangeiros falantes do inglês em nosso ambiente de trabalho. No tocante às demais hipóteses, que dizem respeito a fatores linguísticos, baseamos-nos na percepção de ocorrências (as quais se mostraram repetitivas e recorrentes em praticamente todos os indivíduos) durante as entrevistas com os informantes selecionados.

A escolha por este tema deu-se através de nossas experiências vivenciadas no âmbito profissional: a partir do convívio com estrangeiros falantes do inglês no ambiente de trabalho, percebemos que o português dos indivíduos apresentava características em comum - interferências do inglês - alguns em maior e outros em menor grau. Dentre eles, alguns dos que apresentaram um "sotaque estrangeiro" mais acentuado trocavam, por vezes, alguns fonemas e em diversas situações confundiam o interlocutor. Todos eles, no entanto, incluindo os que não faziam tal confusão, apresentavam marcas características do inglês, como a retroflexão do *r* e a realização oral de segmentos nasais, facilmente identificáveis pelos nativos.

A partir da identificação destas interferências e de (às vezes) sua consequente dificuldade de comunicação, surgiu o questionamento: "quais os fatores fonéticos/fonológicos que levam os falantes do inglês a transferir padrões de sua língua materna para o português (nesse caso, a L2)?"

Mais adiante, a partir da leitura de textos e obras acerca dos estudos sociolinguísticos de Labov (2008), Weinreich (1953) e Monteiro (2000), percebemos a relevância de se considerar tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos envolvidos no processo de aprendizagem de uma L2. Não se trata apenas de erros ou de uma incapacidade articulatória dos estrangeiros, mas de uma série de experiências e fatores individuais e sociais, tão relevantes neste processo, e que levam o falante a produzir a L2 da maneira como o faz.

Tendo em vista que a língua é um fato social e indissociável da cultura, acreditamos que a abordagem da perspectiva sociolinguística é fundamental para estudos que visam à comparação entre sistemas linguísticos e à análise de interferências de um idioma em outro, como a presente pesquisa. Sendo as pessoas que "usufruem" da língua, dela fazendo uso e a modificando, os fatores sociais são, portanto, mais do que passíveis de análise: são imprescindíveis.

Partindo, então, da consideração de aspectos linguísticos e sociais, os resultados desta pesquisa intentam esclarecer os motivos pelos quais ocorrem tais realizações orais, bem como fornecer dados que possam ser utilizados em metodologias de ensino que visem a minimizar tais ocorrências.

Por fim, esta dissertação encontra-se estruturada da seguinte maneira: o capítulo I faz uma abordagem acerca do bilinguismo e de línguas em contato, considerando tópicos a eles relacionados, como a *interlíngua/fossilização* e *fluência*; no capítulo II explanamos sobre os sistemas fonológicos do português e do inglês no intuito de introduzir e facilitar o leitor na leitura da análise dos dados e de explicitar o contraste do fenômeno estudado; o capítulo III concerne aos objetivos, metodologia, coleta e organização dos dados desta pesquisa e, por fim, o capítulo IV trata da análise dos dados a que nos propusemos investigar. Para o desenvolvimento de cada um dos capítulos, respaldamos-nos principalmente nas teorias dos seguintes autores: U. Weinreich (1953 e 1968), Câmara Jr. (1953,1970,1977 e 1985), Selinker (1972), W. Labov (2008), Azevedo (1981), Appel & Muysken (1987), Ellis (1994), Romaine (1995), Bisol (1996), Callou e Leite (2000), McMahon (2002), Schütz (2008 e 2011), Roach (2009), Wetzels (1992 e 2000), entre outros.

1. A SOCIOLINGUÍSTICA

A partir de meados do século XX a Linguística redireciona seu foco de estudo: em vez de centrar-se apenas na estrutura das línguas, passou a se interessar também pela maneira como elas são utilizadas. Tal fato propiciou o surgimento de campos investigativos que propunham uma relação entre várias disciplinas, como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia (entre outras) com a Linguística. Uma destas articulações culminou na criação dos estudos sociolinguísticos, cujo foco é a relação entre a língua e a sociedade. A *Sociolinguística*, então, é o ramo da linguística que centra suas pesquisas na sua relação entre as línguas e as sociedades que delas fazem uso.

Os estudos sociolinguísticos se desenvolveram nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos e tinham por objetivo combater os estudos de correntes estruturalistas acerca da homogeneidade e invariabilidade da língua. Labov (2008), linguista pioneiro neste tipo de pesquisa, buscou provar que a variação era inerente às línguas, como veremos mais adiante.

Partindo da assertiva de Preti (1982) de que "a sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua também o indivíduo" (p. 2), podemos afirmar que língua e sociedade são duas realidades que se relacionam intensamente e que uma não é concebível sem a outra, pois é no meio social que a interação ocorre. É a partir de tal interação que a Sociolinguística busca, de acordo com Cavalcante (2007): a) analisar e sistematizar o universo linguístico da sociedade em suas modalidades oral e escrita e b) estudar as ocorrências dos fatores sociais nos diversos níveis linguísticos - morfológico, fonológico, sintático e semântico

Numa tentativa de romper com a vertente estruturalista, a qual dominava os estudos linguísticos até então, Labov (2008), a partir de suas pesquisas e análises do inglês falado numa ilha americana (Martha's Vineyard), dá ênfase ao estudo da *fala* do ponto de vista social, e não do individual. O conceito de língua tomou outra dimensão, totalmente oposta às concepções de homogeneidade de Saussure e à tentativa de Chomsky de análise da competência linguística do indivíduo, considerando-o "falante-ouvinte ideal".

A teoria sociolinguística da variação, então, enxerga a língua como um sistema heterogêneo, pois pode se manifestar em diversas formas e plural, ao depender do uso que uma comunidade linguística faz dela. O principal motivo pelo qual esta vertente refuta a perspectiva estruturalista diz respeito à consideração desta de que a língua é

homogênea. Sociolinguistas como Weinreich, Labov e Herzog (1968 apud FARACO, 2006) já afirmavam que esse raciocínio não é válido, pois a língua é variável e ordenada, isto é, heterogeneidade e estrutura não são excludentes. Faraco (2006) reitera esta consideração afirmando que a heterogeneidade ordenada é parte constituinte da competência linguística do indivíduo e que o domínio de tais estruturas não decorre do multidialetalismo ou do desempenho do falante.

Os estudos sociolinguísticos tiveram por foco exclusivo a língua materna até a década 70, período em que pesquisas acerca de aquisição de línguas estrangeiras começaram a interessar os estudiosos. Fala-se em aquisição porque tais estudos não estavam ainda relacionados com metodologias didáticas. A partir da década de 70, então, as contribuições das teorias sociolinguísticas não se restringiam apenas à aquisição da língua materna. Houve também um grande interesse por parte dos estudiosos em investigar os processos de aprendizagem de língua estrangeira. Na década de 60, empregou-se o método da Análise Contrastiva, que visava a descrição da L1 e da L2 com o intuito de justificar e "prever" os erros dos aprendizes, pois a crença era de que a L1 exercia grande influência na L2. Na década seguinte, esta abordagem foi perdendo força e abrindo espaço para a Gramática Universal, a qual teorizava que o falante nativo tinha total domínio sobre a própria língua, sendo capaz de julgar se as frases no seu idioma eram possíveis ou não. Sendo este princípio o mesmo para a L1 e a L2, os teóricos concluíram que, conforme Bloomfield (1933), saber bem uma L2 era fazê-lo de maneira semelhante a um nativo (p.14). Em seguida, puseram-se em questão o papel do falante e a dinamicidade das línguas naturais, pelo fato de que ambos sofrem influência externa: o meio social. Partindo destas considerações, grande atenção foi dada à Sociolinguística no estudo da aquisição de L2, a qual tem ganhado espaço até os dias atuais. Nesse contexto, foram de extrema relevância os estudos de Schmidt (1987) e, mais recentemente, o de Tarone (2007), os quais consideraram o papel dos aspectos sociais no contexto de aquisição de L2.

O primeiro questionou a Análise Contrastiva a partir da observação da pronúncia das fricativas inglesas /θ/ e /ð/ em egípcios (falantes do árabe). Utilizando-se tal método, não foi possível explicar o porquê de os referidos falantes substituírem estes sons pelos fricativos /s/ e /z/, tendo em vista que aqueles sons também fazem parte do inventário fonético árabe. A partir de então, o autor considerou que outros fatores (os extralinguísticos, como idade, sexo, tempo de permanência no país da língua

estrangeira) estavam envolvidos e que poderiam explicar tal fenômeno. Tais aspectos, concluiu, exerciam influência direta no processo de aprendizagem dos indivíduos, o que o levou a questionar a completude do método contrastivo. Ressalte-se, porém, que o autor não invalida completamente a Análise Contrastiva, afirmando que esta "[...] can indeed predict some facts about interlanguage phonology in a rather precise manner²" (p.367), mas que, para vários outros tipos de interferências linguísticas, existem métodos consideravelmente mais sofisticados.

Os resultados da pesquisa de Tarone (2007) acerca da produção oral dos indivíduos falantes do inglês como L2 também revelaram que o contexto social influencia diretamente na estrutura linguística dos mesmos. A maior crítica da autora diz respeito ao foco dos teóricos unicamente na cognição e à consideração destes de que a variação na produção gramatical é apenas uma característica da *performance*, não estando relacionada de qualquer maneira à competência do indivíduo. Tarone (2007) afirma que teorias com esta abordagem "model the cognitive processes in the brain of the L2 learner as it uses input in the L2 to create grammar³" (p.838). Esta proposta, de acordo com a autora, é como fazer uma comparação entre um indivíduo e um computador: a máquina não é afetada pelo contexto social, mas é capaz de processar o *input* como se o fosse.

A inconsistência da Análise Contrastiva, questionada por Schmidt (1987) e as limitações das teorias centralizadas exclusivamente na cognição, refutadas por Tarone (2007), abriram espaço para que os estudos sociolinguísticos concernentes à aquisição de L2 ganhassem força e contribuíssem para as pesquisas sobre este tema. Hornberger (1996 apud TARONE, 2007) faz uma divisão desta disciplina; porém, a que interessa a nossa pesquisa diz respeito à relação entre língua e variação: trata-se da maneira pela qual o contexto social (questões como idade, sexo, etnia, classe social, entre outros) influenciam o uso de estruturas linguísticas, como a fonologia, o léxico e a sintaxe, pelos falantes. Sobre a relevância de se considerar o binômio língua/variação, Meyerhoff (2010, p. 2), afirma que

² "podem, de fato, prever alguns fatos a respeito da interlíngua de uma maneira bem precisa" (tradução minha)

³ "modelam os processos cognitivos no cérebro do aprendiz de L2 como utiliza o input da L2 para criar a gramática" (tradução minha)

"the variation within and between speakers that we observe is partly the result of interactions between linguistic factors (that is, aspects of the grammar and phonology of the language) and partly the result of interactions between social factors and language (e.g. who the speaker and addressee are, whether the talks occur in a formal or informal context.) A close study variation involves taking all the social and linguistic factors into account, and for this reason the study of language variation is generally described as a form of *sociolinguistics*⁴

A relevância de se estudar a língua considerando suas variações, de acordo com a autora, diz respeito ao fato de que o próprio Labov postulou que estas poderiam e deveriam ser representadas como parte da estrutura da língua, e não externas a ela. Isto é, uma vez que as formas variadas são regularmente distribuídas pelos falantes, essa heterogeneidade estruturada deve ser um dos princípios que os falantes "sabem" quando dizem que sabem uma língua.

Entre as teorias sociolinguísticas atuais que levam em consideração a variação relacionada ao contexto social, Tarone (2007) ressalta o modelo desenvolvido por Preston (2002 apud TARONE, 2007, p. 839), que afirma haver *gramáticas* na mente do indivíduo⁵, as quais estão intrinsecamente relacionadas aos contextos linguístico e social e ao tempo. Estes, por sua vez, afetam a aquisição, por parte do aprendiz, de formas linguísticas específicas na criação de suas gramáticas, tendo como resultado a *interlíngua*.

As variações causadas pelo contexto social relacionam-se a fatores socioculturais, de acordo com Lafford (2006 apud TARONE, 2007, p. 840) como os participantes (interlocutores e outros presentes), proposta de comunicação, configuração social e normas de interação. Segundo Tarone (2007), as variações neste nível afetam as escolhas das variantes pelos indivíduos e ocorrem em ambas as gramáticas (1 e 2). Isso quer dizer que o falante fará uma escolha das formas linguísticas de que utilizará em decorrência do contexto em que se insere naquele momento.

Para Tarone (2007), "the presence of other language forms in the linguistic context may also cause the speaker to favor one variant of a language form over

⁴ "a variação que observamos entre os falantes e neles próprios é resultado tanto de interações entre fatores linguísticos (ou seja, aspectos da gramática e fonologia da língua) quanto de interações entre fatores sociais e a língua (i.e, quem são o falante e o ouvinte e se o discurso ocorre em um contexto formal ou informal). Um estudo mais aprofundado sobre a variação abrange todos os fatores linguísticos e sociais em questão, e por este motivo, o estudo da variação da língua é geralmente descrito como uma forma de *sociolinguística*" (tradução minha).

⁵ Gramática 1, relacionada à língua materna e Gramática 2, relacionada à segunda língua e "adicionada na fase adulta", conforme Tarone (2007, p.4).

another⁶" (p. 843). Exemplos clássicos deste tipo de variação, conforme a autora, são as transferências linguísticas. No tocante ao fator tempo, Preston (2002, apud Tarone, 2007, p. 844) considera que as formas linguísticas aprendidas mais cedo são mais profundas e automáticas, ao passo que aquelas aprendidas mais tardiamente exigem maior controle e atenção do falante. Outra maneira de se interpretar este fator diz respeito a como a *interlíngua* dos falantes muda com o tempo. Tarone (2007) afirma haver dois tipos de mudança: aquela em que há consciência social (*change from above*), em que as formas novas são internalizadas explicitamente, como ocorre no ambiente escolar, e aquela em que não há consciência social (*change from below*), na qual formas novas são internalizadas implicitamente, o que geralmente ocorre em ambientes informais.

Apesar do sólido arcabouço teórico sociolinguístico, alguns autores não acreditam no contexto social como fator influenciador na aquisição da L2, como os que seguem a corrente gerativista. Para estes estudiosos, a Sociolinguística não diz respeito aos conhecimentos linguísticos (competência) do indivíduo, porque variações ocorrem no campo da fala (desempenho) e da escrita. Em que pese apresentar uma postura de cunho behaviorista, Sant'anna (2003) argumenta quão importante é considerar fatores extralinguísticos, pois são eles que fornecem informações importantes sobre o falante. A autora complementa afirmando ainda que a Sociolinguística revela sua importância quando da análise da pronúncia dos aprendizes, a qual pode estar diretamente relacionada ao contexto social em que o falante encontra-se inserido.

As pesquisas sociolinguísticas são geralmente feitas a partir de entrevistas, pois intenta-se analisar a língua no contexto social, em situações reais de uso. Para a coleta dos dados, buscam-se comunidades linguísticas, que são "groups of people who interact by means of speech⁷" (BLOOMFIELD, 1933, p. 42). A análise da língua de um determinado grupo, no entanto, não leva em consideração apenas fatores linguísticos, pois os falantes se valem de outros aspectos (sociais, culturais, políticos e étnicos) para garantir sua identidade. São os chamados *marcadores de fala*, isto é, categorias sociais como idade, sexo, classe social, entre outras, que além de serem bastante marcadas no discurso, conforme Wardhaugh (2010 apud GILES, 1979), são fundamentais para a organização social: "[...] it is evident that social categories of age, sex, ethnicity, social

⁶ "a presença de outras formas de linguagem no contexto linguístico podem fazer com que o indivíduo favoreça uma forma variante em detrimento da outra" (tradução minha).

⁷ "grupos de pessoas que interagem por meio do discurso"

class and situation can be clearly marked on the basis of speech and that such categorization is fundamental to social organization even though many of these categories are also easily discriminated on other bases⁸" (p. 120).

A consideração destes fatores, para Weinreich (1953), deve-se ao fato de o linguista refutar que os estudos acerca do contato linguístico sejam feitos a partir de uma perspectiva puramente linguística. Para tanto, ele afirma que se faz necessário considerar o bilinguismo e fenômenos a ele relacionados, além de investigar o uso concreto da língua pelos falantes. De acordo com o próprio, os estudos estritamente linguísticos acerca do contato de línguas devem ser coordenados com estudos extralinguísticos do bilinguismo e de áreas afins ao afirmar que "the linguist who makes theories about language influence but neglects to account for the sociocultural setting of the language contact, leaves the study suspended"⁹ (WEINREICH, 2011, p. 32)

Os fatores extralinguísticos que influenciam a fala dos indivíduos e levados em consideração por Weinreich (1953) são a idade, o sexo, a raça, a posição social e o grau de escolaridade. Tais fatores são de ordem sociocultural, pois ocorrem em uma comunidade específica e estão relacionadas tanto ao falante quanto à situação em que este se encontra (ou aos dois simultaneamente).

De acordo com Pretti (1994), baseando-se em Weinreich (1953), a idade está relacionada com a maneira pela qual os indivíduos se expressam, sendo um indicador do uso de estruturas específicas. Além desse aspecto, também deve ser considerado nesta pesquisa um fator igualmente relevante em se tratando de aquisição e aprendizagem da língua estrangeira e segunda língua. De acordo com alguns autores, entre eles, Krashen (1982) - que opta pelas nomenclaturas *aprendizagem* e *L2* - a idade é inversamente proporcional à capacidade de aprendizagem da L2: quanto mais novo for o indivíduo, mais similar será sua fala à de um nativo e, conseqüentemente, quanto mais idoso, menor será esta capacidade. Lenneberg (1967 apud KRASHEN, 1982) ainda propôs um período crítico de aquisição e aprendizagem - a puberdade: passada esta fase, a aprendizagem da L2 pelo falante não será tão proveitosa e estará "comprometida". No que diz respeito à fala dos indivíduos em relação ao sexo, de acordo com Pretti (1994),

⁸ "[...] é evidente que categorias como idade, sexo, etnia, classe social e contexto podem ser claramente marcados no discurso e que tais categorizações são fundamentais para a organização social, embora muitas delas sofram discriminação facilmente" (tradução minha)

⁹ "o linguista que elabora teorias acerca da influência linguística negligenciando o contexto sociocultural do contato entre línguas, deixa o estudo suspenso" .

as diferenças ocorrem mais no campo vocabular, devido a certos tabus sociais, os quais redundam em tabus linguísticos. No que concerne às estruturas fonológicas, não há registros de diferenças entre ambos os sexos.

No tocante aos demais fatores, a *raça* diz respeito às estruturas relacionadas ao aspecto etnológico no indivíduo; quanto à *posição social* do indivíduo, tem-se uma determinada linguagem, sendo que, quanto mais escolarizado for o sujeito, mais próximo se encontrará da língua "padrão". Weinreich (1953) afirma que estes fatores influenciam em maior ou menor grau para que haja interferências linguísticas na L2.

Weinreich (1967 apud YOUSSEF, 2010) ainda considera a relação entre os falantes bilíngues (e as línguas por eles utilizadas) e os fatores não estruturais (extralinguísticos) que devem ser considerados no estudo do contato entre línguas e o fenômeno da *interferência*, que são:

- a) facilidade em se expressar verbalmente e habilidade em distinguir as línguas em questão;
- b) proficiência em cada uma das línguas;
- c) modo de aprendizagem de cada língua;
- d) atitudes em relação às línguas (se é estereotipada ou idiossincrática)

(YOUSSEF, 2010, p.8)

O linguista também considera outros fatores quando a investigação envolve grupos bilíngues, no entanto, por não se tratar do caso de nossa pesquisa, não nos aprofundaremos neste tópico específico.

O ponto de vista sociolinguístico de Weinreich (1953) acerca do fenômeno da interferência leva em consideração o contato entre as línguas e fatores de ordem também extralinguística, conforme acredita Siemund (2008, p.7) "language contact appears to be influenced by various social parameters of the contact situation, the modules or levels of the languages involved (phonology, morphology, etc) as well as the overall architecture of the languages in contact¹⁰".

Tendo em vista a importância dos fatores socioculturais, acreditamos que a junção destes aos linguísticos nos estudos sobre o contato entre línguas e da

¹⁰ "o contato linguístico aparenta ser influenciado por parâmetros sociais da situação de contato, dos módulos ou níveis das línguas envolvidas (fonologia, morfologia, etc) bem como da arquitetura geral das línguas em contato" (tradução minha).

interferência devem ocupar posição central nas pesquisas acerca deste tema. A consideração de fatores estruturais deixa incompleta a análise do referido fenômeno e, conforme acima mencionado por Weinreich (1953), "deixam o estudo em suspenso".

1.1 A Teoria Variacionista

Labov (2008) foi o precursor da teoria de uma visão da língua como fato social. O objeto de estudo de seu modelo é a variação, como reitera Meyerhoff (2010) "the most commonly studied data among sociolinguists are those representing speaker's performance - the way they actually use language¹¹" (p. 2). Cavalcante (2007) ressalta, porém, que uma comunidade linguística não se caracteriza pelo simples fato de se constituir de sujeitos que falam da mesma maneira, mas "por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras" (p.246).

A proposta de Labov (2008) é de que o uso da língua pelos falantes relaciona-se a diversas variáveis. O linguista faz uma associação entre a análise dos dados linguísticos com os grupos de fatores extralinguísticos (isto é, as variantes sociais), como formalidade do discurso, faixa etária, sexo, nível socioeconômico e grau de escolaridade dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Esse modelo de análise resultou na chamada *Teoria Variacionista*.

As variantes linguísticas, de acordo com Tarallo (2002, p.8), são os diversos modos de se dizer a mesma coisa (em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade), com o mesmo significado; o conjunto de variantes, por sua vez, constitui as *variáveis linguísticas*. No estudo de qualquer comunidade linguística, a constatação primordial deverá ser a existência de variedades linguísticas e, no intuito de que os resultados sejam os mais fiéis possíveis à teoria variacionista, o pesquisador deve responder aos seguintes questionamentos: *por quê, quando, onde e por quem* a variante foi utilizada?

A abordagem deste modelo teórico para o estudo da aquisição de L2 foi considerada de extrema relevância por Bayley (2005). O autor não apenas argumenta que os conceitos variacionistas costumavam ser mal interpretados (e por isso eram

¹¹ "os dados mais comumente estudados entre os sociolinguistas são os que representam o desempenho do falante - o uso real que fazem da língua"

escassos nos estudos de aquisição) como também elenca algumas contribuições deste modelo para as pesquisas relacionadas a L2:

First, variationist linguistics offers a clear way to study the effects of language transfer [...] The detailed study of linguistic variation provides a way to test empirically the effect of the first language on speaker performance on a wide range of variables. Second, the detailed analyses of forms produced by [...] speech communities around the world provide a much more realistic view of how the target languages function than do traditional grammars. Empirical studies conducted in the target language community are important for understanding transfer as well as for understanding acquisition, particularly in communities where learners receive much of their input from speakers of non-standard varieties. Third, variationist analysis provides a means of testing whether SLA involves a process of repeated restructuring [...] or whether it proceeds gradually along a multi-dimensional continuum¹²(p. 3-4)

Com base no autor, podemos afirmar que a teoria variacionista é uma linha de pesquisa que, além de examinar os padrões de variação na aquisição de L2, oferece maneiras de se entender como o aprendiz reage ao processo que vai além da sala de aula.

Desta forma, a partir da aliança dos estudos sociolinguísticos variacionistas à aquisição de L2 (mais especificamente à questão da *interferência*), basearemos nossa pesquisa no modelo laboviano. É importante ressaltarmos que, muito embora utilizemos como base teórica e metodológica uma abordagem qualitativa de nossos dados (e não, quantitativa, conforme o modelo de Labov), não nos afastamos da ideologia deste autor, uma vez que nosso objeto de estudo se respalda na variação da língua no contexto social da comunidade de fala. Saliente-se também que, devido a um número relativamente pequeno de informantes (considerando-se os padrões labovianos para uma análise

¹²"Primeiro, a linguística variacionista oferece uma maneira clara de se estudar os efeitos da transferência linguística [...] O estudo detalhado da variação linguística fornece um modo de testar empiricamente os efeitos da língua materna sobre o desempenho do falante a uma vasta gama de variáveis. Segundo, as análises detalhadas de formas produzidas por [...] comunidades de fala oferecem uma visão muito mais realista de como as línguas alvo funcionam do que as gramáticas tradicionais. Estudos empíricos realizados na comunidade da língua-alvo são importantes para a compreensão da transferência, bem como para a aquisição de conhecimento, particularmente em comunidades onde os aprendizes recebem grande parte de seu *input* de falantes que apresentam variedades não-padrão. Terceiro, a análise variacionista fornece um meio de testar se a aquisição L2 envolve um processo de reestruturação repetida [...], ou se procede gradualmente ao longo de um contínuo multidimensional" (tradução minha).

quantitativa), nossos resultados são qualitativos. Isto é, fizemos uma interpretação qualitativa, partindo dos dados fornecidos pelo programa estatístico.

Por fim, conforme aponta Meyerhoff (2010) "although qualitative research characteristically does not focus on patterns of linguistic variation or employ quantitative methods [...], it continues to exert an important influence on variationist theory¹³" (p. 2).

1.2 Bilinguismo e línguas em contato

O contato entre línguas data de milhares de anos, provavelmente desde o começo da história da humanidade - ou, ao menos, a partir do momento em que os seres humanos começaram a se expressar em duas línguas. De acordo com Thomason (1988) este contato foi o resultado natural dos deslocamentos dos nossos antepassados: eram bastante frequentes as migrações para locais onde sociedades não haviam se estabelecido. A convivência entre grupos oriundos de regiões distintas, então, obrigava os indivíduos a se comunicarem entre si, seja para fins de comércio e troca ou mesmo por interesses matrimoniais.

Partindo para o período histórico, que se inicia a partir do advento da escrita em 4000 a.C. com o povo sumério, já é possível identificarmos contatos entre línguas através de registros escritos. A mais conhecida pela humanidade são as inscrições bilíngues na Pedra Rosetta, que datam de 196 a.C e possuem três versões do mesmo texto: em hieróglifos egípcios, em símbolos egípcios cursivos chamados "demóticos" e em língua grega.

Na idade medieval, sabe-se que o latim fora amplamente utilizado pela Igreja Romana, muito embora não fosse a língua oficial da maioria dos países da Europa. Havia-se, no entanto, a preocupação em aprendê-la para fins de leitura e compreensão da Bíblia. Com o tempo, devido ao contato entre as demais línguas europeias da época e o latim, novas línguas foram se formando em toda a região da Europa Ocidental e, dentro deste contexto histórico - durante o século X - iniciaram-se as produções culturais nas línguas regionais, dentre elas, o português.

¹³ "embora a pesquisa qualitativa não tenha por foco os padrões da variação linguística empregando métodos quantitativos [...] ela continua a exercer influência relevante na teoria variacionista"

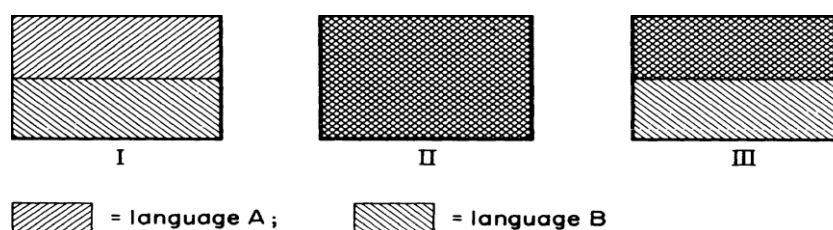
Apesar da concretude do contato linguístico, Appel e Muysken (1987) acreditam que a definição deste termo pode ser complexa, tendo em vista que a definição de "língua" é algo abstrato. De acordo com os autores, se quisermos conceituar tal processo, faz-se mister definirmos a natureza, a escala e o grau desse contato e determinar quem entra em contato com quem: indivíduos, famílias, comunidades ou sociedades inteiras" (1987, p.11). O certo é que a situação de contato entre línguas leva ao bilinguismo, ainda conforme os autores acima, e provoca mudanças estruturais nas línguas envolvidas no contato.

A identidade cultural e linguística leva os grupos a quererem se sobrepôr ao outro numa tentativa de imposição de suas crenças, seus valores e sua língua. No período histórico, isso era feito através da subjugação, da escravidão ou do extermínio da civilização inimiga. Atualmente, as culturas consideradas "dominantes" o fazem a partir da intolerância, do preconceito e da discriminação contra os grupos minoritários.

Ainda que a globalização tenha permitido um maior esclarecimento das pessoas quanto à tolerância e aceitação da miscigenação linguística e cultural, o contato entre línguas, de maneira um pouco mais velada, continua sendo uma questão controversa. Tal contato pode não ser problemático quando há o convívio pacífico entre os falantes, ou trazer más consequências a partir do momento em que existe o preconceito contra os falantes da língua considerada de "menor prestígio".

Tendo em vista a situação acima citada, o que ocorre é o chamado bilinguismo social (*societal bilingualism*). Conforme apontam Appel e Muysken (1987), em quase todas as sociedades podem-se, distinguir o grau ou forma de bilinguismo, como segue no esquema dos autores:

Ilustração 1: Esquema de Appel e Muysken (1987, p.9)



No quadro I, percebe-se que se trata de uma situação em que dois grupos distintos falam línguas distintas e cada grupo é monolíngue. Alguns poucos indivíduos

se encarregam de realizar o contato entre os membros do outro grupo. Este tipo de bilinguismo social ocorreu com os países que foram colônias. O quadro II revela uma situação em que todos os indivíduos são bilíngues, a exemplo de sociedades como a Índia e de alguns países africanos. O terceiro quadro revela um tipo de bilinguismo social em que um grupo é monolíngue e o outro é bilíngue. Na maioria dos casos, de acordo com Appel e Muysken (1987), este último grupo formará uma minoria, não em termos numéricos ou estatísticos, mas no sentido sociológico - será o "não-dominante" ou "oprimido".

Obviamente, estes três tipos de bilinguismo não existem em uma forma determinante e pura, tendo em vista a mescla cultural do mundo em que vivemos. A situação linguística da maioria dos países revela-se ainda mais complexa, geralmente envolvendo mais de dois grupos e mais de duas línguas. Tal classificação, no entanto, mostra-se útil quando se intenta manter uma tipologia ideal para a descrição de sociedades bilíngues complexas.

Podemos exemplificar superficialmente as três definições acima recorrendo às situações citadas por Thomason (1988). Embora o Canadá apresente duas línguas oficiais (o inglês e o francês), é constatada uma intolerância por parte dos falantes de ambos os lados. São poucos os habitantes bilíngues e estes são considerados "traidores", de acordo com a autora, caso aprendam a língua do outro, situação apontada pelo quadro I.

A língua de uma cultura minoritária passa a ser uma característica identificadora do grupo e motivo de preconceito contra ele por parte do grupo dominante. É o caso das nações bilíngues que possuem uma língua oficial - a qual nem sempre é compartilhada por todos os indivíduos. É o que acontece com os habitantes de Miami, cidade na qual o espanhol tem presença maciça, mas enfrenta preconceito por parte dos falantes de língua inglesa. Esta seria a situação do quadro III proposto por Appel e Muysken (1987).

O prestígio de uma língua sobre a outra ocorre, conforme Romaine (1995), porque "where more than one language exists in a community, they are rarely equal in status. Language and language varieties are always in competition, and at times in

conflict"¹⁴ (p.14). Isso porque a escolha por uma das línguas está relacionada, sobretudo, a fatores de divisão política e social.

Como exemplo da situação II, Thomason (1988) cita o Paraguai, país no qual duas línguas também são utilizadas harmoniosamente por seus habitantes: o espanhol e o guarani. Contrariamente ao exemplo anterior, a população deste país se orgulha de seu bilinguismo, pois é o único que possui o guarani como língua vigente juntamente com o idioma espanhol.

O contato linguístico entre culturas distintas existe desde tempos primórdios e, ainda conforme a autora, não há evidências de que uma língua tenha se desenvolvido em total isolamento sem nunca ter tido interagido com outro idioma, outra cultura. O resultado mais comum desse contato diz respeito à mudança de uma ou de todas as línguas envolvidas: geralmente, mas não via de regra, pelo menos um dos idiomas terá influência sobre o outro. O resultado mais comum dessa influência é o empréstimo de palavras.

As implicações do empréstimo vocabular, no entanto, podem revelar-se assimétricas, pois, como afirma Thomason (1988): "the presence of numerous loanwords is a sure sign of contact with the donor language, but the absence of numerous loanwords does not necessarily point to lack of contact" (p.15). E não apenas as palavras são emprestadas, mas todos os aspectos da estrutura da língua - fonologia, morfologia, sintaxe e semântica - estão sujeitas à transferência de um idioma para outro, dadas as circunstâncias da miscelânea social e linguística.

É importante ressaltarmos também a possibilidade de, em situações novas de contato, os grupos envolvidos não aprenderem a língua do outro, seja pela falta de oportunidade ou pelo simples fato de não se interessarem. Nesse contexto, o contato restrito favorece a emergência do chamado *pidgin*, usada estritamente como uma língua secundária para fins específicos, ou o *crioulo*, que surge, em primeira instância, como a língua principal da comunidade.

O vocabulário surgirá destas novas formas linguísticas que derivam primordialmente da língua do grupo predominante. As gramáticas, por sua vez, a exemplo do *pidgin* e do *crioulo*, os quais surgem em contextos multilíngues, não são derivadas de uma única língua: elas surgem a partir da combinação de uma série de

¹⁴ "nas comunidades onde existem mais de uma língua, estas raramente possuem o mesmo status. Línguas e suas variedades estão sempre em competição, e muitas vezes em conflito"

fatores decorrentes do contato ou mesmo através da preferência dos indivíduos, talvez pela relativa facilidade de se aprender o termo.

Enfim, independentemente do resultado acarretado pela troca linguística, as sociedades sempre se preocuparam em manter contato com povos vizinhos por interesses comerciais, pacíficos ou bélicos, pois, para elas, era relevante estar em sintonia com os acontecimentos extraterritoriais. Para tanto, recursos diversos foram desenvolvidos no intuito de garantir a sua atualização, a comunicação e, sobretudo, manter-se interligado com o resto do mundo.

O natural progresso e desenvolvimento da humanidade ao longo dos séculos culminou na invenção e elaboração de dispositivos que otimizassem o tempo e fossem eficazes e convenientes para as pessoas. Assim, tecnologias como o telefone e o computador, por exemplo, foram de extrema relevância nesse contexto, devido à rapidez e eficiência com que operavam. Mais tarde e no decorrer dos dias atuais, podemos dizer que estes aparelhos são imprescindíveis para o funcionamento dos mais variados setores da sociedade. Desta forma, a facilidade de comunicação e a troca de informações contribuíram para uma maior globalização, característica marcante dos tempos atuais.

Assim, é de fácil constatação que os séculos XX e XXI foram marcados pela modernização dos aparatos tecnológicos. Estes buscaram facilitar e agilizar a comunicação entre as culturas de todo o mundo, culminando na intensificação do intercâmbio de informações entre os povos.

Tendo em vista que os mais variados aspectos de nossa realidade, como o entretenimento, a economia, a tecnologia e até mesmo a educação já se revelam deveras globalizados, a necessidade de adquirir informações e a busca pelo conhecimento acarretaram em um maior interesse da população em se especializar e aprender novos idiomas.

Desta forma, seja através de institutos de idiomas ou por meio de intercâmbios culturais, os quais promovem a imersão das pessoas em uma cultura diferente e o contato direto com a língua estrangeira, tornou-se bastante comum, se não fundamental, ter o domínio de outro (ou outros) idioma(s). Tal fato pode ser comprovado pelo aumento exponencial de cursos específicos e de anúncios publicitários e propagandas destes acerca da relevância de sermos, no mínimo, bilíngues.

O que caracteriza, porém, um indivíduo bilíngue, não é ponto consensual entre os teóricos. É fácil de compreender o que bilinguismo significa, segundo Appel e

Muysken (1987). Contudo, definir se uma pessoa é ou não bilíngue depende de muitos fatores. Inicialmente parece-nos fácil conceituar "bilinguismo", no entanto, este termo se revela confuso, pois é frequentemente utilizado para fazer referência a coisas distintas.

Romaine (1995) aponta que os estudiosos de disciplinas as quais se relacionam diretamente com o bilinguismo tendem a focar em alguns aspectos e negligenciar outros. Psicólogos, por exemplo, investigam o efeito deste fenômeno a partir de processos mentais, ao passo que os sociólogos o tratam como um elemento em conflito cultural que tem por consequência uma heterogeneidade, resultado de um fenômeno social. Na área educacional, o bilinguismo é visto primordialmente como um elemento imprescindível para a comunicação entre culturas.

A partir do século XX, a conceituação de "bilinguismo" tornou-se ainda mais difícil e cada vez mais ampla, pois várias dimensões passaram a ter relação em sua definição. Quando questionadas sobre o que é bilinguismo, as pessoas o conceituam, frequentemente, como "a habilidade de um indivíduo em se comunicar bem em duas línguas".

Considerando não apenas o processo linguístico do fenômeno, Flory e Souza (2009) constataam que o bilinguismo também remete às esferas "política, social, econômica, individual" (p. 10) e no fato de as línguas e as culturas envolvidas se relacionarem sem qualquer tipo de intolerância ou preconceito.

Em que pesem as diferentes situações de bilinguismo (vide Ilustração na pg. 27) levarem ao mesmo ponto, conforme as autoras, alguns linguistas percebem o bilinguismo de maneiras diferentes, chegando a ser até bastante divergentes. Bloomfield (1933) teoriza simplificadaamente que um indivíduo bilíngue é aquele que possui o controle de duas línguas de maneira semelhante a um nativo. Haugen (1969 apud GROSJEAN, 1982), de forma um pouco mais esclarecedora, entende bilinguismo a partir do desempenho oral do falante, da fluência: "bilingualism [...] is understood here to begin at the point where the speaker of one language can produce complete, meaningful utterances in the other language" (p. 235)

Appel e Muysken (1987) consideram improdutivo definir um falante bilíngue considerando apenas sua proficiência. Isso porque, de acordo com os autores, é impossível estabelecer-se uma norma geral ou padronizar a proficiência. Então, preferem definir o bilinguismo sob o viés sociológico de Weinreich (1953): a prática de

se usar duas línguas alternadamente caracteriza o bilinguismo, e as pessoas envolvidas nesse processo são chamados *bilíngues*.

Também baseando o conceito de bilinguismo no uso, Grosjean (1982) define um sujeito bilíngue a partir da constância com que este faz da língua (ou das línguas) no dia a dia. O autor considera que todo tipo de uso da L2 é válido, ainda que o falante o faça com dificuldade. Macnamara (1969 apud GROSJEAN, 1982), por sua vez, afirma que "a bilingual is a person who possesses at least one language skill even to a minimal degree in the second language¹⁵" (p. 235). Isto é, se o indivíduo conseguir se comunicar na L2 fazendo uso de alguma das habilidades (ouvir, falar, ler, escrever), pode ser considerado bilíngue.

No tocante a estas quatro habilidades linguísticas, os falantes capazes de se utilizarem de ambas as línguas igualmente bem nestes domínios sem que haja traços de uma língua em outra são denominados *ambilíngues* por Halliday, McIntosh e Stevens (1968 apud ROMAINE, 1995, p. 31).

Partindo destas considerações e sem saber ao certo estabelecerem uma definição consensual acerca do bilinguismo, os autores ainda elencaram eventuais problemas no tocante à classificação de um sujeito bilíngue: como devemos classificar um indivíduo que entende uma língua estrangeira, mas não faz uso oral dela perfeitamente? Da mesma forma, conforme questiona Megale (2005), o que dizer de um indivíduo que se expressa oralmente, mas não tem bem desenvolvidas outras habilidades, como a de ouvir ou de escrever?

Nas décadas de 60 e 70, deu-se grande ênfase à abordagem comunicativa, cujo foco era a habilidade oral, pois acreditava-se que um bilíngue deveria ter uma excelente pronúncia e capacidade de se comunicar. No entanto, conforme afirma Romaine (1995), a noção da competência comunicativa, quando analisada sob o prisma da sociolinguística, deve ser considerada um tipo diferente de habilidade. Tendo em vista que a competência comunicativa está relacionada com as regras gramaticais e o uso destas em circunstâncias sociais adequadas, é possível que o falante bilíngue apresente defasagem em alguns aspectos em uma das línguas.

Ou seja, é bastante comum que o bilíngue demonstre ter uma excelente competência comunicativa, mas lhe falte o "controle produtivo" na língua estrangeira.

¹⁵ bilíngue é o indivíduo que possui pelo menos uma habilidade linguística, ainda que em um grau mínimo, na segunda língua".

Dorian (1982 apud ROMAINÉ, 1995) classifica este o tipo de falante de *semi-bilíngues*: os falantes apresentam boa fluência, mas não conseguem adaptá-la corretamente a contextos sociais. A falha apontada por Romaine (1995) acerca da competência comunicativa concerne ao seu foco nas regras gramaticais quando isoladas de seu contexto de uso.

A partir dos questionamentos dos autores acima citados e da dúvida apontada por Romaine (1995) quanto à eficácia da abordagem comunicativa, é perceptível que o bilinguismo pode ser entendido sob várias perspectivas. Os estudiosos, a seguir, baseiam-se em dimensões na tentativa de melhor delimitar as categorias que envolvem a conceituação deste termo. Para este fim, respaldamos-nos sobretudo nas concepções de Appel e Muysken (1987), Romaine (1995), Megale (2005) e Flory e Souza (2009).

Segundo Megale (2005), as concepções multidimensionais "não apenas são embasadas nas teorias de comportamento linguístico, como também levam em consideração noções oriundas de diversas disciplinas: psicologia, sociolinguística, sociologia e linguística" (p.7)

Assim, Butler e Hakuta (1998 apud FLORY & SOUZA, 2009) apresentam quatro dimensões gerais que definem critérios para se considerar um indivíduo bilíngue. São elas: as dimensões linguística, cognitiva, desenvolvimental e social.

Seguindo o mesmo raciocínio dos autores acima, Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005) apresentam praticamente as mesmas definições para os quatro critérios de Butler e Hakuta (1998 apud FLORY & SOUZA, 2009), apesar da nomenclatura distinta (competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição e status das línguas envolvidas) e elencam mais dois: presença ou não de indivíduos falantes da segunda língua no ambiente em que se encontram e identidade cultural. Assim sendo, faremos uma abordagem, inicialmente, dos quatro critérios cujas definições dos autores se assemelham, e depois explanaremos acerca dos outros dois de Harmers e Blanc (1998 apud FLORY & SOUZA, 2009).

A proficiência de línguas, questionamento outrora levantado por Barker e Prys Jones (1998 apud MEGALE, 2005), é o critério que se encontra dentro da linguística/competência relativa e a partir do qual se classificam os falantes bilíngues em *balanceados* ou *dominantes*. O primeiro diz respeito aos indivíduos que possuem proficiência semelhante nas duas línguas; o segundo, aos que possuem mais proficiência em uma língua.

A falha apontada por Flory e Souza (2009) no tocante a estas classificações, concerne ao acesso à língua - com o qual a proficiência se relaciona diretamente - condição bastante variável e subjetiva. As autoras também ressaltam que o bilíngue balanceado não possui o alto nível de competência nos idiomas, mas sim, ele atingiu um nível equivalente em ambos (independentemente de esse nível ser alto ou baixo).

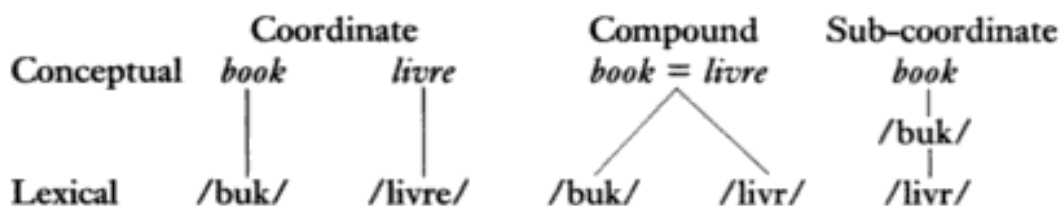
A dimensão cognitiva, denominação idêntica dada pelos autores, relaciona-se à organização dos códigos linguísticos e classifica o bilinguismo em:

- a) composto: quando dois sistemas linguísticos estão relacionados ao mesmo significado. Por exemplo, "casa" e "house" relacionam-se ao mesmo significado;
- b) coordenado: quando cada código linguístico se organiza separadamente em dois conjuntos de unidades de significado;
- c) subordinado ou subcoordenado: quando os dois códigos linguísticos da segunda língua são interpretados por intermédio da primeira.

De acordo Weinreich (1968 apud ROMAINE, 1995) a diferença fundamental entre o bilíngue composto e o coordenado é que o primeiro apresenta um conjunto de significados para um signo e dois sistemas linguísticos relacionados a ele, enquanto o segundo apresenta dois tipos de significados e dois sistemas linguísticos relacionados a eles. O bilíngue subordinado, porém, apresenta um conjunto de significados estabelecidos por sua língua materna e um outro sistema linguístico a ele relacionado.

Para ilustrar sua teoria, o autor busca demonstrar como o conceito "livro" pode ser associado de maneiras distintas a suas representações fonológicas. O exemplo dado pelo linguista baseia-se na concepção de um falante bilíngue das línguas inglesa e francesa. Ele assume um modelo hierárquico de armazenamento no qual as palavras possuem dois níveis de representação: o lexical e o conceptual.

Ilustração 2: Níveis de Representação das Palavras segundo Weinreich



(ROMAINE, 1995, p. 79)

Esta categorização proposta por Weinreich (1968), sobretudo a que diz respeito aos bilíngues compostos e coordenados, levantou questionamentos por parte de outros linguistas, os quais afirmam que as diferenças entre os dois tipos de bilinguismo em questão são mínimas e até mesmo irrelevantes.

Apesar de apresentar resultados divergentes, este tipo de pesquisa revela que podemos (e devemos) relativizar e estabelecer critérios quanto à categorização do bilinguismo. Contudo, precisamos ter em mente que variados fatores fogem à capacidade de análise, como os sociais e os interpessoais, sobre os quais não nos resta outra opção, a não ser desconsiderá-los.

A dimensão desenvolvimental/idade de aquisição, como o último nome já sugere, diz respeito à idade dos indivíduos no momento da aquisição da segunda língua. A relevância em se considerar a idade de aquisição diz respeito aos fatores inerentes ao bilíngue (e aos seres humanos em geral) como o desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo e cultural.

Butler e Hakuta (2000 apud FLORY & SOUZA, 2009) denominam *bilíngues precoces* os falantes que adquiriram a segunda língua na infância e *bilíngues tardios* aqueles que a adquiriram na fase adolescente ou adulta. Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005) trazem definição semelhante para os bilíngues, mas ainda subdividem o bilinguismo infantil em simultâneo e consecutivo.

Tendo em vista que os informantes que compuseram nosso *corpus* se enquadram na categoria dos *bilíngues tardios*, pois tiveram contato com a língua portuguesa na fase adulta, não nos estenderemos nesta última classificação. Faremos, no entanto, uma abordagem um pouco mais aprofundada sobre a idade de aquisição e, mais adiante, classificaremos os informantes nos capítulos seguintes acerca do "tipo" de bilinguismo em que se enquadram.

O critério da dimensão social está relacionado ao *status* das línguas na sociedade. Então, temos o chamado *bilinguismo de elite*, que diz respeito aos sujeitos que falam a língua dominante da sociedade na qual estão inseridos e uma outra língua que lhes confere prestígio; e o *bilinguismo popular*, grupos linguísticos menores cujo idioma não possui status perante o meio em que vivem.

Para Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005), o *status* da língua é o que irá definir a maneira pela qual o indivíduo desenvolverá o bilinguismo. Sendo assim, para estes autores, a classificação do bilinguismo será um pouco diferente da anterior.

Eles chamam de *bilinguismo aditivo* quando os dois idiomas têm o mesmo "valor" no desenvolvimento cognitivo da criança, isto é, não há prejuízo para a língua materna quando da aquisição da segunda língua. No *bilinguismo subtrativo*, a aquisição da segunda língua ocorre em detrimento da língua materna.

No tocante à identidade cultural, critério também proposto pelos autores supracitados, os indivíduos são classificados em bilíngues *monoculturais* (aqueles que se identificam com apenas um dos grupos em questão), *biculturais* (como a nomenclatura já sugere, se identifica com ambos) *aculturais* (quando abdicam de sua identidade primeira, a qual se relaciona com a língua materna, e adota a cultura dos falantes da língua estrangeira) e *desculturais* (os quais renunciam de sua própria identidade cultural, mas também não consegue adotar e se identifica com a outra cultura) (MEGALE, 2005, p. 5).

Mackey (1968 apud ROMAINE, 1995) aponta que o bilinguismo não se trata de um fenômeno da língua, mas antes, do uso que os falantes dela fazem. Ela considera o fenômeno em questão como o uso alternado de duas ou mais línguas e também se utiliza de quatro critérios em sua definição de bilinguismo: o grau de proficiência, a função e o uso das línguas, a alternância do código e a interferência.

Em poucas palavras, a autora acredita que estes critérios são fundamentais para a definição do bilinguismo porque, primeiro, o conhecimento que o indivíduo possui das línguas não necessariamente se equivale nos níveis linguísticos. É o típico caso do falante que apresenta um vocabulário amplo, mas uma grande defasagem na pronúncia. E segundo, porque as circunstâncias em que o indivíduo faz uso de duas línguas, bem como a frequência com que ele alterna entre ambas e como uma língua interfere na outra são fatores determinantes para a classificação correta do tipo de bilinguismo.

Apesar de se valerem dos critérios dimensionais para a análise do bilinguismo, Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005) afirmam haver falhas, sendo a principal delas o fato de só ser levada em consideração a competência linguística do indivíduo. Também, segundo Megale (2005), outras dimensões importantes são ignoradas, como questões individuais e sociais e o mais discutível, o fato de não serem embasadas por teorias de comportamento linguístico. A autora aponta os princípios básicos do comportamento linguístico de Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005, p. 7), que são:

a constante interação de dinamismos sociais e individuais da língua, os complexos processos entre as formas de comportamento linguístico e as funções em que são utilizados, a interação recíproca entre língua e cultura - auto reguladores que caracterizam todos os comportamentos de ordem elevada - e conseqüentemente a língua e a valorização que é central para toda esta dinâmica de interação.

Tais concepções não apenas consideram o comportamento linguístico, como também partem para noções advindas de outras disciplinas, afora a linguística - a psicologia e a sociolinguística. Desta forma, faz-se necessário estudar o bilinguismo, tendo em vista sua complexidade de diversos pontos de vista com respaldo de outras disciplinas e considerando-se questões individuais e sociais.

Por fim, acreditamos que as dimensões acima mencionadas e sugeridas pelos autores mostram-se relevantes no sentido de que esclarecem leigos e estudiosos no assunto sobre como classificar um sujeito bilíngue, bem como não consideram apenas fatores linguísticos.

Tomaremos os critérios multidimensionais de Harms e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005) como base para a classificação dos informantes de nossa pesquisa (sobre os quais explicitaremos no capítulo III) por se mostrarem mais completas e elucidativas. Tendo em vista a subjetividade e inconsistência dos aspectos individuais e sociais envolvidos na questão da aquisição da segunda língua, tais fatores não serão considerados na classificação de bilinguismo dos indivíduos.

1.3 Interlíngua e Fossilização

Muito embora haja registros antigos de bilinguismo na história da humanidade, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira tardou em ser alvo de investigação. Pesquisas acerca da aquisição de uma L2 são relativamente recentes - datando a partir das décadas de 60 e 70 - e visaram a descrever e a explicar sobre o modo pela qual tal aprendizagem ocorria através de um "monitoramento" destes por um determinado período. Larsen-Freeman (1991) explica que se trata de um processo no qual se faz uma análise "[...] of the speech data of learners collected at a regular common developmental stages in their acquisition of certain structures¹⁶" (p.2). Ou seja, partia-se da coleta da fala dos aprendizes no ambiente da sala de aula ou em outros ambientes no país da língua estrangeira com respaldo de uma Análise Contrastiva. Esta metodologia, de cunho descritivo-comparativo, tem por objetivo indicar as semelhanças e diferenças entre os sistemas linguísticos envolvidos, bem como identificar em que nível as interferências ocorrem na L2.

A utilização deste método, contudo, encontrou dois entraves: o primeiro concerne à complexidade acerca da definição de "língua", como outrora mencionado por Appel e Muysken (1987). Por se tratar de algo abstrato e, sobretudo, dinâmico, os pesquisadores optaram em ater-se a aspectos (erros) mais específicos. O segundo diz respeito à descoberta de que fatores extralinguísticos exerciam grande influência no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, dificultando a delimitação dos estudos sobre a aprendizagem.

Apesar destas limitações, um novo tipo de pesquisa que abarcasse as variáveis extralinguísticas envolvidas se fazia necessário. Desta forma, em substituição à Análise Contrastiva, passou-se a empregar os *estudos longitudinais*. Trata-se de uma metodologia que permite identificar variações nos elementos analisados por um longo período de tempo. A utilização deste método nas pesquisas sobre aprendizagem possibilitou verificar aspectos a ela relacionados, embora não tenha permitido esquematizar, até então, sobre como ocorre o aprendizado dos indivíduos falantes de uma L2.

¹⁶ "[...] dos dados da fala dos aprendizes, coletados em um período regular durante seu desenvolvimento e estágio de aquisição de certas estruturas"

A *aprendizagem* de um idioma estrangeiro, como anteriormente mencionado, pode ocorrer de maneira sistemática através do estudo formal em cursos específicos ou aulas particulares, ou apenas pela imersão na cultura nativa e a convivência com os falantes locais, o que caracteriza a *aquisição*.

Existe um consenso de que saber bem uma língua significa ter um bom domínio dela, o que implica, no mínimo, expressar-se sem titubeios e hesitações. De maneira um pouco mais aprofundada, um bom conhecimento de uma L2 envolve as mesmas habilidades de saber a língua materna ou ao menos entender o que se ouve e falar com coerência, ainda que haja alguma defasagem na área gramatical.

O método comunicativo, motivo pelo qual se originaram os estudos longitudinais é uma abordagem que visa ao aprendizado da língua explorando-se a comunicação a partir de situações cotidianas. A partir da competência comunicativa, os aprendizes são capazes de interagir com outras pessoas fazendo uso constante da linguagem.

Tal abordagem constitui-se de elementos tanto estritamente linguísticos quanto sociolinguísticos. Tendo em vista os princípios do método comunicativo, o papel do professor é estimular os alunos a aprimorarem sua fluência e precisão na pronúncia a partir destes componentes. E ainda que o aprendiz não venha a aprender a L2 formalmente, suas preocupações fundamentais são entender aquilo que ouve e aprender a se comunicar eficientemente, isto é, adquirir fluência, como afirma Ellis (2008, p.1) "quando aprendemos uma língua naturalmente, o fazemos com foco no que queremos dizer (o significado)".

Os estudos longitudinais, do ponto de vista dos docentes, puderam ser-lhes muito úteis, uma vez que propiciaram a identificação das dificuldades dos alunos e o entendimento de como a aprendizagem da L2 ocorre, sobretudo, com vistas a analisar os erros inevitáveis durante o processo.

Independentemente da maneira de aprendizagem, estes erros são recorrentes. Corder (1981), que outrora acreditava nos erros como interferências previsíveis (mas que deveriam ser superados a partir de exercícios e *drillings* exaustivos), reconheceu posteriormente que estes são relevantes porque revelam a maneira pela qual a língua é aprendida pelos indivíduos.

Contudo, acreditou-se por muito tempo que os erros relacionavam-se intrinsecamente à didática do professor, à sua pedagogia. Os professores, por sua vez,

enxergavam (e, dependendo de sua metodologia, ainda enxergam) os erros como um desvio, ou mesmo como ignorância por parte dos alunos em relação a alguma regra e que devem ser insistentemente corrigidos, conforme afirma Larsen-Freeman (1991, p.1) "errors that might result from interference from the L1 were to be prevented or at least held to a minimum"¹⁷

Tendo em vista a persistência destes erros - tanto em falantes de L2 com aprendizagem formal quanto naqueles que não necessariamente o tiveram - as disciplinas que tomaram esta problemática como seu tema de estudo concluíram que, quando um erro torna-se permanente no processo de aprendizagem da L2, ocorre o fenômeno da *fossilização*.

Os estudos sobre a fossilização a partir da *interlíngua* dos aprendizes possibilitaram Selinker (1972) a compreender melhor os fatores que envolvem este fenômeno. A *interlíngua*, de acordo com o autor, é "a [...] linguistic system based on the observable output which results from a learner's attempted production of a TL norm"¹⁸ (p.214). Em outras palavras, é o sistema linguístico individual produzido pelo aprendiz no momento da aquisição da L2. Trata-se de uma língua própria e intermediária que possui traços da língua materna e da língua estrangeira (no caso dos informantes de nossa pesquisa, percebemos traços da língua inglesa e da língua portuguesa em sua *interlíngua*).

Ellis (1997), em consonância com Selinker (1972), também entende a *interlíngua* como a língua própria, única, criada pelo aprendiz durante seu processo de aprendizagem e que geralmente possui interferência da língua materna. Isto quer dizer que aspectos fonológicos, sintáticos e lexicais irão influenciar na construção e produção da L2.

Alvarez (2004) conceitua este termo afirmando que se trata de uma competência comunicativa manifestada pelo indivíduo na produção da L2, "marcada pela variabilidade, em um trajeto com avanços, regressões, instabilidade e possíveis fossilizações até a etapa final" (p. 27). Esta última é uma definição mais completa pelo fato de que a *interlíngua* não se limita a ser um dialeto ou um simples sistema

¹⁷ "erros advindos da interferência da L1 deveriam ser combatidos ou serem reduzidos ao máximo" (tradução minha).

¹⁸ " um sistema linguístico baseado no resultado observável da tentativa do aprendiz em produzir uma norma da língua alvo" (tradução minha).

linguístico; bem como leva em consideração o fato de o processo de aprendizagem causar a produção oral instável e variável do aprendiz.

Em que pesem os autores fazerem uso de termos distintos para designarem o mesmo fenômeno, suas opiniões convergem sobre o fato de a interlíngua ser uma produção individual do falante. Trata-se, assim, da tentativa do aprendiz em comunicar-se na L2. É na interlíngua do falante que se percebe o fenômeno da fossilização, definida por Selinker (1972) como a permanência de estruturas não pertencentes à língua-alvo na interlíngua dos indivíduos não-nativos. É importante ressaltarmos que a interlíngua ocorre inclusive nos falantes estrangeiros fluentes.

Ellis (1997, p. 33) explica que o conceito de interlíngua envolve três premissas principais - a de ser sistemática, permeável e transicional - e sobre as quais argumenta, respectivamente:

1- The learner constructs a system of abstract linguistic rules which underlies comprehension and production of the L2. This system of rules is viewed as a mental grammar and is referred to as an "interlanguage"; 2- The learner's grammar is permeable. That is, the grammar is open to influence from the outside (i.e, through the input). It is also influenced from the inside. For example, the omission, overgeneralization and transfer errors [...] constitute evidence of internal processing. 3- The learner's grammar is transitional. Learners change their grammar from one time to another by adding rules, deleting rules and restructuring the whole system. [...] That is, learners construct a series of mental grammars or interlanguages as they gradually increase the complexity of their L2 knowledge¹⁹

O autor também comenta sobre as estratégias de aprendizagem, técnicas empregadas pelos aprendizes para se comunicar e aprimorar sua interlíngua - e os erros são o reflexo destas estratégias. Também constata que a gramática do falante está propensa à fossilização e internalizações difíceis de serem excluídas.

No tocante à fossilização, Selinker (1972) afirma que se caracteriza pela permanência de elementos linguísticos pertencentes à língua materna na língua estrangeira. Conforme o autor, os indivíduos apresentarão determinadas estruturas da L1

¹⁹ "1- O aprendiz constrói um sistema de regras linguísticas abstratas que pressupõem a compreensão e a produção da L2. Este sistema de regras é visto como uma gramática mental, sobre a qual se refere como "interlíngua" 2- A gramática do aprendiz é permeável. Isto é, a gramática está aberta à influência vinda de fora (i.e, por meio do *input*). É também influenciada por dentro. Por exemplo, a omissão, generalização e transferência de erros [...] constituem evidência do processamento interno. 3- A gramática do aprendiz é transicional. Os aprendizes alteram sua gramática a todo o momento, adicionando regras, as deletando e reestruturando todo o sistema.[...] Ou seja, os aprendizes constroem uma série de gramáticas mentais ou interlínguas assim como aumentam gradualmente a complexidade de seu conhecimento da L2.

em sua interlíngua independentemente da idade ou do nível de instrução do indivíduo: tratam-se de elementos sobre os quais os falantes não têm controle e, mesmo quando tem consciência do erro ou que venham a dominar as regras da L2, não são capazes de corrigi-los.

Alvarez (2004), em referência a Nakuma (1998), afirma que a fossilização fixar-se-á quando a interlíngua do falante estiver estabelecida, isto é, momento em que não ocorrerão mais tantas variações. A autora também considera, ao contrário dos outros teóricos, que a fossilização pode ser revertida e que a interlíngua pode continuar a progredir. Isso ocorre porém, a partir da motivação, interesse e de atitudes positivas por parte do aprendiz - fatores não passíveis de mensuração.

Alguns teóricos, porém, questionaram a definição de fossilização partindo do princípio de que a nomenclatura por si só pressupõe uma não reversão do erro mantido na interlíngua. Esta, por sua vez, caracteriza-se pela variabilidade, pela capacidade de mudanças em sua estrutura. Krashen (1982) afirma que os elementos fossilizados podem ser revertidos se o aprendiz for advertido ou tiver a oportunidade de percebê-los.

Embora existam algumas divergências teóricas, os pesquisadores tiveram uma preocupação maior em investigar e explicar as causas que levam à fossilização. De acordo com Selinker (1972), a transferência linguística é a causa principal deste fenômeno, pois é recorrente em praticamente todos os aprendizes. A generalização e a simplificação da L2 pelo aprendiz ocorrem quando este ainda não possui competência linguística suficiente para se comunicar.

É importante ressaltarmos que tais estratégias são empregadas inconscientemente pelos falantes: os erros que ocorrem neste processo podem ser vencidos, considerando que o aprendiz se encontra na fase de construção de seu conhecimento linguístico, ou podem permanecer na interlíngua. Neste último caso, podem ser considerados fossilizados. Embora sejam variadas as causas para a ocorrência da fossilização (como a motivação, o interesse, o uso de estratégias de aprendizagem, etc), os autores Selinker (1972) e Corder (1981) concordam que estes fatores influenciam demasiadamente na aprendizagem da L2.

Tendo em vista as variadas razões que levam um falante à fossilização, os estudiosos deste assunto interpretam este fenômeno de maneiras diversas, como resume Percegon (2005): a transferência gramatical permanente (WEINREICH, 1953), o desvio do sistema da língua em estudo (NEMSER, 1961), a falta de domínio

(CORDER, 1967) e as recaídas (SELINKER, 1972). Cada um destes teóricos atribui seus conceitos ao comportamento dos aprendizes, os quais revelam traços evidentes de fossilização, de acordo com Megale (2005).

Embora haja evidências concretas de erros e estruturas fossilizadas na interlíngua dos falantes, os pesquisadores ainda não são capazes de precisar o motivo pelo qual algumas pessoas aprendem uma L2 com facilidade enquanto outras não o fazem. Muitos linguistas, porém, têm levado em consideração "a idade dos aprendizes, o acesso à Gramática Universal, o filtro afetivo segundo Krashen, a transferência da L1 para a L2 e o tipo de aprendizado - se formal ou informal" (PERCEGONA, 2005, p.23) como fatores contribuintes para a fossilização. Iniciemos com a faixa etária dos indivíduos.

Os pesquisadores apontam, sobretudo, para a existência de uma grande relação entre a faixa etária do indivíduo e a produção da fala na língua estrangeira, isto é, sua pronúncia. Alguns autores acreditam que a fossilização ocorre fundamentalmente na fala dos aprendizes de idade mais avançada, sendo bastante notável na fala do indivíduo a qual popularmente chamamos de "sotaque estrangeiro".

No tópico "Fossilização e Idade" de sua obra, Percegon (2005) reúne os estudos dos principais teóricos que relacionam formas cristalizadas com a faixa etária, os quais mencionaremos aqui. Entre os fatores que desencadeiam a fossilização, a idade é um dos mais discutidos entre os autores pelo fato de ser mensurável, ao contrário de questões como motivação, interesse ou até mesmo a personalidade do falante envolvido no processo. De acordo com a autora, Brown (1980 apud PERCEGONA, 2005) considera que a idade interfere na formação afetiva e cognitiva dos falantes, pois a capacidade de aprendizagem é diferente com o avançar dos anos.

Pesquisas confirmam que uma criança, contanto que exposta à L2 de maneira continuada, tem grandes chances de apresentar pronúncia semelhante a de um nativo. A partir do período da adolescência e da fase adulta, o desempenho do aprendiz será "prejudicado" no sentido de que o nível de proficiência não será tão bom quanto a de um falante cujo contato com a L2 ocorreu desde cedo.

Larsen-Freeman (1991) considera este ponto bastante controverso e aponta diversas opiniões acerca da idade de aquisição de uma L2. Para Scovel (1998a apud LARSEN-FREEMAN, 1991) apenas as crianças, e não os adultos, podem ter a pronúncia na L2 semelhante a de um nativo. Krashen & Long (1991) chegaram à

conclusão de que os adultos são, inicialmente, mais rápidos do que as crianças/adolescentes em se tratando de aquisição da morfossintaxe da língua; contudo, os aprendizes mais jovens apresentam melhor desempenho no longo prazo.

Autores como Ellis e Neufeld (1979 apud PERCEGONA, 2005), no entanto, afirmam que o processo de aquisição da L2 é o mesmo para todo aprendiz e independe de idade, mas concordam que na infância a aprendizagem é mais rápida. McLaughlin (2005) afirma que a única desvantagem do aprendiz adulto diz respeito ao aspecto fonológico. Krashen e Long (1979 apud LARSEN-FREEMAN, 1991) acreditam que as vantagens entre adultos e crianças são distintas ao constatarem que "os mais velhos são mais rápidos, mas os mais jovens são melhores" (p.155).

Dulay, Burt e Krashen (1982 apud PERCEGONA, 2005) afirmam que o momento crucial para uma criança aprender uma L2 é até a puberdade (por volta dos 13 anos). Antes disso, a criança, se estiver em contato com a língua estrangeira, a aprenderá naturalmente e terá pronúncia bastante próxima a de um nativo. Após os 13 anos, conforme os autores, são raros os casos em que a proficiência do falante seja tão boa quanto a de um indivíduo que tenha tido contato desde cedo. A justificativa dada pelos autores para as crianças terem mais sucesso do que os adultos na aquisição de uma L2 diz respeito, em especial, à pronúncia e à memorização de novo vocabulário. Contudo, eles alertam que nem sempre as crianças progridem rapidamente, fato constatado nos adultos, principalmente na fase inicial da aprendizagem.

No tocante ao momento "crucial" e "decisivo" para a aquisição da L2, Lenneberg (1967) propôs a Hipótese do Período Crítico - HPC (do inglês, *Critical Period Hypotheses* - CPH). De acordo com o autor, trata-se de um período crítico da vida do indivíduo, mais precisamente entre os 2 e 13 anos, pois o aprendizado ocorre com sucesso e depois tende a declinar. Com esta hipótese, o autor sugere que o aprendizado, dentro do período crítico, ocorre com mais eficiência na infância (mais precisamente entre os 4-5 anos de idade) e se estabiliza na puberdade; motivo pelo qual adolescentes e adultos não aprendem tão bem quanto as crianças. O autor vai mais além, afirmando que, se o indivíduo não aprender nenhuma língua antes do período crítico, nunca mais a aprenderá de maneira tão eficaz quanto naquela época.

A evidência mais forte do período crítico relaciona-se à pronúncia, pois a grande maioria dos adultos não alcança o nível de desenvoltura de um nativo. Bongaerts et al, (1995), contudo, apontam que não se pode restringir a habilidade da pronúncia nativa

apenas à questão biológica. Ela pode ser afetada também por fatores como a motivação e a identificação com a L2 e com a cultura a ela associada.

Singleton (1995) concorda com Lenneberg (1967 apud KRASHEN, 1982) sobre a questão de que "quanto mais jovem, melhor a aprendizagem", mas ressalta que existem exceções. De acordo com o autor, 5% dos adultos bilíngues dominam muito bem uma L2, muito embora a tenham aprendido após o período crítico. Singleton (1995) afirma, porém, que não há um período crítico para aprendizagem de vocabulário na L2.

A pesquisa de Patkowski (1980) acerca da aquisição da L2 relacionada à idade muito contribuiu para o tema, pois a análise do pesquisador concentrou-se na pronúncia dos falantes. A sugestão do autor era a de que somente os falantes cujo aprendizado ocorreu antes dos 13 anos apresentariam bom domínio da L2 (em termos fonológicos e sintáticos) semelhante a um nativo.

Para comprovar sua hipótese, conforme Percegoni (2005), o autor examinou a pronúncia de um grupo de imigrantes que morou nos Estados Unidos por mais de cinco anos, mas que começaram a aprender a L2 (no caso, o inglês) em idades distintas. Os resultados revelaram que os indivíduos cujo aprendizado ocorrera antes dos 13 anos se saíram melhor, o que o levou a concluir que existia uma grande relação entre a idade a aquisição da L2. Outros fatores também devem ser considerados, como o tempo de permanência no país estrangeiro (a tendência de que, quanto mais tempo, maior a fluência e melhor a pronúncia). Entretanto, como outrora mencionado, este é um fator não-mensurável.

É válido salientarmos que alguns autores não concordam totalmente com as teorias acima. Bialystok & Hakuta (1994) alegam que a aquisição de uma L2 não se sujeita apenas ao fato da idade biológica do ser humano. Na verdade, de acordo com os autores, no geral, as habilidades como um todo, inclusive a aprendizagem, declinam com o passar dos anos.

Os informantes de nossa pesquisa aprenderam a língua portuguesa após a fase da puberdade, motivo pelo qual, de acordo com os autores estudados até então, é perceptível a fossilização de várias estruturas em sua interlíngua. Também nos foi possível constatar que a questão do tempo de permanência é variável e subjetiva: os quatro informantes com menor tempo de permanência, mas que tiveram contato com o

português mais cedo (ainda que depois dos 13 anos) apresentaram menos interferências e transferências da língua materna na L2.

A partir dos estudos e pesquisas dos autores acima, concordamos que a idade é fator de extrema relevância para a aquisição de uma L2. Estudos neurolinguísticos apresentam resultados ainda mais precisos e esclarecedores, porém, por fugirem à nossa proposta, não nos aprofundaremos neste ponto.

Independentemente do tipo de bilinguismo, da interferência e dos fatores a eles relacionados, é quase certo que a interlíngua dos estrangeiros seja fortemente marcada com padrões de sua língua materna. Saliente-se, contudo, que não existe relação entre a interlíngua do indivíduo e a *fluência* que ele possui na L2. Esta última, também de extrema relevância nesta pesquisa, ainda não é tema consensual entre os teóricos.

Trata-se de um conceito controverso, tendo em vista a abundância da literatura deste assunto, e relevante neste trabalho, sobretudo por ter sido um dos critérios utilizados na escolha dos informantes. Fizemos um apanhado teórico sobre tal assunto visando a apresentar os principais estudos e modelos, bem como nossa interpretação a respeito.

1.4 Fluência oral

Como visto no tópico anterior, as décadas de 60 e 70 caracterizaram-se pelo foco na abordagem comunicativa. Pouco antes deste período, as atenções estavam voltadas para a modalidade escrita, sinônimo de formalidade até então, sendo a habilidade oral relegada a segundo plano. De acordo com Silva (2008), é provável que, devido à capacidade de os seres humanos se comunicarem oralmente, a linguagem falada não tenha sido considerada relevante no processo de aprendizagem. Desta forma, a habilidade oral, por ser tida como algo inerente aos indivíduos, passou muito tempo sem merecer a devida atenção da didática do ensino de línguas estrangeiras.

A ênfase na abordagem comunicativa, contudo, trouxe alguns problemas no que diz respeito à fluência do falante. Independentemente do aprendizado da língua estrangeira ser através da instrução formal ou apenas pelo contato com nativos, é fato que os falantes não-nativos preocupam-se em demasia com a correção e, sobretudo, com as características formais da língua. Pelo fato de os aprendizes não estarem familiarizados com as sutilezas da língua estrangeira, ficam em dúvida quanto ao uso

adequado de alguma estrutura ou do vocabulário e acabam incorrendo no uso exagerado de registros formais. Por estes motivos, o método comunicativo buscou focar no desenvolvimento da fluência oral dos falantes.

A literatura acerca da noção de fluência é vasta, porém, ainda se trata de um conceito que traz algumas dificuldades. A primeira delas, diz respeito à definição básica do termo, que gera desacordos. Guillot (1999 apud SILVA, 2008) a noção de fluência não faz parte do domínio de qualquer disciplina, mas ao mesmo, tempo é de interesse das disciplinas cuja temática é a execução oral da linguagem, o que torna a definição do termo bastante difícil.

Apesar da dificuldade dos teóricos em sistematizar tal definição, observe que fluência não se revela dificultosa para as pessoas, isto é, todos podem compreender ou mesmo explicar em termos simplórios e intuitivos que se trata de uma forma de medir o desempenho oral do falante. Mesmo sendo frequentemente caracterizada como uma abordagem dificultosa, é comum atribuir-lhe um conceito "presumido" e aceitar significados semelhantes à *facilidade de se expressar, de se comunicar*. Ou seja, tais explicações são aceitas sem investigações científicas; constantemente buscam-se definições bem generalizadas em dicionários ou enciclopédias. O dicionário Oxford (2005) traz a seguinte definição para fluência (*fluency*): "1.the quality of being able to speak and write a language, especially a foreign language, easily and well"²⁰ (p.595). O adjetivo fluente (*fluent*), que vem, em seguida, ao substantivo, traz o conceito de um indivíduo "1.able to speak, read and write a language, especially a foreign language, easily and well"²¹ (p.595). Note-se que ambas as definições sugerem velocidade, facilidade, que implicam em desenvoltura.

Não obstante a dificuldade que circunda o conceito de fluência, alguns autores contribuíram com suas definições acerca do tema na tentativa de minimizar as dificuldades por ele causadas. Discorreremos brevemente sobre tais abordagens.

De maneira simplificada, Leeson (1975) considera um falante fluente quando consegue produzir frases corretas na língua-alvo em conformidade com suas exigências fonológicas, sintáticas, semânticas. Para Brumfit (1984), fluência é a maneira mais efetiva pela qual o aprendiz opera com seu sistema linguístico. Para este autor, a

²⁰ "aquele que se mostra capaz de falar e escrever em uma língua, especialmente uma língua estrangeira, bem e facilmente" (tradução minha).

²¹ "o que é capaz de falar, ler e escrever em uma língua, especialmente em uma língua estrangeira, bem e facilmente" (tradução minha).

fluência aplica-se tanto ao *output* quanto o *input*, isto é, há duas habilidades envolvidas no processo de desenvolvimento da fluência: ouvir e (depois) falar.

Fillmore (1979), por sua vez, conceitua fluência de maneira mais sistemática, embora tenha por foco apenas a produção oral da língua (outras modalidades não estão envolvidas). O autor pontua quatro maneiras para a identificação de um indivíduo fluente, como segue:

- "1) Fill time with talking (i.e, to talk without awkward pause for a relatively long time);
- 2) Talk in a coherent, reasoned and semantically sentence;
- 3) Have appropriate things to say in a wide range of contexts;
- 4) Be creative and imaginative in using the language²²"

(FILLMORE, 1979, p.86)

Lennon (1990) interpreta a fluência a partir de um sentido amplo (*broad*) e outro restrito (*narrow*). No sentido amplo, fluência equivale a ter boa proficiência oral. De acordo com o autor, fluência do sentido amplo é ponto mais alto numa escala que mede o domínio de uma língua estrangeira. O sentido restrito refere-se aos "componentes isoláveis" (*isolatable components*) da fluência, isto é, "correctness, idiomaticness, relevance, appropriateness, pronunciation, lexical range and so on" (p.398). O autor ainda acrescenta a ideia de "fluências", isto é, de que tal habilidade envolve outros fatores: o assunto do qual se está tratando, a situação em que se encontra o falante naquela momento e seu estado psicológico.

Faerch, Haastrup e Phillipson (1984 apud SIMENSEN, 2010) interpretam a fluência como um componente da competência comunicativa definindo-a como a habilidade de o falante de fazer uso tanto da competência linguística quanto da pragmática. Para os autores, são três os tipos de fluência: a) a *fluência semântica*, também conhecida por *coerência*, em que há uma ligação entre os constituintes sintáticos e as palavras; b) a *fluência sintático-semântica*, em que há uma conexão entre segmentos do discurso e c) *fluência articulatória*, que liga os segmentos do discurso.

²² "1) Aquele que preenche o tempo com conversa (i.e, falar sem muitas interrupções e por um longo período de tempo);

2) Aquele que produz sentenças de semanticamente corretas, coerentes e racionais;

3) Aquele que tem coisas apropriadas a dizer nos mais variados contextos;

4) Aquele que é criativo ao se utilizar da língua".

Tendo em vista as definições acima, percebem-se algumas diferenças teóricas quanto à noção de fluência: alguns baseiam-se numa visão mais tradicional da linguagem, como Leeson (1979); enquanto outros fazem uma abordagem a partir de classificações, a exemplo de Faerth, Haastrup & Phillipson (1984), Chambers (1997) e Lennon (1990).

Podemos constatar que, de maneira geral, os autores têm opiniões convergentes no tocante ao conceito de fluência. Acreditam que, tanto na língua materna quanto na estrangeira, ser fluente significa, sobretudo, comunicar-se de maneira a produzir um discurso contínuo sem hesitações e que possibilite ao ouvinte acompanhar o raciocínio.

Tendo em vista a inconsistência quanto à definição do termo, tomaremos a expressão *fluência* apenas em termos de desempenho oral dos falantes. Podemos perceber que fluência é um conceito subjetivo, em que se pode, inclusive, falar em "fluências", um conjunto de habilidades. Ademais, trata-se de um termo utilizado tanto por estudiosos no assunto quanto pelos indivíduos em geral.

É importante ressaltarmos que fluência envolve questões de caráter mais abrangente como o fato de o falante não apenas ser capaz de se expressar, "mas também que seja capaz de participar da interação tanto verbalmente quanto não verbalmente, utilizando-se de uma variedade de recursos gerais com o objetivo de se adaptar às exigências criadas pelo contexto e pelos participantes da interação" (SILVA, 2004, p. 176).

Assim, consideramos fluente o indivíduo que apresentou as características comumente associadas ao conceito de fluência, como desenvoltura, espontaneidade e rapidez em suas respostas, bem como mostra-se capaz de adaptar sua produção oral aos variados contextos situacionais, demonstrando coesão e coerência ao comunicar-se. Os falantes que não apresentaram quaisquer destes requisitos, revelando desconhecimento, dúvidas e vacilações constantes no que concerne ao vocabulário e às construções gramaticais, e que, por conseguinte, vieram a comprometer a comunicação, não foram considerados fluentes.

Antes de procedermos à descrição dos sujeitos e da metodologia adotada, bem como à análise do fenômeno em questão, julgamos necessária uma abordagem mais aprofundada a respeito da nasalização no português e no inglês no intuito de esclarecermos o leitor quanto às diferenças entre os processos de nasalização em ambos os idiomas.

2. SEGMENTOS NAsAIS/NAsALIZADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS

2.1. A produção dos sons nasais/nasalizados

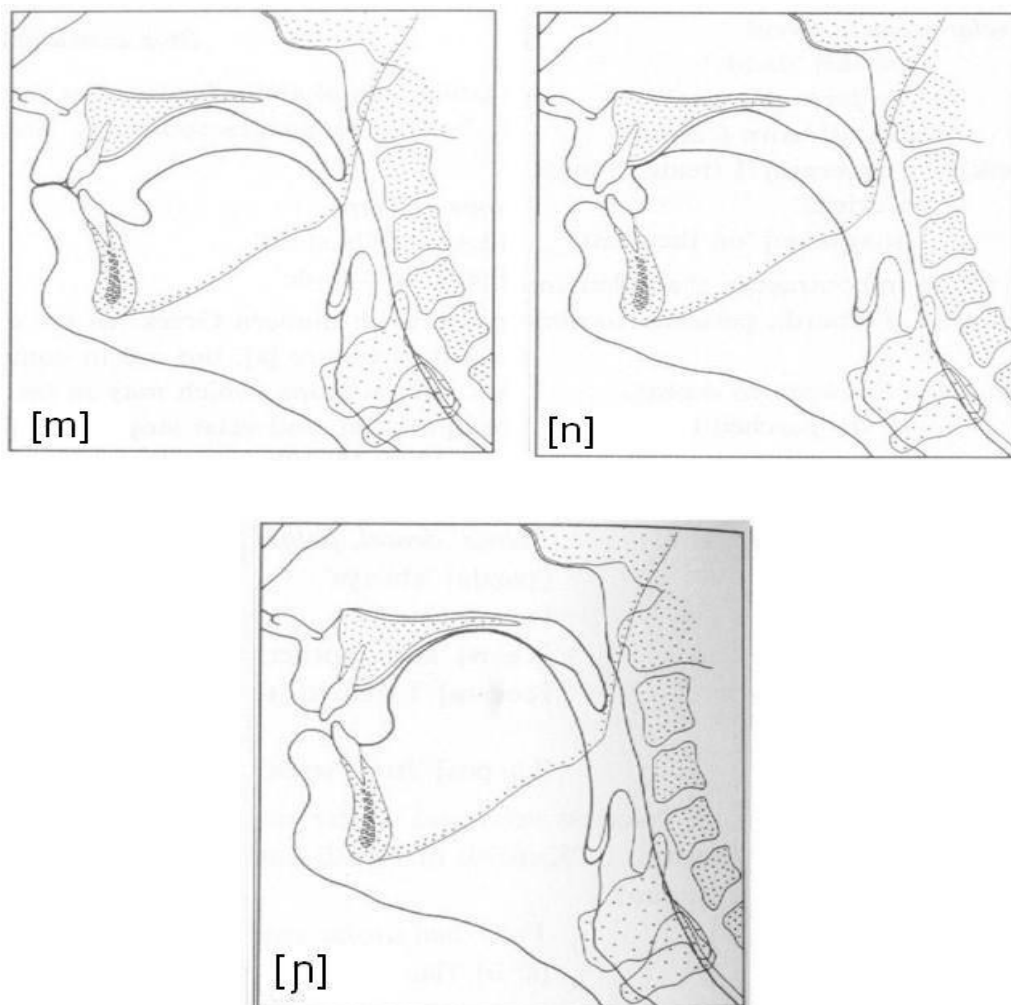
O processo fonatório (ou fonação), de acordo com Callou e Leite (1990), pode ser entendido como "os diversos estados da glote e consequente excitação acústica da corrente de ar ao passar pelas cordas vocais" (p. 20). Na produção dos sons orais, a corrente de ar, ao passar pela glote, escoia pela cavidade bucal quando encontra a passagem nasofaríngea fechada devido ao levantamento do véu palatino. Na produção dos sons nasais, porém, o que acontece é um abaixamento do véu palatino, deixando a passagem nasofaríngea aberta, o que desvia parte do fluxo de ar para a cavidade nasal.

As autoras ainda apresentam a diferença do processo de produção entre os sons nasais e nasalizados: nos nasais, ocorre o abaixamento do véu palatino e a obstrução na cavidade bucal, haja vista a aproximação dos articuladores passivo e ativo, como em *mama* [m], *mana* [n] e *manha* [ɲ] (p. 22). Nos nasalizados, pelo fato de não haver a obstrução total da cavidade bucal, o ar sai também pela boca.

Callou e Leite (1990) também chamam a atenção para o caso das vogais nasalizadas (que ocorrem nas línguas portuguesa e francesa) afirmando que "o valor distintivo da nasalidade vocálica nessas línguas é alvo de discussão" (p. 22). Isso, porque a nasalidade não está restrita a um segmento apenas no contínuo sonoro, pois o abaixamento do véu palatino e a abertura da passagem nasofaríngea (condição para a produção dos sons nasais e nasalizados) não ocorrem em concomitância com o levantamento do véu palatino e fechamento da cavidade nasofaríngea (condição para a produção dos sons orais adjacentes).

Tendo em vista que a produção dos sons nasais e nasalizados, no tocante ao aspecto articulatório, não está diretamente relacionada com a nossa pesquisa, não nos aprofundaremos nas diferenças entre eles. Contudo, é válido mencionar tal distinção uma vez que a produção da nasalidade não é tão simples de se delimitar e pode variar de idioma para idioma. Em termos gerais, pode-se demonstrar a articulação das consoantes nasais portuguesas conforme as figuras abaixo:

Ilustração 3: Pontos de Articulação das Consoantes Nasais do Português

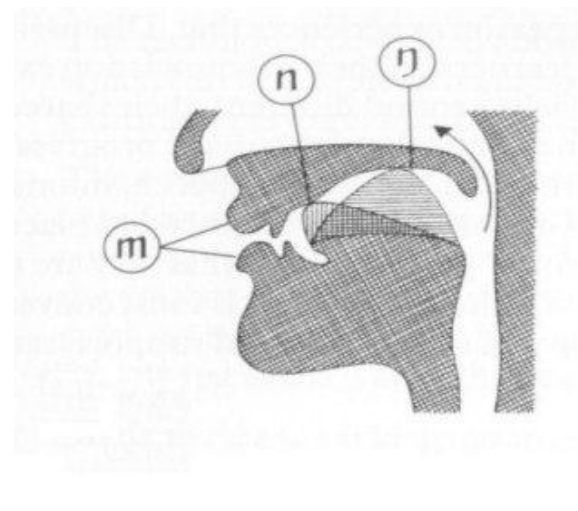


(LAVER, 1994 apud BECKER, 2007, p. 7)

Na língua inglesa, como será visto mais adiante, há as consoantes nasais: [m], [n] e [ŋ]. O modo de obstrução da cavidade bucal fazendo com que o ar se direcione para a cavidade nasal se assemelha ao português em relação aos dois primeiros segmentos, [m] e [n]. No caso do [ŋ], a obstrução ocorre quando há o contato da parte posterior da língua com o véu palatino. Segundo Roach (2009), os segmentos [m] e [n] não representam maiores problemas, pois são simples, diretos e possuem distribuição semelhante aos seus oclusivos correspondentes que são, respectivamente, [p] e [b]; [t] e [d]. Deixaremos o [ŋ] à parte de nossa análise por não haver um som correspondente a ele em português e, sobretudo, por não haver registros de sua ocorrência que pudessem causar algum tipo de interferência no português dos nossos informantes.

No esquema abaixo, podemos visualizar os pontos de articulação dos segmentos nasais da língua inglesa:

Ilustração 4: Pontos de Articulação das Consoantes Nasais do Inglês



(UNDERHILL, 1994 apud BECKER, 2007, p. 9)

Um fato que merece consideração sobre as consoantes nasais do inglês diz respeito a sua diferença articulatória em relação à posição na sílaba. Isto é, quando os segmentos [m] e [n] estão em posição inicial de sílaba, o fim do abaixamento do véu palatino coincide com o fim do fechamento dos lábios. Quando estão em posição final de sílaba, o final do abaixamento do véu palatino é praticamente simultâneo ao início do fechamento dos lábios. Os exemplos dados por Browman e Goldstein (1995 apud BECKER, 2007) são *see more* ("ver mais") para o primeiro caso e *seemore* ("parecer minério") para o segundo.

Ressalte-se ainda que, vindos depois de uma vogal, os segmentos [m] e [n] poderão conferir nasalidade a esta. A grande questão reside no fato de que a nasalização não afeta as vogais da mesma forma e, além disso, como poderá ser visto mais adiante, não se trata de um processo obrigatório nesta língua.

2.2 Segmentos nasais/nasalizados do português brasileiro

Entre as línguas românicas, conforme Mattoso Câmara (1970), o português caracteriza-se "por uma emissão nasal das vogais muitas vezes" (p. 46). No tocante aos

processos de nasalização do português, há autores que seguem a análise de Câmara Jr (1970), o qual defende a teoria de que a nasalização resultante do contato da vogal com o arquifonema nasal. Existem autores que refutam ou a interpretam de outra maneira, como será visto mais adiante. Tais divergências, para Azevedo (1981), relacionam-se mais à abordagem teórica dos autores do que as diferenças fonéticas em si (p. 23).

Em defesa de sua hipótese, Câmara Jr. (1977) revela os motivos pelos quais devemos considerar as vogais nasais como a combinação de uma vogal oral e um arquifonema:

- a) “a vogal nasal só se impõe numa língua em que haja contraste distintivo entre vogal nasal e vogal mais consoante nasal” (CÂMARA Jr., 1977, p. 49). Ex: *mata/manta; lida/linda; boba/bomba;*
- b) as vogais nasais se comportam similarmente às vogais travadas por consoantes. Ex: *campo, vinco, lenda, sangue;*
- c) sílabas travadas são seguidas da vibrante múltipla, e não da vibrante simples. É o primeiro caso que ocorre após as vogais nasais. Ex: *honra, genro;*
- d) os hiatos não se iniciam por nasais na língua portuguesa e, quando poder-se-ia ter uma vogal nasal no hiato, a nasalidade desaparece ou passa para a sílaba seguinte. Ex: *doença, miando, passeando.*

O autor afirma haver dois tipos de nasalidade vocálica: uma de cunho fonológico, que se caracteriza pela produção nasal das vogais, e outra de natureza fonética, em que a vogal precedente é nasalizada (e, neste caso, não existe oposição entre as vogais nasais e nasalizadas). Finalmente, constata que as vogais nasais são nasais para todos os falantes da língua portuguesa de qualquer dialeto; contudo, as vogais podem ser orais ou nasalizadas (a depender deste).

Azevedo (1981) considera três casos de nasalização a serem analisados na língua portuguesa. O primeiro, deveras semelhante à teoria de Câmara Jr. (1977), é o de que há núcleos nasalizados adjacentes à consoante nasal da sílaba seguinte. Ele afirma que o grau de nasalização varia de um falante para o outro, mas a grande tendência é de se nasalizar o núcleo quando ele é tônico, como em *doma* [ˈdõmã] (p. 23).

O segundo caso diz respeito ao fato de que também há núcleos nasalizados em posição final de sílaba, os quais são adjacentes a consoantes não-nasais da sílaba seguinte. Em tais casos, a ortografia padrão representa os núcleos nasalizados como

vogal + consoante nasal (ex: *campo*, *canto*). De acordo com o autor, num discurso lento e pausado, é possível identificar-se (na sílaba do núcleo) uma obstrução de natureza consonantal, homorgânica à consoante seguinte se esta for [p, b, t, d, k, g, f ou v]. Num discurso rápido, porém, essa obstrução tende a desaparecer juntamente com o núcleo.

O último caso concerne ao núcleo da sílaba nasalizada em posição final. Tal caso deve ser interpretado da mesma forma que o segundo, isto é, como uma sequência de um núcleo simples ou composto seguido de um /n/ subjacente como em *fim* (/fin/), *tem* (/ten/), *mãe* (/main/), *mão* (/maun/), *som* (/son/), *põe* (/poin/) (AZEVEDO, 1981, p.26). Percebe-se que a obstrução da consoante nasal se faz presente em todos os casos, mesmo que o som seja palatal seguido de uma vogal frontal (/i/ ou /u/), ou velar precedido de uma vogal não-frontal (/a/, /e/, /o/).

O que o autor considera um "fator complicador" na pronúncia das nasais pelos estrangeiros concerne ao núcleo formado pela vogal especificada como [-baixa] e [-alta], ou seja, o /e/. A sequência /en/ em posição final corresponde foneticamente a [eɥ⁽ⁿ⁾] quando em posição tônica (ex: *também*) ou átona (ex: *sem abrigo*). A inserção de um /i/ entre o /e/ formando um glide acentua a nasalização da sequência dos segmentos, motivo pelo qual a compreensão e produção das nasais pelos falantes estrangeiros pode ser dificultada.

Bisol (1999) apresenta propostas de outros autores sobre a nasalização na língua portuguesa. Lopez (1979 apud BISOL, 1999) concorda com Câmara Jr. sobre o fato de que não há vogais nasais, mas sim, nasalizadas por um arquifonema. A autora considera que a nasal pós-vocálica é uma consoante "plenamente especificada, isto é, uma coronal" (p.164). Isso que dizer que a coronal irá manifestar-se em derivações do tipo *fim-finar*; *bem-benefício*. Ainda conforme a autora, a consoante nasal pós-vocálica sofre um processo de assimilação; porém, ressalta que, se o segmento seguinte à nasal apresentar o traço [-contínuo], observa-se uma nasal homorgânica à consoante vizinha. Se apresentar o traço [+contínuo], observa-se o que a autora chama de consoante *transicional*. Em ambos os casos, a vogal nasalizada resulta de um processo de assimilação.

O segundo estudioso citado por Bisol (1996), Wetzels (1997), afirma que, na sequência Vogal + Mora Nasal, esta última não se encontra totalmente especificada, ou seja, as consoantes nasais revelam-se segmentos incompletos em posição de coda. Tomando-se como exemplo o vocábulo *canto*, Bisol (1996) explica a teoria do autor: na

sequência nasal e oclusiva, "a vogal assimila a nasalidade de N, e N o ponto de articulação da oclusiva" (p.164). Ocorre, portanto, um espraçamento da nasal para a vogal que a antecede - criando uma vogal nasal - e N recebe o traço [coronal] da consoante seguinte (a oclusiva /t/), "o que lhe permite vir à superfície como um segmento" (BISOL, 1999, p. 165).

Cagliari (1977 apud BISOL, 1999) constata que a sequência VN pode ser articulada:

- a) como uma vogal nasal;
- b) como uma vogal nasal seguida de consoante nasal homorgânica à vogal;
- c) como uma vogal nasal seguida de consoante homorgânica à consoante seguinte.

(BISOL, 1999, p. 165)

Apesar de vários autores serem adeptos da perspectiva bifonêmica, a nasalização do português brasileiro, de acordo com Moraes (1997), é bastante rica, tendo em vista que, em outros idiomas, a nasalidade é explicada a partir de um processo apenas. Na língua portuguesa, a autora aponta três processos: 1) o espraçamento do traço [+nasal] através de uma consoante nasal tautossilábica em posição de coda, como em *campo* / *cãmpo* / *c[ã^m]po*, onde ocorre uma assimilação regressiva; 2) o espraçamento do traço [+nasal] através de uma consoante nasal na posição de ataque, como em *madre* / *mae* / *mãe*, onde ocorre uma assimilação progressiva e 3) o espraçamento do traço [+nasal] através de uma consoante nasal em posição de ataque e entre vogais, como em *cama* / *cãma* / *c[ã]ma*, onde há uma assimilação regressiva.

Medeiros (2011) acredita haver uma falha na abordagem bifonêmica de Câmara Jr. (1977) alegando que esta perspectiva abrange apenas aspectos isolados da nasalização, como a representação e o detalhe fonético (respectivamente, as visões *bifonêmica* e *de emergência*). A autora sugere que uma abordagem articulatória seja mais condizente com a questão da nasalização do português brasileiro pois ela "[...] provides a dynamical phonological analysis that would not be feasible if we departed from a phonological unit such as the segment or the phoneme²³" (p. 34). Os motivos pelos quais a autora defende tal perspectiva relacionam-se ao fato de esta fornecer uma unidade fonológica dinâmica (a articulação), que é, ao mesmo tempo, unidade de ação e

²³ "fornece uma análise fonológica dinâmica que não seria viável se nós partirmos de uma unidade fonológica, como o segmento ou o fonema" (p.34)

de informação contrastiva. Ademais, conforme a autora, o ponto de vista articulatorio possibilita explicar os aspectos contínuos e gradientes da nasalização. Muito embora os resultados da autora sejam relevantes, não nos aprofundaremos na abordagem da Fonologia Articulatória. Contudo, em alguns pontos do capítulo das análises, serão mencionadas questões relacionadas à articulação dos informantes.

Ainda que não comungue da abordagem bifonêmica mattosiana, Medeiros (2007) afirma que "esta faz sentido, pois pode-se prever no mínimo duas fases para a vogal nasal, se um murmúrio nasal²⁴ não for detectado" (p.167). A ressalva feita pela autora diz respeito à nomenclatura *bifonêmica*, pois esta sugere a existência de dois fonemas perfeitamente segmentáveis (a vogal e a consoante). Desta forma, Medeiros (2007) propõe o termo *bifásico*, embora, de acordo com ela, "a simples proposta de mudança de nomenclatura não deve minimizar o *insight* mattosiano. Assim, a hipótese VN de Mattoso contemplaria a variabilidade da produção da vogal nasal, uma vez que V representaria a qualidade vocálica e N abrangeria a porção nasal acrescida ou não do murmúrio nasal" (p. 167).

Wetzels (1997), assim como Câmara Jr. (1970), considera que o português se vale de dois tipos de nasalidade, uma alofônica e outra contrastiva. Diacronicamente falando, de acordo com o autor, as vogais nasais derivam: ou de sequências de uma vogal oral + consoante nasal tautossilábica, ou da perda de uma consoante nasal intervocálica, como em *lã*: *lana* / *lãã* / *lã* (WETZELS, 1997, p. 205). Em termos sincrônicos, contudo, as propriedades fonéticas não apontam para a existência de uma representação subjacente.

O autor constata que há três maneiras de se pronunciar as nasais tautossilábicas: com a vogal nasal prolongada (1), com a vogal nasal seguida de uma homorgânica nasal aproximante (2) ou como uma vogal nasal seguida de uma consoante homorgânica seguida de uma oclusiva (3), conforme os exemplos abaixo:

(1) [õ̃]da / (2) [õ̃ⁿ]da / (3) [õ̃^o]da.

Porém, de acordo com Wetzels (1997) "the phonetics of Brazilian Portuguese provide little ground for the hypothesis that their nasality derives synchronically from an underlying nasal stop²⁵" (p. 206). Com isso, o autor quer dizer que a nasalização no

²⁴ O murmúrio nasal relaciona-se ao estudo da frequência e da duração do segmento nasal e não se restringe apenas à assimilação da nasalidade pela vogal, de acordo com Medeiros (2007).

²⁵ "a fonética do Português Brasileiro fornece pouca base para a hipótese de que a sua nasalidade deriva sincronicamente de uma nasal subjacente" (tradução minha).

português brasileiro é realizada na vogal e ainda que esta seja acompanhada por algum tipo de constrictão pós-vocálica, tanto o tipo de articulação quanto o de constrictão derivam de um dos segmentos que os acompanham. Isto é, o autor defende uma representação lexical das vogais nasais, em que V é a raiz vocálica e C pode ser definido a partir dos traços [-vocálico] e [+sonorante]. Em outras palavras, trata-se de uma representação *bimoraica* das vogais nasais, conforme explica Bisol (1999). Para o autor, "todas as sequências com nasal são foneticamente longas, pois contém duas moras. A segunda destas moras é um segmento flutuante com traços de lugar derivados da consoante seguinte ou da vogal precedente, dependendo do contexto" (p. 166).

A interpretação de Wetzels (1997), portanto, é a de que a nasal pode ser entendida como uma sequência de dois segmentos (V + N), os quais se apresentam na subjacência; e a vogal nasalizada pura é sempre uma manifestação na superfície, conforme Bisol (1999, p.167). Desta forma "o sistema fonológico do português não fica alterado, pela presença da nasalidade vocálica, quanto ao número de segmentos que o compõem: são sete as vogais" (BISOL, 1999, p.167).

Além das vogais nasais (que são representadas pelas consoantes nasais /m/ e /n/) a língua portuguesa possui um outro tipo de nasalização que, de acordo com Wetzels (2000, p. 3), "é desencadeada por uma consoantes nasal intervocálica, em que o traço nasal se espria para o(s) elemento(s) vocálico(s) da sílaba imediatamente precedente (men[i]na, c[a]ma)" Conforme assinala o autor, existe a nasalização obrigatória pelo fato de haver contrastes na língua e a nasalização alofônica, "resultado de uma regra variável, sensível tanto à variação linguística quanto à não linguística" (WETZELS, 2000, p.3). A nasalização alofônica, ainda segundo Wetzels (2000), é sistemática nas vogais acentuadas - em todos os dialetos da língua portuguesa - como pode ser demonstrado nos exemplos fornecidos pelo próprio autor:

1) Nasalização alofônica acentuada antes de /m/ e /n/:

- | | |
|------------------|------------------|
| a) sino = [sĩnu] | c) fumo = [fũmu] |
| b) leme = [lěmi] | d) dono = [dõnu] |
| cama = [kãma] | |

2) Nasalização alofônica não acentuada antes de /m/ e /n/:

- | | |
|----------------------|----------------------|
| a) pinoia = [pinɔja] | c) cumari = [kumari] |
|----------------------|----------------------|

a) alma / vulnerável	*VlĩV
b) arma / adorno	*VrĩV
c) abismo / cisne	*VsĩN
d) teimar / reino	*eiĩV
e) fleuma / eunuco	*euĩV
f) andaime / paina	*aiĩV
g) trauma / baunilha	*auĩV

Wetzels (2000) aponta que é perceptível ver como o /ĩ/ se comporta de maneira diferente do /m/ e do /n/, pois estes últimos, conforme apontado pelos exemplos, podem ser precedidos por uma sílaba pesada, ao passo que o /ĩ/ não pode. A RRM, como afirma o teórico, também implica que, se o /ĩ/ ocorrer entre as duas últimas vogais de uma palavra, esta deve conter três sílabas, pois o acento não poderá pular a sílaba pré-final. De acordo com o autor, isso se deve porque "no português brasileiro, as palavras proparoxítonas com uma sílaba pesada pré-final não existem" (p. 6). Da mesma forma, /ĩ/ não ocorre em início de vocábulo e sua complexidade enquanto segmento, de acordo com Wetzels (2000), é tolerada apenas em posição intervocálica.

2.1.2 Ditongos nasais

No tocante aos ditongos nasais, de acordo com Wetzels (2000), o português brasileiro apresenta um número limitado destes segmentos. Conforme o autor, "três deles ocorrem em vocábulos não-derivados: [ãw, ãj, ũj], dos quais [ãw] é o mais produtivo" (p. 25). O ditongo [ãj] ocorre apenas em final de vocábulo e o [ũj] é bastante raro, ocorrendo apenas em vocábulos como *muito* e *ruim*. Ressalte-se que o autor não desconsidera os ditongos [õj] e [ẽj], resultantes de uma "afixação na morfologia lexical" (p. 25). Em geral, palavras que terminam em [ãw] formam plural em -ões e o ditongo [ãj] ocorre como plural irregular do [ãw], como *pão* - *pães*, podendo ocorrer também em vocábulos não-derivados como *mãe*. O autor esquematiza os ditongos da seguinte maneira:

1) Não-derivados: [ãw], em *canhão*; [ãj] em *mãe* e [ũj] em *muito*;

2) Derivados por flexão: [ãw], [ãj], [õj], [ẽj]. Ex: falar - *falam*; cão - *cães*; pôr - *põe*; falar - *falem*;

3) Derivados por regra fonológica: [ẽj], em *também*.

(WETZELS, 1997, p.26)

De acordo com Wetzels (1997), os ditongos nasais ocorrem predominantemente em posição final de vocábulo. As palavras que terminam em ditongo nasal, conforme o autor, geralmente apresentam o acento tônico na sílaba final, "which shows that nasal diphthongs represent bimoraic sequences²⁶" (WETZELS, 1997, p.222), buscando ratificar sua teoria das duas moras.

No tocante aos ditongos que apresentam a penúltima sílaba como tônica, o autor afirma haver ocorrências escassas, como em *benção*, *órfão*, *órgão*, *sótão*. Ele explica que, nesses casos, embora a sílaba tônica na paroxítona seja incomum, o fato de o ditongo nasal tornar a sílaba pesada deve-se ao abaixamento regular da vogal média tônica, o chamado *abaixamento espondeu*. Sobre tal processo, Bisol (1999) explica que "o acento excepcional nestas palavras está relacionado com uma vogal média que vem à superfície como baixa [...] Aqui também opera uma regra de neutralização condicionada por um padrão rítmico excepcional" (p.175).

Wetzels (2000) ainda cita os casos de ditongos nasais em meio de vocábulo, que são bastante incomuns, registrando apenas 10 ocorrências em sua pesquisa. No entanto, ressalta a ocorrência dos mesmos no interior de palavras derivadas como *coraçõezinhos*, *pãezinhos* e *mãozada*.

Câmara Jr. (1970) considera que os ditongos nasais são sequências formadas por um ditongo oral e um arquivonema nasal, ou seja: /uiN/, /aiN/. De acordo com Bisol (1999), na proposta de Câmara Jr. "o glide é oriundo da vogal temática: /auN/, por exemplo, com /N/ na posição de coda, o que tem sido criticado, porque o padrão silábico do português só admite /S/ em C₂ de VCC" (p.167).

Bisol (1999) afirma haver dois processos de nasalização. Para a autora, todos os ditongos são derivados com exceção dos que ocorrem no interior do vocábulo como em *cãimbra* e *muito*. Os processos considerados pela autora são o de *assimilação* e o de *estabilidade*. O primeiro diz respeito ao espriamento do /N/ para a vogal. O

²⁶ "mostrando que os ditongos nasais representam sequências bimoraicas" (tradução minha)

arquifonema nasal acaba por adquirir as características articulatórias da consoante seguinte e da vogal nasalizada por ele. No segundo, a rima nasal é flutuante e estável e não recebe as características articulatórias de outros segmentos.

O processo de assimilação, de acordo com a autora, cria a vogal nasal interna, (como em *canto*, *senda* e *samba*), "ou o ditongo externo de caráter variável em palavras sem vogal temática: *homem*, *fórum*, *jardim*" (p.168). O processo de estabilidade, por sua vez, cria o verdadeiro ditongo nasal em palavras com vogal temática: *irmão*, *põe* e *pão*. O /N/ não adquire as características fonológicas dos demais segmentos devido, justamente, ao caráter da estabilidade.

No que concerne à estrutura fonológica, de acordo com Wetzels (1997), os ditongos nasais são representados de maneira subjacente em uma das seguintes formas: ou como um ditongo oral seguido de uma mora nasal como em *muito*: /mUINtu/ ou [mũjtu], ou, principalmente no caso do [ãw], quando ocorre em sílaba final de nomes e adjetivos na sequência /an + V/ ou /on + V/ (em que V representa uma das vogais /e/ ou /o/).

Devido à complexidade que circunda a estrutura fonológica dos ditongos nasais, Wetzels (1997) assume o ponto de vista de que estes possuem uma "representação lexical estruturalmente uniforme²⁷" (p. 224), ou seja, eles são parte de um núcleo lexical como em *muito* e *pão* ou derivados de uma dinâmica lexical, como em *falam* e *pães* (p.224). Tendo em vista que a sequência lexical /VnV/, de acordo com Wetzels (1997), não é capaz de fornecer um tratamento unificado para os ditongos nasais, o autor questiona a teoria mattosiana de que tais segmentos consistem fonologicamente de um ditongo oral seguido de uma mora nasal.

O autor acredita que esta concepção não se sustenta por alguns motivos. Primeiramente, alega que a rima silábica do português admite, no máximo, dois segmentos, "the sole purpose of the nasal mora, which must remain extrasyllabic throughout the derivation, is to ensure the surfacing of the preceding diphthong as nasal²⁸" (WETZELS, 1997, p.225). Embora isso seja teoricamente possível, segundo o autor, não há provas da existência de uma mora nasal nem de uma consoante distribucional. Ademais, problemas parecem surgir quando se compara a representação

²⁷ "structurally uniform lexical representation"

²⁸ "o único propósito da mora nasal, que deve permanecer extrassilábica pela derivação, é garantir que o ditongo precedente venha à superfície como nasal" (tradução minha)

do ditongo nasal com a sequência subjacente vogal oral e vogal nasal, como no exemplo dado pelo autor:

(31)	<i>Coimbra</i>	/koiNbra/	[koʃi.ʃbra]	<i>cãibra</i>	/kaiNbra/	[kãjʃbra]
	<i>Caim</i>	/kaiN/	[kaʃi.]	<i>mãe</i>	/maiN/	[mãj]

(WETZELS, 1997, p.225)

O que o autor pretende dizer é: a palavra *Coimbra* é obrigatoriamente pronunciada como uma sequência de três sílabas (Co.IN.bra), enquanto *cãibra* é dissilábica (cãIN.bra). O mesmo ocorre em *Caim*, que é dissilábico (Ca.IN) e *mãe*, que é monossilábica (maIN). Isto é, sem as devidas ressalvas, a sequência /vIN/ sempre virá à superfície como duas sílabas. Para explicar tal estruturação, o autor usa como exemplo o vocábulo *paul*: a sequência /ul/ é vista como uma sílaba independente, porque, caso fosse /aul/, infringiria a regra fonológica de segmentos máximo na rima. Pelo mesmo motivo é que a sequência /vIN/ será estruturada como dissilábica, excetuando-se, obviamente, os casos em que há silabificação regular, como em *cãibra*. Em outras palavras, conforme Wetzels (1997, p. 226), "the extrasyllabicity of the nasal mora in the underlying sequence of the nasal diphthong does not simply follow from the maximal rhyme constraint, but must somehow be stipulated on a word-by-word basis"²⁹ Ele afirma que a maneira mais óbvia de se fazer isso é lexicalizar a estrutura da rima nas palavras que apresentam o ditongo nasal na superfície. Trata-se de um procedimento estranho, conforme o autor, tendo em vista que os ditongos nasais representariam os únicos segmentos de rimas lexicalizadas no português brasileiro.

2.3 Segmentos nasais do Inglês

Ao contrário da língua portuguesa, o inglês não apresenta vogais nasais, segundo Cohn (1993). De acordo com esta autora, que assume a teoria de Clements (1972 apud COHN, 1993) referente à geometria dos traços, o inglês apresenta contraste entre as nasais e as oclusivas como em *net* e *debt* (net/det), por exemplo. Ela assume, portanto,

²⁹ "a extrassilabidade da mora nasal em sequências subjacentes do ditongo nasal não deve simplesmente seguir a regra de rima máxima, mas ser estipulada, de certa forma, sob uma perspectiva "palavra-por-palavra" (tradução minha).

que as consoantes nasais podem ser especificadas pelo traço [+nasal] e as oclusivas como [-nasal]. Contudo, conforme a autora "English shows no contrast among the vowels; thus, in the absence of evidence to the contrary, I assume that vowels in English remain unspecified for [nasal] throughout the phonology"³⁰ (p. 49).

Tendo em vista a não ocorrência de vogais nasais na língua inglesa, fala-se em três consoantes nasais neste idioma: /m/, /n/ e /ŋ/. Os dois primeiros ocorrem no ataque (*measure* e *next*) e na coda silábicas (*champion* e *refrain*); o último não ocorre no ataque, apenas na coda (*meaning* e *nothing*). Na estrutura do inglês, também é possível que algumas consoantes ocupem posição silábica (e por isso denominam-se *consoantes silábicas*), caso dos três segmentos em questão. O /n/ silábico geralmente ocorre após oclusivas e fricativas alveolares: no caso de /t/, /d/, /s/ e /z/ seguidos de um /n/, a oclusiva é produzida com certa nasalidade, pois há o abaixamento do véu palatino no momento de sua produção. Quando segmentos bilabiais o antecedem (como em *happen* e *ribbon*), pode-se considerar o /n/ como silábico ou não; o mesmo acontece para as fricativas labiodentais /f/ e /v/, como nos vocábulos *heaven* e *seven*.

No tocante aos segmentos /m/ e /ŋ/, Roach (2009) afirma que são casos específicos, pois ambos podem ocorrer como silábicos mas apenas por resultarem de processos de assimilação e elisão.

A obstrução do /m/ e /n/ em inglês ocorre de forma semelhante ao português. Porém, no caso da nasal velar /ŋ/, a obstrução se dá a partir no contato da parte posterior da língua com o véu palatino. Este último som apresenta algumas particularidades de pronúncia e sobre isso Roach (2009, p. 48) afirma que "[...] it is in summary, phonetically simple (it is no more complex than *m* or *n*, but phonologically complex (it is not easy to describe the contexts in which it occurs)³¹".

Bolinger (1975 apud AZEVEDO, 1981) sugere que o /ŋ/ fique à parte do inventário fonológico e seja considerado uma derivação da sequência /ng/. Tendo em vista que não há um som em português que corresponda exatamente ao /ŋ/ e que tal fato não interfere na pronúncia deste pelos estrangeiros, não se faz necessária uma

³⁰ "O inglês não apresenta contraste entre as vogais; assim, na falta de evidências que mostrem o contrário, assumo que as vogais em inglês permanecem não especificadas pelo traço [nasal] na fonologia" (tradução minha).

³¹ "em suma, é foneticamente simples (não se revela mais difícil do que o m ou o n, mas é fonologicamente complexo (não é fácil descrever os contextos em que ocorre)"

abordagem aprofundada sobre este segmento. Concentrar-nos-emos, assim, na produção do /m/ e /n/ sobre a qual os autores não apresentam divergências teóricas.

Muito embora a língua inglesa apresente similitudes em relação ao português no tocante à produção de sons nasais, é importante considerarmos a frequência dos mesmos naquele idioma. Conforme Kent e Read (1992), as consoantes nasais na língua inglesa correspondem, aproximadamente, a 10% dos sons na fala (p.142). Podemos depreender, então, que a baixa frequência destes sons torna-se um fator dificultador no momento da produção das nasais portuguesas.

Em inglês, o som /m/ é produzido como bilabial independentemente da posição em que se encontra na sílaba, bem como o /n/ também será sempre alveolar. Há casos em que ambos os segmentos se tornam silábicos, como já exposto, em posição final de vocábulo como em *bison* ['bayzn] e *criticism* [kɹɪtɪ'sɪzəm] (LADEFOGED, 1975 apud AZEVEDO, p.52). Na pronúncia dos falantes, é fácil constatar que a produção destes sons pode ser mais relaxada ou até mesmo apagada caso ocorra antes de uma consoante e após a nasalização da vogal anterior (ex: *comfort* ['kɒ^mfərt] ~ ['kɒfərt]).

No geral, a nasalização no inglês não apresenta maiores problemas, uma vez que, de acordo com Kent & Read (1992), não faz diferença para o significado do vocábulo se a vogal é nasal ou nasalizada. Contudo, Shockey (2003) faz um apontamento relevante em termos articulatórios e de percepção. Na sequência Vogal + Nasal + Consoante (VNC), a autora afirma que: "it is very common for the phonetic reflex to be 'nasalized vowel + consonant'. Normally we expect the underlying NC cluster to be homorganic, and the process is especially common in English for final -nt cluster"³² (p. 41). Isto é, sobre a sequência Vogal + Nasal + Consoante oclusiva, a autora ressalta que é possível perceber que a consoante nasal é produzida de maneira independente: ela ultrapassa o limite do fechamento da cavidade nasal (necessário para dar uma impressão momentânea de um segmento nasal), permitindo que haja uma discrepância entre o número de gestos articulatórios produzidos, que são dois (levantamento do véu palatino e o movimento da língua) e o número de segmentos percebidos que são três (vogal, nasal, consoante) (p.42).

³² "é muito comum o reflexo fonético ser 'vogal nasalizada + consoante'. Normalmente espera-se que a estrutura consoante nasal (NC) subjacente seja homorgânica e que o processo seja comum, em inglês, para a estrutura -nt final" (tradução minha).

Azevedo (1981) afirma que a nasalização da vogal em inglês é resultado da assimilação com a consoante nasal - processo semelhante ao da língua portuguesa. Em ambas as línguas, trata-se de um processo análogo e não-distintivo, motivo pelo qual, conforme o teórico, os aprendizes tendem a transferir tal competência para a L2. Como anteriormente mencionado, o português apresenta um fator dificultador (a inclusão do /i/ entre o /e/ e a consoantes nasal, formando um glide) que é detectado pelos falantes aprendizes da L2 e estes, por sua vez, compreendem esta particularidade. No entanto, produzir o som corretamente é bem mais difícil. Azevedo (1981) constata que o tipo de erro mais comum refere-se à articulação completa da consoante nasal próxima ao núcleo silábico. Ex: lâ = *['lǎn]; canta = *['kǎntə]; pinto = *['pĩntu].

Outro tipo de erro bastante frequente cometido pelos estrangeiros envolvendo os ditongos consiste em transmitir pouco ou nenhuma nasalização no núcleo silábico, o qual não se revela diferenciado do seu oposto não-nasal, como nos exemplos:

a) mão: *[ma?u] ~ *[mawⁿ] (i.e, *mau*)

b) tem: *[tɛ?i] ~ *[teyⁿ] (i.e, *tei*)

c) dão: *[dawⁿ] (i.e, *dau*)

Cohn (1993) busca explicar a nasalização do inglês a partir do fluxo de ar nasal (*nasal airflow*), utilizado para medir o *output* fonético quando da produção das nasais pelos indivíduos. A autora justifica a escolha por esta metodologia por considerar que "nasal airflow [...] mediates between articulation and perception. Airflow provides an indication of velum movement resulting in perceptible nasalization"³³ (p.50) Ela menciona três regras que afetam a realização da consoante nasal (ou o segmento adjacente a ele), sendo que em um deles há o apagamento da nasal:

a) *Anticipatory Nasalization* (nasalização regressiva), em que vogal torna-se nasalizada quando precede uma consoante nasal, como em *bean* - /bin/ - [bĩn];

b) *Nasal Deletion and Glottalisation* (apagamento da nasal /n/ e glotalização opcionais), como em *sent* - /sɛnt/ ou [sɛt'];

³³ "o fluxo de ar nasal [...] considera tanto a articulação quanto a percepção. Ele fornece uma indicação do movimento velar, o que resulta numa nasalização perceptível" (tradução minha)

c) *Coronal Stop Deletion* (apagamento da oclusiva coronal), como em *kindness* - /kajndnes/ - [kaĩnnes];

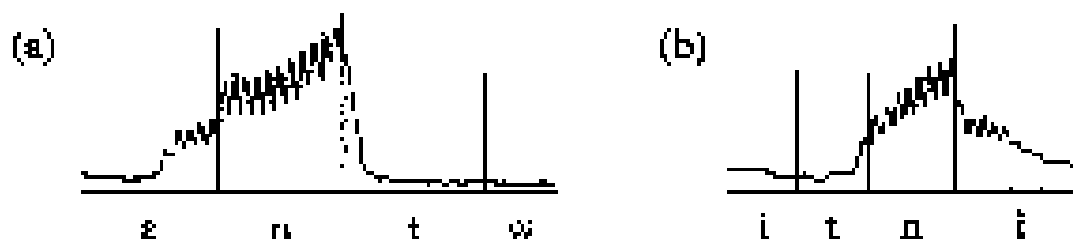
Antes de iniciar sua análise, a autora afirma que o fluxo de ar nasal, no caso de uma vogal no contexto de uma consoante nasal, será determinada pelo *status* da nasalização na gramática. No caso da nasalização regressiva (*anticipatory nasalization*), a vogal seria fonologicamente especificada como [+nasal] no *output* fonológico e a realização fonética seria uma significativa nasalização da vogal que precede a consoante nasal. Por outro lado, se a vogal permanecer não-especificada como [nasal] no *output* fonológico, poder-se-ia esperar um aumento da nasalização, isto é, ela "cresceria" durante a produção do segmento.

Nos exemplos de nasalização regressiva dados pela autora, uma oclusiva precede a vogal, a consoante nasal após a vogal é "significativamente nasal" e a vogal é nasalizada de maneira gradiente, isto é, o fluxo de ar nasal aumenta conforme a duração do segmento. Ex: vocábulos *den* e *din*. A autora conclui que "oral and nasal stops are phonologically specified as [-nasal] and [+nasal] respectively, while the vowels remain unspecified at the output of the phonology, receiving nasalization through phonetic interpolation"³⁴ (p.61).

Outro tipo de estruturação importante na língua inglesa diz respeito às sequências /nt/ e /tn/. Segundo Cohn (1993), é de se esperar que as oclusivas sejam totalmente orais e a consoante nasal totalmente nasal na sequência /nt/. Nos casos de "entw" e "itni" (p. 62) - exemplos utilizados pela autora para mostrar a diferença entre os fluxos nasais - em que as sequências são, respectivamente, /nt/ e /tn/, a consoante nasal possui um fluxo de ar significativo durante sua produção, ao passo que a oclusiva não o faz, havendo uma transição rápida do fluxo de ar nasal de um segmento para o outro.

³⁴ "a oclusiva oral e a nasal são fonologicamente especificadas como, respectivamente, [-nasal] e [+nasal], enquanto que as vogais permanecem não especificadas no *output* da fonologia, recebendo nasalização através de uma interpolação fonética" (tradução minha).

Ilustração 5: Representação Gráfica do Fluxo de Ar Nasal segundo Cohn (1993, p. 62)



No tocante ao apagamento da consoante nasal /n/ (que é opcional), ocorre uma total nasalização da vogal precedente. Trata-se, sobremaneira, de uma nasalização regressiva também, uma vez que o *output* do apagamento nasal envolve uma vogal nasalizada. A autora argumenta, porém, que a depender dos padrões adotados, o apagamento nasal pode ser de ordem fonológica ou fonética. Duas questões devem ser então consideradas: 1) a natureza da consoante nasal e 2) o caráter da nasalização da vogal precedente, como será visto logo abaixo. É importante ressaltarmos que a autora registrou o apagamento do segmento /n/ (e a conseqüente nasalização da vogal antecedente) apenas na sequência /nt/, haja vista a também opcional glotalização do /t/, também foco de sua análise.

1) Caso o apagamento seja de natureza fonológica, a consoante nasal deverá ser totalmente apagada pois, de acordo com Cohn (1993, p. 63) "there appears to be a continuum from a full nasal consonant to a short nasal consonant to deletion. [...] If the nasal consonant is deleted and the [+nasal] specification relinks to the preceding vowel, we expect to see a transition between the [+nasal] specification of the vowel and [-nasal] specification of the following /t/³⁵". Por outro lado, se a nasalização for de natureza fonética, apenas parte da vogal precedente será afetada pela nasalização, que ocorrerá de maneira gradiente.

Os gráficos abaixo, elaborados por Cohn (1993) a partir da fala de seus informantes, intentam exemplificar o suposto apagamento da consoante nasal:

³⁵ "aparenta haver um contínuo de uma consoante nasal completa para uma consoante nasal curta para o apagamento. [...] Se a consoante nasal é apagada e ao traço [+nasal] se religa à vogal precedente, espera-se ver uma transição entre o traço [+nasal] da vogal e um traço [-nasal] da consoante seguinte /t/" (tradução minha).

Ilustração 6: Representação Gráfica do Possível Apagamento da Conosante Nasal segundo Cohn (1993, p.64)



De acordo com a própria autora, é possível constatar um fluxo de ar nasal durante a oclusão oral "indicating that the nasal consonant, albeit shortened, has not actually been deleted"³⁶ (p.48). Tais ocorrências apontam para uma não sistematicidade do fenômeno bem como indicam que o segmento nasal é "enfraquecido" e não completamente apagado.

2) Neste caso, espera-se uma correlação entre a presença e a ausência de uma consoante nasal e o caráter da nasalização da vogal que antecede a consoante nasal. Se esta última se faz presente, ainda que seja breve, espera-se um fluxo de ar nasal maior. Caso haja o apagamento da consoante nasal, a nasalização da vogal antecedente (consequência do espriamento do traço [+nasal]), para ela, será categórica. Cohn (1993) conclui que ambas as abordagens de apagamento apresentadas (fonológica e fonética) seguem os padrões da nasalização regressiva apenas com o fato de que a consoante seguinte é breve.

É relevante frisarmos que a própria autora afirma não ter chegado a conclusões no que concerne à aplicação desta regra - ponto de maior interesse de nosso estudo, haja vista ser um processo foneticamente semelhante ao do português. Isso significa que o apagamento da consoante nasal existe, mas não é categórico; ou seja, trata-se de uma possível realização fonética.

No tocante a esta regra em específico, a autora afirma que "the application of nasal deletion is not systematic"³⁷ e que "the conditioning environment of this rule may differ between speakers and may also be based on speech rate and style"³⁸ (p. 67).

³⁶ "indicando que a consoante nasal, embora, na verdade não foi apagada" (tradução minha).

³⁷ "a aplicação do apagamento nasal não é sistemática" (tradução minha).

³⁸ "o contexto que condiciona esta regra pode ser diferente entre os falantes e ser baseado num tipo de discurso ou estilo" (tradução minha).

Em sua pesquisa acerca da aplicabilidade do referido processo em falantes cuja L1 é o inglês, a autora concluiu que "for some speakers, this rule applies if the /nt/ sequence is entirely tautosyllabic, but not if the /t/ is also ambysyllabic. [...] it appears to be the case that, for at least some speakers or in some of speech styles, [...] this rule applies if the voiceless stop is ambysyllabic as well"³⁹ (COHN, 1993, p. 67).

Por fim, no tocante ao apagamento da oclusiva coronal, que pode ser seguida de uma glotalização opcional, Selkirk (1972) e Kahn (1990 apud COHN, 1993) descrevem-no como uma regra fonológica na qual a sílaba final /t/, seguinte a um segmento [-consonantal] (para Kahn) e [+sonorante] (para Selkirk) torna-se glotalizado (i.e. [+constricted glottis]) (COHN, 1993, p. 64). Pelo fato de a glotalização não estar relacionada exclusivamente com a nasalização na língua inglesa, faremos uma breve abordagem sobre este último fenômeno.

No *corpus* da pesquisa de Cohn (1993), apenas um dentre os dois informantes apresentou uma glotalização sistemática em sua fala, enquanto o outro o apresentou de maneira menos regular.

A glotalização, que também é uma regra fonológica, afeta a duração dos segmentos /t/ e /d/. No vocábulo *kindness*, /d/ é apagado porque o fluxo de ar nasal é produzido "sem interrupção" na sequência /ndn/ e nenhuma oralização é imposta pelo /d/. O mesmo ocorre na sequência /ntn/, como no vocábulo *faintness*. Há autores que preferem falar em uma sobreposição gestual (*gestural overlap*) ou mesmo de uma omissão (*hiding*) das coronais do que propriamente um apagamento destes segmentos.

Também pode ocorrer de o segmento /t/ glotalizado ser nasalizado, como aponta Cohn (1993), pois embora haja fluxo de ar nasal durante a articulação do /t/, há também uma constricção (o que indica que o /t/ é glotalizado, não que haja uma glotalização). Em termos articulatórios, ocorrem simultaneamente os traços [+constricção glotal] e [+sonorante]: o /t/ se torna um "glotalizado nasalizado" por meio de um espriamento do traço [+nasal] do segmento /n/, e o resultado é um sequência [n'n]. Para ilustrar esse fenômeno, a autora nos fornece um exemplo:

³⁹ "para alguns falantes, a regra se aplica se a sequência /nt/ for inteiramente tautosilábica, mas não se o /t/ também for ambissilábico. [...] parece ser o caso de que, pelo menos para alguns falantes ou em alguns estilos de discurso, [...] esta regra se aplica se a oclusiva desvozeada também for ambissilábica" (tradução minha).

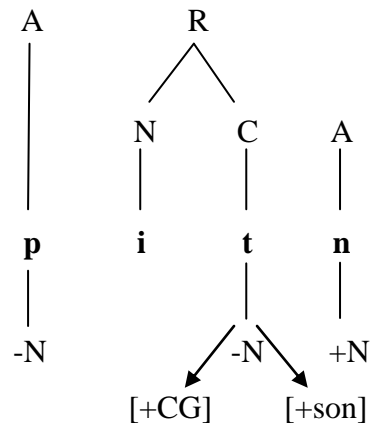
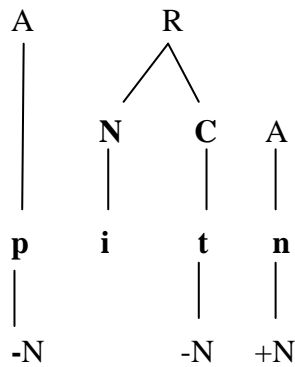
**Ilustração 7 : Representação Gráfica do Espriamento Nasal para o Segmento
Glotalizado de Cohn (1993, p.77)**

Input: (rə) p i t n (it)
 | | | |
 +N -N +N

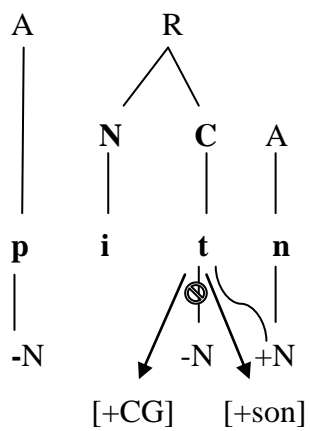
Silabificação

→

Glotalização



Espriamento Nasal



Output Fonológico: p i t n
 | | | |
 -N -N +N
 | | |
 [+CG] [+son]

No esquema proposto por Cohn (1993), podemos verificar uma glotalização do /t/, tendo em vista o traço [+constricção glotal] na sílaba (que se finda com tal segmento) com uma mudança simultânea para o traço [+sonorante], a qual permite um espraçamento nasal. Este último favorece o traço [+sonorante] para o segmento /t/, o qual recebe grande fluxo de ar nasal, de acordo com Cohn (1993). Desta forma, fala-se em uma nasalização do segmento /t/ glotalizado. Tal segmento, conforme anteriormente mencionado pela autora, apresenta constricção, mas, devido ao espraçamento nasal da consoante seguinte, torna-se glotalizado e nasalizado.

É importante frisarmos, mais uma vez, que a autora assevera que nenhum destes processos é categórico, sobretudo, a regra de apagamento da consoante nasal, como já mencionado acima.

2.3 Uma comparação entre as nasalizações do português brasileiro e do inglês

Tendo em vista que a língua inglesa não apresenta vogais nasais, mas nasalizadas, faremos uma comparação entre as consoantes nasais do português brasileiro e o inglês. É verdade que este último apresenta um apagamento da consoante nasal, o que confere uma nasalização completa à vogal antecedente, conforme aponta Cohn (1993). Entretanto, não podemos afirmar que se trata de uma estrutura semelhante ao português, (que possui vogais puramente nasais), uma vez que, de acordo com a própria autora, não existem vogais nasais na língua inglesa. A língua portuguesa, por seu turno, possui vogais nasais e nasalizadas e se vale de processos de nasalização um pouco mais específicos que os do inglês (vide tópico "Segmentos nasais do português" p. 40). Ademais, o processo de apagamento da consoante nasal no inglês restringe-se - de acordo com as pesquisas de Cohn (1993) - ao segmento /n/ seguido da oclusiva /t/. E esta regra, como todas as apontadas pela autora, não é categórica.

Os fonemas nasais /m/ e /n/ são articulados de maneira semelhante em ambas as línguas quando em posição inicial de vocábulo com uma pequena diferença, de acordo com Jensen (1993), de que o [n] em inglês é alveolar e, em português, o mesmo segmento é dental.

De acordo com Fujimura e Erickson (1997 apud KLUGE & BAPTISTA, 2009), em inglês, as consoantes nasais apresentam lugares de articulação diferente entre o /m/ e o /n/. Já no português brasileiro, não há distinção entre o lugar de articulação entre o /m/ e /n/ quando estes se encontram em posição final de sílaba. Segundo O'Connor (1975 apud KLUGE & BAPTISTA, 2009), as nasais inglesas /m/ e /n/ em posição final de vocábulo são pronunciadas a partir do abaixamento do véu palatino e do "bloqueio" da boca, causado pela aproximação dos lábios superior e inferior (sendo bilabial, no caso do /m/) e pelo contato da ponta da língua com os alvéolos (sendo alveolar, no caso do /n/). O autor concluiu, portanto, que *a priori* não existem maiores dificuldades no tocante à articulação destes segmentos.

Contudo, ele afirma que, em posição final, os falantes do português apresentam dificuldade na pronúncia das nasais, pois "[...] they may only lower the soft palate, and not make a closure, so that some of the breath goes through the nose but the remainder

goes to the mouth. When this happens, we have a nasalized vowel⁴⁰" (p. 65, apud KLUGE & BAPTISTA, 2007, p. 275). Da mesma forma, no tocante à produção das nasais portuguesas pelos falantes do inglês, Azevedo (2005, p. 46) afirma que "it is crucial for learners to acquire control of nasalization mechanism to avoid pronouncing an [m] or [n] in words spelled with *m* or *n* after a vowel in final position or before a consonant, such as *com* (with), *campo* (field) and *canto* (corner)"

Em conformidade com as considerações dos autores acima, estudiosos como Câmara Jr (1977), Mateus (1975 apud MORAES & WETZELS, 1992) e Bisol (1999) afirmam que, na língua portuguesa: a) os segmentos /m/ e /n/ não são completamente realizados depois de uma vogal, sobretudo, em posição final de sílaba (*lindo*; [li>du]) e às vezes não são realizados (*fim*; [fi>]) (KLUGE & BAPTISTA, 2008) e b) as vogais recebem nasalização da consoante seguinte. Na língua inglesa, conforme já mencionado, as vogais também recebem nasalização da consoante seguinte, porém, de acordo com Giegerich (1992 apud KLUGE & BAPTISTA, 2008), o grau de nasalização em inglês é menor (mais fraco) do que em português e não representa traço distintivo.

Em suma, em inglês, existe a articulação do /m/ e do /n/ em limite de sílaba e em final de vocábulo. Na língua portuguesa, essa distinção não ocorre: tanto o /m/ quanto o /n/ não ocorrem nos ambientes mencionados - como pode ser demonstrado nos exemplos abaixo:

- a) Limite de sílaba: *santo* = ['sãtu]; *campo* = ['kãpu]
- b) Final de vocábulo: *sim* = ['sĩ]; *bom* = ['bõ]
- c) Limite de sílaba: *comfort* = ['kõmfəɾt]; *contact* = ['kõntækt]
- d) Final de vocábulo: *man* = ['mãñ]; *mom* = ['mõm]

O outro segmento nasal português (/ɲ/) não ocorre na língua inglesa e, na fala dos informantes desta pesquisa, percebemos a articulação da sequência /nja/ ou /nju/ como em *amanhã* - ama[nja]; *manhã* - ma[nja]; *caminho* - cami[nju]. Sobre os segmentos palatais /ɲ/ e /ʎ/, Azevedo (2005) corrobora que estes não possuem equivalentes no inglês e que "like [ʎ], [ɲ] don't come easily to English speakers, who tend to substitute to [ni] or [nj]" (p.46).

⁴⁰ "eles apenas abaixam o véu palatino e não completam o fechamento da boca, de modo que parte do ar vai para o nariz e outra parte permanece na boca. Quando isso acontece, temos uma vogal nasalizada".

Por fim, como sumariza Azevedo (1981), "vowel nasalization in English results from the assimilation to a following nasal consonant, process analogous [...] to Portuguese. In both languages this is an automatic nondistinctive process, which learners tend to transfer to their competence in Portuguese⁴¹" (p.71). Embora sejam processos semelhantes de nasalização, existem transferências do inglês para o português, sobretudo, porque aquela língua não possui vogais nasais e ditongos nasais.

Complementando a ideia anterior, Flege (1987) afirma que o aprendiz percebe os sons da L2 baseando-se em sua língua materna, motivo pelo qual, naturalmente, tem uma percepção diferente da de um nativo. Conforme o autor, os sons que são fonemas distintos em uma L2 podem ser meros alofones do mesmo fonema na língua nativa. Ele argumenta que isso pode exercer influência na produção dos sons da L2 por um falante nativo da L1 devido à representação mental idêntica que o indivíduo teria para os dois sons. Em seu *Speech Learning Model* (Modelo de Aprendizagem da Fala), o autor considera que a maneira como as categorias da L1 e L2 são percebidas influenciam na percepção e produção da L2. Isto é, a representação mental de sons distintos na L2 é a mesma para o aprendiz, razão porque ocorrem as transferências da L1 para a língua alvo.

A partir das considerações dos autores acima, podemos perceber que a transferência da estrutura da L1 para a L2 interfere na produção das nasais por indivíduos falantes do inglês. No capítulo seguinte apresentaremos os informantes selecionados para esta pesquisa e explicaremos a metodologia adotada para a obtenção dos resultados.

⁴¹ "a nasalização da vogal em inglês resulta da assimilação da vogal à consoante seguinte, um processo análogo [...] ao Português. Em ambas as línguas, trata-se de um processo automático e não distintivo, nos quais o aprendiz tende a transferir sua competência para o português" (tradução minha)

3. METODOLOGIA

O presente capítulo visa a contextualizar o leitor acerca dos componentes relacionados à metodologia utilizada e fazer uma explanação acerca da teoria variacionista de Labov, método no qual nos respaldamos para realizarmos a análise dos dados.

3.1 As variáveis

Partindo dos pressupostos sociolinguísticos, sabe-se que língua e variação estão intrinsecamente relacionados. A diversidade da língua deve ser encarada, de acordo com Labov (2008), como algo inerente ao fenômeno linguístico e qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável implica uma redução na compreensão do fenômeno linguístico.

No uso espontâneo da língua, as variáveis são relacionadas a diversos fatores, como já mencionado. As variedades linguísticas podem ser *diatópicas* (geográficas), quando as diferenças linguísticas relacionam-se a origens geográficas distintas; *diastrática* (social), que envolve aspectos relacionados aos falantes e à comunidade de fala (idade, sexo, classe social, contexto e situação sociais); e *estilísticas* (de registro), as quais estão relacionadas ao contexto e circunstâncias das interações verbais. Apresentaremos, a seguir, as variáveis consideradas neste estudo.

3.1.1 Variável Dependente

Consideraremos em nossa análise como variável dependente (o fenômeno que se objetiva analisar) a realização oral ou não dos segmentos nasais/nasalizados em português pelos falantes nativos do inglês.

3.1.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes constituem-se de grupos de fatores que influenciam a variável dependente, podendo condicionar ou causar um determinado resultado. Consideraremos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, como segue.

3.2 Variáveis linguísticas

A teoria variacionista laboviana preconiza que o contexto linguístico pode influenciar a realização do fenômeno (regra variável). As variáveis linguísticas analisadas nesta pesquisa são: acento, vogal precedente, consoante seguinte, ditongo, classe de palavra e posição da sílaba na palavra.

3.2.1 Acento

A análise da tonicidade visa a identificar se a realização oral das nasais/nasalizadas é mais recorrente em segmentos *tônicos* (T), *átonos* (@), ou em *monossílabos* (*), maneira pela qual segmentamos os vocábulos.

3.2.2 Realização oral da vogal

A vogal que antecede o arquifonema nasal pode ou não influenciar a realização oral da vogal nasal. Tendo em vista a ocorrências de realizações orais nas vogais A (#), E (%), I (^), O (?) e U (!), estas foram selecionadas para compor o presente grupo de fator. Uma de nossas hipóteses é a de que a vogal /a/ é o principal alvo da realização oral, tanto na sequência /a/ + /N/ quanto no ditongo nasal /ãw/.

3.2.3 Consoante Seguinte

A realização oral vocálica também será analisada a partir da consoante seguinte. Esta pode ser apresentar na mesma sílaba - i.e, *tautossilábica* (n) - o que caracteriza as vogais nasais; ou na sílaba seguinte - i.e, *heterossilábica* (E) - sendo os segmentos vocálicos, por sua vez, nasalizados.

3.2.4 Ditongo

Em nossa análise, foram considerados os segmentos cuja realização fonética eram ditongos, sendo eles: [ãw, ãj, ãj, õj, õj]. A realização oral destes segmentos, de acordo com Azevedo (1981), ocorre porque os falantes de língua inglesa nasalizam pouco ou nada o núcleo silábico. Para a análise estatística codificamos os segmentos como sendo ditongos (Y) e "não-ditongos" (Z)

3.2.5 Classe de palavra

Dividimos os vocábulos em grupos de *verbos* (\$), *nomes* (&) e *demais classes* (Ø) - adjetivos, advérbios, conjunções, etc - para identificar em qual classe a realização oral dos segmentos nasais/nasalizados se faz mais recorrente.

3.2.6 Posição da sílaba na palavra

A partir da segmentação da sílaba em *inicial* (I), *medial* (W), *final* (F) e *monossílabos* (U) buscamos identificar em que posição silábica há uma maior realização oral das nasais.

3.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas analisadas nesta pesquisa foram *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *tempo de permanência no país* e *idade de aquisição do português*. Justificaremos nossas escolhas em seguida e apresentaremos os símbolos utilizados para a identificação das variáveis na descrição dos informantes

3.3.1 Sexo

Labov (1972) afirma que o sexo pode desempenhar papel fundamental na variação sociolinguística. De acordo com o autor, as mulheres geralmente são mais inovadoras que os homens e costumam adotar formas não padrões em sua fala antes mesmo dos homens. Nosso quadro de informantes se divide em *Homens* (H) e *Mulheres* (M).

3.3.2 Faixa etária

Também constata Labov (2008) que os indivíduos mais jovens fazem uso de formas mais inovadoras. Ao analisarmos esta variável, fizemos uma divisão entre as faixas etárias em grupos: *até 30 anos* (1), *entre 31 e 50 anos* (2) e *acima de 51 anos* (3).

3.3.3 Consciência fonológica explícita (Escolaridade).

As opiniões são praticamente unânimes no tocante a esta variável: quanto maior for a escolaridade e o contato com a instituição, maiores serão as mudanças nas modalidades oral e escrita. Porém, é possível que a escola faça preservar as estruturas de

prestígio mesmo perante às mudanças naturais sofridas pela língua. Esta variável foi analisada através da resposta dos indivíduos, se haviam estudado em algum curso específico de português para estrangeiros e por quanto tempo. Para a nomenclatura, porém, restringimo-nos ao fato de terem (S) ou não (N) estudado. O tempo médio dos que frequentaram aulas em cursos (todos eles frequentaram o *Núcleo de Línguas e Cultura* - NLC, da UFPE) foi de 6 meses a 1 ano.

3.3.4 Idade de aquisição da língua portuguesa.

Conforme argumentamos no Capítulo I desta pesquisa, acreditamos que a idade na qual o indivíduo adquire uma L2 está diretamente relacionada com seu desempenho oral. Todos os informantes desta pesquisa adquiriram a língua portuguesa na fase adulta (o que os caracteriza como bilíngues tardios), uma das condições para que haja interferência da língua materna na L2 e uma conseqüente fossilização. De acordo com dados obtidos na entrevista, segmentamos a idade de aquisição em *até 26 anos* (6) e *a partir de 27 anos* (7), cada um englobando quatro indivíduos.

3.3.5 Tempo de imersão na cultura da L2.

A literatura acerca de fatores que influenciam a aquisição de uma língua é bastante vasta e, como já visto nos capítulos anteriores, não existe consenso em muitos pontos. No tocante à aprendizagem, alguns autores apontam para um "período crítico", ao passo que outros ignoram essa condição. Da maneira semelhante ocorre para outros aspectos relacionados, como a proximidade entre a L1 e a L2, o grau de escolaridade, a etnia e até mesmo a disposição do aprendiz são relevados. Não encontramos, no entanto, literatura a respeito da relação entre o tempo de imersão do indivíduo na cultura estrangeira e sua aprendizagem. Partiremos do pressuposto intuitivo (e aceito sem maiores investigações científicas), de que o tempo de imersão na L2 é proporcional ao desempenho do aprendiz, isto é, quão maior for o contato com a L2, mais fluente será o indivíduo naquela língua. Para a análise no programa estatístico, o tempo de imersão dos informantes foi codificado como segue: *A*, para os que estão no Brasil até 3 anos; *B*, para os que aqui estão entre 4 e 20 anos e *C*, para os que estão em nosso país por mais de 20 anos.

3.4 Coleta dos dados

Esta seção objetiva descrever o estudo feito sobre a realização oral das vogais nasais/nasalizadas portuguesas pelos estrangeiros falantes do inglês. Os motivos que nos levaram a escolher este tema, como já mencionado, devem-se às nossas experiências em sala de aula e o convívio com nativos do inglês (vide Introdução, pg. 10).

Partindo da percepção de tais realizações por parte dos estrangeiros, todo o processo de coleta dos dados foi realizado dentro dos padrões sociolinguísticos: entrevistar os informantes de maneira que sua fala fosse a mais espontânea possível, isto é, a típica situação da língua em uso, conforme apontado anteriormente por Meyerhoff (2010). A primeira parte desta pesquisa, portanto, destinou-se à seleção de indivíduos falantes de língua inglesa para compor nosso *corpus* (e sobre os quais trataremos mais adiante).

Em seguida, para fins de registro das interferências e transferências fonológicas da produção oral dos falantes, o procedimento foi entrevistá-los utilizando apenas um aparelho de captação de áudio, por aproximadamente 1h. Os informantes responderam livre e espontaneamente aos questionamentos, sem induções de qualquer tipo. Ativemos-nos apenas na análise da pronúncia de vocábulos (desconsiderando-se orações e sentenças) bem como não foram considerados aspectos suprasegmentais, como ritmo e entonação, por não implicarem no processo.

A variação dialetal utilizada como base para análise foi a de Recife, cidade na qual todos os informantes são residentes e aprenderam a língua portuguesa. Não foram impostas restrições quanto ao fato de serem falantes do inglês de países distintos, tendo em vista que se trata de um fenômeno recorrente na produção oral de todos os informantes, independentemente da variedade da língua inglesa.

Em seguida, transferimos os áudios para o computador e utilizamos o Praat, um programa de análise acústica e síntese de fala, desenvolvido no Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, Holanda (esse programa pode ser atualizado através de download: www.praat.org). Foi utilizada a versão 4.4.30).

Após a oitiva no Praat - que nos permitiu visualizar a realização oral dos segmentos vocálicos nasais na fala dos estrangeiros a partir do espectrograma - fizemos uma transcrição fonética dos dados. Para tanto, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), para a construção dos quadros fonéticos da língua. Os quadros com

todas as ocorrências, que tentam apresentar da maneira mais aproximada possível a pronúncia dos falantes, seguem anexos ao final da pesquisa. Por fim, utilizamos-nos de dados linguísticos e extralinguísticos para proceder à análise estatística com respaldo no programa GoldVarb 2001, sobre o qual explanaremos logo abaixo.

3.4.1 O GoldVarb

Após a submissão dos dados ao Praat, com fins de identificação das ocorrências ou não da realização oral dos segmentos nasais pelos indivíduos, procedemos à obtenção dos dados estatísticos. Para tanto, utilizamos o GoldVarb 2001⁴², um pacote de programas que objetiva fornecer resultados numéricos a partir da análise das variáveis dependente e independentes, já citadas anteriormente.

Salientemos que, apesar de o Goldvarb ser utilizado em pesquisas relacionadas a variações da língua materna - o que não é o nosso caso - optamos por utilizá-lo por oferecer resultados confiáveis. Para um melhor entendimento do programa, iniciemos por sua nomenclatura específica:

- a) Variáveis: são a *dependente* e a(s) *independente(s)*. A primeira diz respeito ao fenômeno a ser analisado pelo programa. A(s) segunda(s), relaciona(m)-se aos demais fatores, linguísticos ou extralinguísticos, que pode(m) ou não ter influência na variável dependente;
- b) Peso relativo: quando o programa realiza a análise *Binomial Up and Down*, as percentagens são revertidas em pesos relativos. Tratam-se de valores que revelam uma maior ou menor interferência dos fatores na regra. Valores acima de 0.5 indicam grande relevância da interferência na variável; abaixo de 0.5, apontam pouca relevância;
- c) *Knockout*: ocorre quando um dos fatores aponta frequência de 0% ou 100% de aplicação da regra.

No tocante ao funcionamento do programa, devemos proceder como segue. Inicialmente, O GoldVarb deve ser alimentado com os dados, os quais devem estar devidamente codificados como no seguinte exemplo:

⁴² O programa pode ser baixado pelo endereço http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/GOLDVARB/GV_index.htm.

(FMIA6NI@ \$#ZO9 acAmpamento).

As codificações das variáveis, tanto linguísticas quanto extralinguísticas, antecedem a ocorrência do fenômeno (que, neste caso, é a realização oral do [a] no vocábulo *ac[a]mpamento*). O parêntese deve anteceder toda a codificação por ser uma "exigência" do software para realizar a leitura dos dados. Os símbolos se referem às seguintes codificações:

F = realização oral;

M = mulher;

1 = até 30 anos de idade;

A = até 3 anos no Brasil

6 = aquisição do português com até 26 anos de idade;

N = não possui escolaridade em português;

I = realização oral em sílaba inicial;

@ = realização oral em sílaba átona;

\$ = classe de palavra *nome*;

= realização oral da vogal A;

Z = não é ditongo;

n = nasalização tautossilábica;

9 = identificação do informante.

Na janela "Tokens.untitled.tkn", que possui uma tela denominada "Data", devemos inserir os dados, ou seja, os códigos seguidos das ocorrências. Após a digitação, uma janela é automaticamente apresentada com os fatores a serem analisados pelo programa. Além da visualização dos fatores, também é possível verificarmos se existem erros de digitação, que devem ser corrigidos anteriormente à rodada.

Quando os dados estiverem todos corretos e feita a rodada, pode haver resultados não significativos para a análise e/ou *knockouts*. Em ambos os casos recomenda-se *amalgamar* os grupos de fatores ou excluí-los a depender de sua relevância para a pesquisa.

Antes de iniciarmos a análise dos fatores, é importante mencionarmos que:

1) os vocábulos cuja nasalização era opcional (como em [a/ã]migo, b[a/ã]nana, f[a/ã]mília, m[a/ã]mão) foram excluídos de nossa análise. A nasalização da vogal nos

casos acima é facultativa por estarem em contexto pretônico, que propicia tanto a nasalização quanto a realização oral da vogal (vide Capítulo II, tópico "Segmentos nasais do português", pg 40);

2) também foram considerados para a análise os segmentos vocálicos cuja nasalização é alofônica (que ocorre devido à assimilação da nasalidade da consoante seguinte) apenas nas sílabas tônicas, como em *cama*, *homem*, *linha*;

3) não fizemos uma distinção do fenômeno quanto à sua ocorrência na mesma sílaba ou em sílabas distintas. Ou seja, consideramos o processo de nasalização como sendo o mesmo para os segmentos vocálicos nasais (*tautossilábicos*, como em *ando*) e nasalizados (*heterossilábicos*, como no vocábulo *anos*);

4) conforme mencionado anteriormente, Wetzels (2000) afirma serem três os ditongos fonológicos da língua portuguesa: [ãw, ãj, ãj]. O autor não considera como ditongos os segmentos [õj e êj] porque são resultantes de uma "afixação na morfologia lexical" (p.25). No entanto, para nossa análise, os segmentos que tiveram a realização fonética de um ditongo foram considerados para constituir este fator, haja vista estarmos considerando a realização fonética destes segmentos. Desta forma, as seguintes realizações perfazem a variável em questão: [ãw, ãj, ãj, õj, êj].

3.4.2 Sujeitos

Para compor nosso quadro de informantes, inicialmente, nossa proposta foi a de que os indivíduos se enquadrassem nas seguintes condições: a) possuir a língua inglesa como idioma materno; b) não ser *bilíngue* (ou *multilíngue*) *precoce*, isto é, não ter tido contato com mais de um idioma no período da infância. Embora não haja ainda estudos conclusivos sobre este último tema, existem fortes indícios de que crianças bilíngues ou políglotas tenham mais facilidade em aprender outro idioma - fato que poderia nos levar a conclusões equivocadas acerca da transferência de padrões linguísticos da L1; c) estar imerso em nossa cultura há mais de cinco anos; d) apresentar boa fluência no idioma português (os critérios por nós estabelecidos para considerar um sujeito fluente podem ser revistos no Cap. I, tópico "Sobre fluência", p. 39), e) ter aprendido o português em contexto formal ou informal.

Sobre esta seleção cabem algumas observações. Inicialmente, devemos caracterizar os informantes a partir dos "tipos" de bilinguismo nos quais se enquadram. Conforme mencionado anteriormente, utilizaremos os parâmetros multidimensionais de Harmers e Blanc (2000 apud MEGALE, 2005) para tal classificação. Nossa restrição inicial - de que os indivíduos não fossem *bilíngues precoces*, diz respeito ao fato de que, por terem duas línguas maternas, possuem grandes chances de não apresentarem interferências e terem um melhor desempenho em outras línguas que venham a aprender ou a adquirir.

No tocante à dimensão cognitiva, podemos afirmar que os informantes se enquadram na categoria de *bilíngues compostos* (isto é, quando dois sistemas linguísticos estão relacionados ao mesmo significado, vide esquema de Romaine no capítulo "Bilinguismo e Línguas em Contato") por se encontrarem em situações bastante semelhantes de aquisição da L2. Sobre a dimensão social, acreditamos poder localizar os sujeitos na categoria de *bilíngues aditivos*, uma vez que a aquisição da L2 não ocorreu em detrimento da L1. Em relação à dimensão da identidade cultural, partimos da declaração dos próprios indivíduos, de terem "bastante" ou "total" identificação com a cultural brasileira/recifense. Sendo assim, podemos classificá-los como *bilíngues biculturais*.

Não obstante a utilização destas classificações, Harmers e Blanc (2000) afirmam serem elas vacilantes ao considerarem apenas a competência linguística dos indivíduos. Por outro lado, os autores não levam em consideração apenas os fatores linguísticos e buscam respaldo em disciplinas relacionadas (como a Sociolinguística) e questões individuais, embora estas nem sempre se revelem passíveis de mensuração.

A partir da nossa consideração de que qualquer variedade dialetal seria aceita, uma vez que consideramos que a interferência da língua inglesa, no tocante ao fenômeno sob estudo, é justificada pelas diferenças dos sistemas fonológicos das línguas, listamos aleatoriamente alguns países que possuem o inglês como língua principal: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Índia. Então, procedemos à busca de pessoas que estivessem dentro das condições já citadas. Entramos em contato com embaixadas, consulados e mesmo conhecidos que pudessem indicar pessoas com este perfil.

A impossibilidade em participar de nossa pesquisa partiu de alguns dos sujeitos, que alegaram não ter disponibilidade/interesse na entrevista ou apresentaram ressalva

quanto às perguntas (embora lhes tivesse sido explicado todos os procedimentos da entrevista e a natureza dos questionamentos). Os informantes por nós excluídos do *corpus* não atenderam a uma ou várias das condições: alguns demonstraram não ter fluência necessária para estabelecer um diálogo fluido e contínuo; outros possuíam dupla nacionalidade (se enquadrando na categoria de *bilíngue precoce*).

Ajustes também foram feitos no tocante ao tempo de permanência dos estrangeiros no Brasil/Recife. Percebemos que, muito embora o sujeito estivesse há pouco tempo nesta cidade (um ano ou menos), apresentava excelente fluência e menos transferência da L1 na L2 do que alguns que aqui estão há mais de quarenta anos. A adaptação nesse critério foi feita por se tratar de um fator não mensurável, não havendo regras as quais possamos delimitar. Desta forma, o tempo de estada dos sujeitos foi analisado a partir da comparação entre o tempo de cada um, não mais a partir do parâmetro "mais de cinco anos/menos de cinco anos".

Selecionados, por fim, os sujeitos, reunimos: 3 indivíduos da Irlanda (2 homens e 1 mulher); 2 (mulheres) dos Estados Unidos; 1 (homem) da Escócia; 1 (homem) da Inglaterra e 1 (homem) da Nova Zelândia, totalizando 3 mulheres e 5 homens. Todos estão enquadrados na categoria de bilíngues tardios, isto é, indivíduos que aprenderam a língua portuguesa depois do chamado período crítico (a puberdade) e tem residência fixa no Brasil (Recife) em diferentes períodos de tempo (de 1 a 44 anos).

Os indivíduos foram identificados conforme a classificação da tabela abaixo:

TAB.1 – Classificação dos Informantes

Sujeito	Sexo	Faixa etária	Curso de Português para estrangeiros	Tempo de estada no Brasil	Idade de Aquisição
Informante 5	H	44 anos	NÃO	18 anos	26 anos
Informante Q	M	72 anos	NÃO	40 anos	32 anos
Informante 8	H	70 anos	SIM, por 1 ano	44 anos	26 anos
Informante D	H	33 anos	SIM, por 1 ano	3 anos	30 anos
Informante 4	M	30 anos	SIM, por 6 meses	2 ano e 2 meses	28 anos
Informante X	H	31 anos	NÃO	4 anos	27 anos
Informante 9	M	21 anos	NÃO	1 ano e 8 meses	19 anos
Informante 0	H	34 anos	SIM, por 5 meses	8 anos	26 anos

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

As tabelas com os fenômenos referentes a cada informante serão acompanhadas pelas legendas a seguir:

1) Sexo: Homem = H; Mulher = M

- 2) Faixa etária: Até 30 anos = 1; Entre 31 e 50 anos = 2; Mais de 50 anos = 3.
- 3) Escolaridade em português: S = Sim; N = Não
- 4) Tempo no país: Até 3 anos = A; De 4 a 20 anos = B; Acima de 21 anos = C;
- 5) Idade de aquisição do português: 6 = até 26 anos; 7 = a partir de 27 anos.

Para estabelecermos um diálogo longo o suficiente no intuito de captar o máximo da produção oral dos informantes, elaboramos um questionário, que pode ser visto ao final do trabalho (cf. Apêndice).

As perguntas, relacionadas às experiências pessoais dos informantes, foram elaboradas no intuito de que os informantes se sentissem à vontade e falassem o suficiente sobre um assunto do qual tivessem domínio. Também foram alertados de que poderiam abster-se de resposta caso não se sentissem confortáveis com o questionamento. Desta forma, preferimos buscar informações sobre a vida pessoal dos mesmos, sobretudo no que concerne à vinda e à estada em nosso país e em Recife. Não utilizamos um texto para leitura porque nossa intenção era de que a fala fosse espontânea, semelhante a uma conversa informal, ainda que tenha tido um viés investigativo, caracterizando uma entrevista. Ativemo-nos apenas na análise da pronúncia de vocábulos (desconsiderando-se, assim, orações e sentenças) bem como não foram considerados aspectos suprasegmentais, como ritmo e entonação. Estes últimos, além de terem ocorrido escassamente, aconteceram em momentos pontuais da fala - os quais, portanto, fogem à nossa proposta.

Mais uma vez, relembramos que, muito embora estejamos utilizando um método quantitativo de análise dos dados (haja vista o número de ocorrências de realizações orais e o uso do programa GoldVarb, que fornece dados estatísticos), os resultados não o são, conforme já mencionado, no capítulo I (Introdução).

4. RESULTADOS

4.1 Análise dos dados

Após a inserção de nossos dados no GoldVarb 2001 e da primeira rodada, nossa preocupação inicial foi verificar a ocorrência de *knockouts*. Como estes não foram identificados, não houve necessidade de amalgamações e novas rodadas.

Foram 378 o número de ocorrências, sendo 101 nasalizações e 277 realizações orais. Dentre os 12 grupos de fatores em análise, o programa apontou três (linguísticos) como os que mais contribuíam para a ocorrência da realização oral, sendo eles: *vogal*, *ditongo* e *acento*. Os fatores sociais não exerceram grande influência; porém, acreditamos que isso não significa que devam ser desprezados em análises posteriores.

Estabelecidos os critérios e restrições, que podem ser vistos na Metodologia (cf. pg.76), iniciemos uma análise/interpretação dos fatores considerados irrelevantes pelo programa.

4.1.1 Sexo

Existe uma diferença relevante entre *sexo* e *gênero* para os estudos sociolinguísticos. Chambers (2005) fala sobre tal diferença partindo de duas categorias: *gender-based variability* e *sex-based variability*⁴³. Na primeira, baseada no gênero, as diferenças linguísticas são explicadas a partir de papéis desempenhados por homens e mulheres em uma dada comunidade. Na variação baseada no sexo, as diferenças se explicam a partir do caráter biológico dos seres humanos, os quais se fazem presentes independentemente do gênero, conforme Chambers (2005).

O autor não faz uma ligação entre ambas as categorias, muito embora estabeleça diferenças entre as variações. Ele enxerga o gênero como parte constituinte do sexo, não como sendo um processo de construção social que interliga-se a este último.

Na Sociolinguística, a análise do gênero relaciona-se diretamente com a construção das identidades masculina e feminina na fala, pois os papéis de homem e mulher são adquiridos pelo meio social. As diferenças nas falas de homens e mulheres existem porque a língua é um fato social e está relacionada com as atitudes sociais: a

⁴³ variação baseada no gênero e variação baseada no sexo

própria sociedade impõe comportamentos distintos para ambos, e a língua é um dos reflexos destas diferenças.

Como exemplo deste comportamento, é exigido que a mulher utilize uma linguagem mais polida, enquanto os homens não são cobrados por isso, fazendo uso de uma linguagem menos cuidadosa, até mesmo mais obscena. Pode-se afirmar, então, que a fala é a concretização destas imposições sociais - homens e mulheres falam diferente porque utilizam as variantes que julgam ser mais condizentes com o seu sexo.

Por fim, podemos afirmar que as pesquisas sociolinguísticas acerca da variação relacionada ao gênero corroboram que este é um fator relevante para a análise de variáveis o que ele, muitas vezes, apresenta um padrão regular. Ou seja, tais estudos aceitam as conclusões labovianas de que a) as mulheres tendem menos a fazer uso de formas estigmatizadas do que os homens; b) as mulheres utilizam-se mais de formas de prestígio; c) as mulheres revelam adaptar-se melhor às formas linguísticas do que os homens, porém, inovam menos do que estes.

Obviamente, existem alguns questionamentos quanto a estas conclusões, sobretudo devido à complexidade em se conceituar *gênero*. Porém, por não estarmos tratando deste fator e suas implicações com relação ao fenômeno (mas apenas do *sexo* como caráter diferenciador), nosso objetivo não é uma abordagem aprofundada sobre esta categoria.

Embora seja comum considerar as nomenclaturas *gênero* e *sexo* como sinônimos, julgamos relevante apresentar brevemente as diferenças entre ambos, as quais são fundamentais para a Sociolinguística. Para nossa análise tomaremos como base a teoria de Labov (2008) acima mencionada sobre seus estudos variacionistas, que é, em geral, amplamente aceita. É importante ressaltarmos que serão feitas analogias, isto é, interpretaremos nossos resultados sobre a categoria *sexo* à luz das conclusões de Labov (2008), sobre o *gênero*.

Os dados relacionados ao *sexo* dos informantes nesta pesquisa ora contradizem, ora estão em relativa consonância com as premissas labovianas. De acordo com o programa, em 76% dos casos, os sujeitos do sexo masculino oralizaram, ao passo que em 68.4% dos casos, os sujeitos do sexo feminino o fazem.

TAB. 2 - Sexo

Sexo	Aplicação/Total	Porcentagem
Masculino	184/242	68.4%
Feminino	93/136	76%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Não são resultados discrepantes, sendo as porcentagens relativamente próximas, as quais interpretamos da seguinte maneira, com relação a duas assertivas do referido autor:

1) De acordo com a primeira conclusão laboviana, as mulheres tendem menos a fazer uso de formas estigmatizadas do que os homens. No experimento em questão, a pequena diferença percentual nas realizações orais das nasais em favor das mulheres pode ser intuitivamente relacionada à tentativa feminina de evitar a forma estigmatizada do “português gringo”, aquele de sotaque estrangeiro acentuado. A execução de L2 de maneira mais aproximada à nativa seria, portanto, menos marcada ou tachada socialmente.

2) fazendo uma relação com a segunda premissa laboviana, se considerarmos que a "forma de prestígio" é a língua materna, as mulheres incorreram menos em realizações orais. Isto é, fizeram um maior uso da variação (que neste caso, é a nasalização em português), ao contrário dos homens;

3) no tocante à adaptação às formas linguísticas mencionadas por Labov (1972), as mulheres, de fato, revelaram adaptar-se melhor a tais formas (que, neste caso, são as já referidas oralizações dos segmentos nasais portugueses). Partindo dos resultados fornecidos pelo programa, pode-se observar que os homens apresentaram uma maior resistência à inovação, oralizando mais, enquanto as mulheres mostraram adaptar-se melhor à tal novidade, oralizando menos.

Embora o fator em questão não tenha demonstrado relevância para a ocorrência do fenômeno, podemos ressaltar ainda que a quantidade de sujeitos do sexo masculino (5) é superior a de informantes do sexo feminino (3). Em termos numéricos, houve 136 ocorrências de nasais, das quais 93 foram de realizações orais por parte das mulheres; e 242 ocorrências de nasais, sendo que 184 foram realizações orais por parte dos homens. Comparativamente falando, tratam-se de proporções aproximadas, motivo pelo qual acreditamos que esta variável não influenciou na ocorrência do fenômeno.

4.1.2 Faixa etária

A escolha pela análise desta variável deve-se ao fato de haver diferenças na linguagem das crianças, dos adolescentes, dos adultos e dos idosos, ainda que pertençam à mesma cultura e compartilhem os mesmo padrões linguísticos. Os estudiosos sociolinguistas utilizam tal segmentação porque dificilmente o pesquisador poderá fazer um acompanhamento do indivíduo por um longo período. Isto é, faz-se necessária uma análise momentânea e comparativa entre os indivíduos para esclarecer se um determinado fenômeno se trata de uma mudança linguística ou de uma variação própria da faixa etária.

Ressalte-se que Labov (1994 apud MONTEIRO, 2000) adverte sobre a questão dos fenômenos linguísticos e sua relação com as faixas etárias, não necessariamente representando mudanças linguísticas, mas podendo ser apenas um padrão característico daquela idade.

Em nossa pesquisa, as faixas etárias foram segregadas em três grupos: *até 30anos* (1); *de 30 a 50anos* (2) e *acima de 50anos* (3). Os resultados apontam que não há relevância da idade do indivíduo na ocorrência da realização oral das nasais. Todavia, em 66.7% dos casos, a realização oral se deu no grupo dos jovens adultos; em 74.4%, no grupo dos adultos e em 78.2%, no grupo dos idosos.

TAB. 3 – Faixa Etária

Faixa etária	Aplicação/Total	Porcentagem
1	62/93	66.7%
2	164/207	74.4%
3	61/78	78.2%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Embora não haja correlação relevante entre as variáveis, os dados convergem, de certa forma, para uma possível interpretação da teoria laboviana. Uma vez que os mais jovens utilizam-se mais de formas inovadoras, enquanto os idosos utilizam-se de padrões mais conservadores, a L2 poderia ser enquadrada como uma espécie de "inovação", sendo assim os mais jovens teriam maior capacidade de adaptação àquela língua, enquanto os mais velhos incorreriam num "conservadorismo" da L1. Reforça esta interpretação o fato de que os informantes mais idosos não apenas incorreram um

pouco mais na realização oral das vogais, como ainda possuem um "sotaque estrangeiro" mais marcado e característico (conservadorismo), ao contrário dos mais jovens.

4.1.3 Consciência Fonológica Explícita (Escolaridade)

O fator escolaridade costuma ser alvo das análises sociolinguísticas porque, de acordo com Preti (1994), o tempo que o indivíduo passou estudando pode influenciar seu repertório linguístico. Ademais, a hipótese dos sociolinguistas é a de que os informantes apresentem um comportamento diferenciado, condizente com seu grau de escolarização. Partindo deste princípio, os sujeitos que têm instrução formal utilizam as formas mais aproximadas da norma culta.

No caso desta pesquisa, analisamos a escolaridade dos informantes na língua portuguesa, cujo tempo oscilou entre 6 meses e 1 ano. Os sujeitos que tiveram tal escolaridade estudaram no *Núcleo de Línguas e Cultura* da UFPE, no curso específico de português para estrangeiros.

Ao contrário das premissas sociolinguísticas, a variável escolaridade foi considerada irrelevante para a ocorrência da realização oral das nasais. Os dados acerca da escolarização dos indivíduos indicaram os seguintes percentuais de incidência do fenômeno (sendo *N* o grupo que indica a não-escolarização e *S* o grupo que engloba os indivíduos que tiveram instrução formal):

TAB. 4 - Consciência fonológica explícita (Escolaridade)

Escolaridade	Aplicação/Total	Porcentagem
N	129/186	69.4%
S	148/192	77.1%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Os indivíduos que tiveram instrução formal em português oralizaram mais do que os que não tiveram, conforme os dados. É verdade que a instrução formal pressupõe o contato mais intenso com a norma padrão, e que afeta os fenômenos de variação, porém, de acordo com Freitag (2011), a escolaridade tem se mostrado um comportamento irregular e pouco previsível. A exemplo dos dados desta pesquisa, percebemos que a escolaridade não definiu a ocorrência da realização oral das nasais.

Acreditamos na importância da instrução formal como método eficaz na aprendizagem de uma língua estrangeira. Contudo, é válido ressaltarmos que a metodologia padrão vigente tem por foco a gramática e a norma culta; e as atividades orais (que não são espontâneas) geralmente buscam reproduzir as situações do cotidiano, não enfatizando a linguagem informal.

Considere-se, também, que a ocorrência da realização oral das nasais ainda não se apresenta como aspecto comumente destacado nos cursos de Língua Portuguesa para Estrangeiros, o que poderia explicar o motivo pelo qual a realização oral, ao contrário de outros fenômenos linguísticos, não encontra correlação clara com a aprendizagem.

4.1.4 Tempo de permanência no Brasil

Comumente se faz uma relação entre o tempo de permanência em um país estrangeiro e a fluência/capacidade do indivíduo em se comunicar na língua daquela cultura; ou seja, quanto mais tempo o indivíduo passa no país da L2, melhor será sua fluência e os traços da língua materna passam a ser menos evidentes. Trata-se de uma associação natural porque presume-se que, uma vez instalado no país estrangeiro, o indivíduo estará imerso naquela cultura e terá contato constante com a língua nativa. Este contexto proporciona ao aprendiz assimilar a L2 através do contato com nativos (o que lhe traz vantagens em termos fonológicos) e vivenciar situações de uso real da língua.

A *fluência* do aprendiz, contudo, não deve ser confundida ou estar relacionada com sua *interlíngua*. O indivíduo pode se comunicar bem, ser fluente, mas apresentar muitas interferências de sua L1 na L2. Como anteriormente mencionado, todos os informantes de nossa pesquisa são fluentes, mas todos apresentaram a interferência do inglês, sua língua materna, na produção das nasais do português.

Pelo exposto, no intuito de comprovarmos se realmente existe a relação entre o tempo de permanência e uma menor realização oral das nasais (menor interferência da L1) por parte dos informantes, incluímos tal possibilidade de relação em nossas análises.

Os grupos correspondentes ao fator tempo de permanência são: A = *até 3 anos*; B = *de 4 a 20 anos* e C = *acima de 20 anos*. De acordo com os resultados encontrados,

não há relevância entre a variável em questão (tempo de permanência) e a realização oral das nasais.

Destaque-se que, após a aplicação do Goldvarb, obtivemos os seguintes percentuais de ocorrência do fenômeno:

TAB. 5 – Tempo de Permanência no Brasil

Tempo no Brasil	Aplicação/Total	Porcentagem
Até 3 anos	109/148	73.6%
4 a 20 anos	107/152	70.4%
Acima de 20 anos	61/78	78.2%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Os percentuais encontrados implicam na clara diferenciação entre a fluência, e a maior ou menor interferência de L1.

A existência da relação Tempo de Permanência x Fluência nos parece totalmente plausível, haja vista que a capacidade de se expressar, sobretudo de forma compreensível, e a desenvoltura no uso de L2, tendem a melhorar com o tempo de imersão na própria L2. Todavia a interferência de L1 (realização oral das nasais) nos parece fenômeno independente da fluência (de acordo com a definição previamente adotada). Indivíduos com clara capacidade de comunicação, por exemplo, podem apresentar bastante interferência de L1 em L2.

A realização oral das nasais, portanto, demonstrou tratar-se de fenômeno associado à *fossilização* de estruturas da língua inglesa, não possuindo, assim, correlação definitiva com o tempo de exposição à L2.

4.1.5 Idade de aquisição

Com base nas teorias de autores como Lenneberg (1967), Krashen (1982) e Larsen-Freeman (1991), acreditamos que a idade na qual o indivíduo adquire a língua é crucial para seu desempenho na L2. Em que pese haver controvérsias sobre esta questão, as pesquisas de Patkowsky (1980) e mais recentemente de Bialystok (1997), apontam a relevância deste fator no tocante à aquisição de L2, sobretudo no âmbito fonológico.

Conforme exposto no capítulo referente aos sujeitos de nossa pesquisa, foram selecionados somente informantes que adquiriram o português após os 13 anos, o chamado *período crítico*, proposto por Lenneberg (1967). A escolha por este perfil deve-se ao fato de as teorias sugerirem (ou ao menos apresentarem fortes indícios de) que a idade (até o período crítico) interfere consideravelmente na pronúncia do indivíduo aprendiz da L2.

Segmentamos, como já mencionado, o fator idade de aquisição em dois grupos: indivíduos que aprenderam o português até os 26 anos - período médio no qual os informantes adquiriram L2 - e aqueles que o fizeram após esta idade, havendo 4 informantes em cada grupo. Os resultados oferecidos pelo programa apontaram irrelevância da variável "idade de aquisição" na ocorrência da realização oral das nasais, sendo que 54% dos que incorreram no fenômeno pertenciam ao primeiro grupo, e 45%, ao segundo.

TAB. 6 – Idade de Aquisição do Português Brasileiro

Idade de aquisição	Aplicação/Total	Porcentagem
Aquisição da L2 até os 26 anos	150/206	54.5%
Aquisição da L2 a partir dos 27 anos	127/172	45.5%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

O fato de serem percentagens relativamente aproximadas sugere que, após o período crítico, a idade com a qual o sujeito adquiriu a L2 não mais terá relevância: há uma grande probabilidade - e para alguns teóricos, é quase uma convicção - de que, nestes casos, ele apresentará fossilizações em sua interlíngua.

Singleton (2007) não exclui a possibilidade de um falante apresentar desempenho na L2 semelhante a um de nativo mesmo quando adquiriu a L2 após o período crítico, no entanto, o autor afirma que se tratam de casos excepcionais, perto de 5% apenas.

Juntamente com a faixa etária de aquisição, Larsen-Freeman (1991) e Krashen (1981) atribuem o sucesso do desempenho do aprendiz a um conjunto de fatores em paralelo, aptidão, atitude/motivação, personalidade e estratégias de aprendizagem.

4.1.6 Classe de palavra

Optamos pela análise deste fator com o intuito de verificarmos se a realização oral das nasais era mais recorrente em alguma classe gramatical específica. Inicialmente, acreditamos que haveria uma maior incidência do fenômeno nos verbos, sobretudo os de primeira conjugação no gerúndio i.e, *-ando*, haja vista a quantidade (em termos relativos) de ocorrências verificadas com tais características. A variável, porém, não mostrou qualquer relação causal com o fenômeno, tendo em vista que as oralizações apareceram em todas as classes de palavras, em porcentagens aproximadas: 72.3% dos casos em verbos, 78.8% em nomes, e 68,1% nas demais classes (adjetivos, advérbios, pronomes, preposições), como pode ser visto na tabela abaixo:

TAB. 7 – Classe de Palavra

Classe de palavra	Aplicação/Total	Porcentagem
Verbos	146/202	72.3%
Nomes	82/104	68.1%
Demais classes	49/72	78.8%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Quanto à hipótese original (maior incidência nos verbos), é provável que a maior quantidade de verbos da primeira conjugação existente na língua portuguesa, somada ao fato da relevância da vogal /a/ na ocorrência da realização oral das nasais (explicada posteriormente), tenha induzido erroneamente à hipótese supracitada, a qual claramente refutamos após tal análise.

4.1.7 Consoante Seguinte

A análise do presente grupo de fator visou a identificar se o contexto à direita dos segmentos nasais e nasalizados (i.e, as consoantes seguintes) poderiam influenciar na ocorrência de oralizações. Para tanto, dividimos os grupos consonantais em *n*, que indica que a nasalização ocorre na mesma sílaba (i.e, *tautosilábica*), e que são, portanto, vogais nasais; e *E*, que indica que a nasalização ocorre devido à assimilação do traço nasal pertencente à consoante seguinte (i.e, *heterossilábica*), sendo os

segmentos vocálicos, por sua vez, nasalizados. Moraes & Wetzels (1992) não concordam com as considerações gerativistas de que o processo de nasalização de segmentos nasais e nasalizados seja o mesmo. De acordo com os autores "contrariamente ao que ocorre na nasalidade fonêmica, onde a regra tem aplicação categórica, a nasalidade alofônica parece ser resultante da aplicação de uma regra variável, sensível a fatores como a posição do acento, a natureza da consoante nasal e o dialeto" (MORAES & WETZELS, 1992, p.154).

Eles explicam os motivos pelos quais defendem tal ponto de vista:

- a) as sílabas tônicas são mais facilmente nasalizáveis do que as átonas;
- b) na nasalização contrastiva (i.e, os segmentos nasalizados), a vogal se nasaliza em qualquer posição da palavra;
- c) a nasalização alofônica está fortemente condicionada pelo fator regional. Os autores pontuam que, na região Nordeste, a nasalização tem um grande índice de aplicação, "pois se nasalizam as tônicas e as pretônicas" (p.155)

Embora os autores apresentem evidências de que a nasalização contrastiva e alofônica são processos distintos, optamos por não diferenciá-los em nossa análise tendo em vista que as oralizações ocorreram independentemente dos tipos de nasalização (e excetuando-se os casos em que a variação era opcional, como em b[a, ã]nana, c[a,ã]minho, f[a, ã]mília).

Assim, conforme os resultados obtidos no GoldVarb, o contexto *consoante seguinte* não demonstrou relevância para a ocorrência do fenômeno aqui estudado. As oralizações ocorreram:

TAB. 8 – Consoante Seguinte

Consoante Seguinte	Aplicação/Total	Porcentagem
Tautossilábica	224/318	70.4%
Heterossilábica	53/60	88.3%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

É importante ressaltarmos que os segmentos vocálicos nasais ocorreram em número bastante superior aos nasalizados. Em termos numéricos, contudo, houve uma porcentagem relativamente maior concernente à realização oral dos segmentos nasalizados: 88.7% dos casos, contra 70.4% dos casos em segmentos nasais. Isso

porque dos 60 casos de segmentos nasalizados, 53 foram de oralizações, ao passo que das 318 ocorrências de segmentos nasais, 224 foram oralizados. Proporcionalmente falando, vê-se que os segmentos nasalizados sofreram mais oralizações,

Acreditamos que uma maior incidência de oralizações nas heterossilábicas se deve, sobretudo, à palatal /ɲ/. Sobre tais segmentos, Abaurre e Pagotto (1996) afirmam que, na língua portuguesa, quando a consoante que segue a vogal é palatal, a nasalização ocorre em 100% dos casos. Acreditamos haver uma relação estreita entre a nasalização categórica quando a consoante seguinte é a palatal e o fato de haver frequentes oralizações da vogal antecedente a ela: foi possível verificarmos que a pronúncia dos informantes para tal segmento era [nja]. Além da inserção de um glide no segmento, houve a realização oral da vogal precedente (e, por vezes, subsequente) a ele, como em *manhã* ['manja]. Nossa interpretação é a de que a inexistência deste segmento na fonologia da língua inglesa tenha "comprometido" sua produção oral pelos falantes estrangeiros.

Atribuímos ao segmento palatal a grande incidência de oralizações nas heterossilábicas, pelo fato de não considerarmos distintos o processo de nasalização dos segmentos nasais e nasalizados. Uma vez que estamos considerando a realização fonética dos segmentos, torna-se irrelevante estabelecer diferenças na realização oral de tais segmentos.

Por fim, devido à irrelevância desta variável no tocante às oralizações, não nos cabe uma explanação maior acerca das divergências teóricas dos estudiosos acima. No entanto, é válido ressaltarmos que as pesquisas concernentes à nasalidade relacionada às consoantes seguintes ainda não chegaram a um consenso.

4.1.8 Posição da sílaba na palavra

Acreditamos que a posição da sílaba do segmento nasal influenciaria o processo de realização oral, uma vez que o inglês possui, via de regra, uma menor quantidade de sílabas do que o português, trazendo, assim, uma necessidade de adaptação do falante nativo de língua inglesa ao executar palavras da língua portuguesa (de maior extensão). Desta feita, o número de palavras monossilábicas, por exemplo, é mais recorrente naquele idioma. Schütz (2008) aponta que "a média geral de sílabas por palavras (no

inglês) é inferior, pois mesmo palavras polissilábicas de origem comum, quando comparadas entre os dois idiomas, mostram uma clara tendência à redução em inglês" (p. 4) Esta redução, de acordo com Azevedo (1981, p. 93), "enables us to speed through unstressed syllables".

Ressaltemos que para a análise desta variável houve uma segregação em 4 grupos: posições inicial, medial, final e monossílabos. As palavras com número par de sílabas (ex: irmã, computador, diferente, etc) foram consideradas não possuidoras de sílabas mediais por apresentar número par de sílabas. Isto é, havendo apenas duas categorias de sílabas, como no exemplo computador: com = sílaba inicial, pu = sílaba inicial, ta = sílaba final, e dor = sílaba final. Procedeu-se da mesma forma para os vocábulos em situação similar. As oralizações dos segmentos nasais ocorreram:

- a) em 66.2% dos casos nas sílabas iniciais;
- b) em 82.4% dos casos nas sílabas mediais;
- c) em 77.5% dos casos nas sílabas finais e
- d) em 64.7% dos casos nos monossílabos.

TAB. 9 – Posição da Sílabas na Palavra

Posição da sílaba	Aplicação/Total	Porcentagem
Inicial	94/142	66.2%
Medial	75/91	82.4%
Final	111/86	77.5%
Monossílab	22/34	64.7%

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

O maior índice de ocorrências do fenômeno se deu em sílabas mediais, embora os percentuais não tenham sido discrepantes, e o fator tenha sido considerado irrelevante quanto aos resultados obtidos com a análise através do GoldVarb. Não podemos afirmar que o fato de os dados terem apontado maior ocorrência indique uma relação direta com a tonicidade, por exemplo (fator considerado relevante, e que será discutido em seguida). Porém, sabemos que a língua portuguesa dispõe de um maior número de palavras paroxítonas, o que talvez possa explicar tais percentuais.

4.2 Fatores Relevantes

4.2.1 Acento

A língua inglesa é essencialmente acentual: existe uma constante alternância entre as sílabas tônicas e as átonas, gerando um ritmo totalmente distinto do da língua portuguesa. Isso quer dizer que, para uma pronúncia correta do inglês, deve-se atentar para uma correta tonicidade: trata-se de uma língua cuja acentuação não é sistemática, sempre na mesma sílaba, como afirma Azevedo (1981, p. 94) "English allows for variation in word stress position, in keeping with the tendency to space out stresses at regular intervals⁴⁴". Ademais, a relação entre a ortografia e a pronúncia é bastante irregular; nem sempre há a correspondência entre o que está escrito e como se pronuncia, fato que influencia no ritmo e na acentuação, de acordo com Schütz (2011).

A língua portuguesa, por sua vez, não apresenta tantas variações. São três os tipos de acentuação (oxítônica, paroxítônica, proparoxítônica), sendo as paroxítonas as mais recorrentes. No que concerne à correlação ortografia/pronúncia, o português revela uma grande correspondência, motivo pelo qual não há grandes dificuldades por parte dos falantes estrangeiros nestes aspectos.

Schütz (2008) afirma que a acentuação tônica das palavras é um fator que representa um contraste relevante entre as línguas portuguesa e inglesa, pois "a forma predominante de acentuação tônica de uma língua influi significativamente na sua característica sonora" (p. 5). Temos, então, três tipos de acentuação no português, e a língua inglesa, por sua vez, dispõe de cinco tipos, sendo que nenhum é mais recorrente. Também é válido lembrarmos que não existem acentos gráficos distintivos neste idioma. No intuito de facilitar a compreensão, o autor propôs o seguinte esquema:

TAB. 10 – Acentuação

Acentuação	Português	Inglês
Oxítônica	café, estudar, computador.	hotel, control, police, improve, exchange.
Paroxítônica	casa, modelo, comemorava.	video, English, important, united, revolution.
Proparoxítônica	fígado, metrópole,	excellent, hospital,

⁴⁴ "O inglês permite variação da sílaba tônica na palavra, mantendo a tendência em acentuar em intervalos regulares"

	hemofílico.	government, photograph.
<i>Stress on three before the last</i> (acentuação pré-proparoxítora)	-----	approximately, significantly, intelligible.
<i>Double stress</i> (acentuação dupla)	-----	approximation, characteristics, category, necessary, fundamental

Fonte: (SCHUTZ, 2011. Disponível em <http://www.sk.com.br/sk-stres.html>)

Azevedo (1981) constata, porém, que existem palavras no português com dupla acentuação (embora sejam menos frequentes): "em *rapidamente* a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as átonas existentes na palavra. Dizemos que a sílaba *men* tem o acento principal e *ra* o acento secundário da palavra. O acento em que recai o acento secundário chama-se subtônica" (p.94). Entretanto, o autor faz questão de ressaltar que este tipo de ocorrência se limita a um discurso formal ou quando se pretende ser enfático.

Sabe-se que o inglês, conforme mencionado anteriormente, possui menor quantidade de sílabas do que o português. Assim sendo, o número de palavras monossilábicas, por consequência, é mais recorrente naquele idioma. E mesmo quando se comparam as polissílabas nos dois idiomas, são frequentes as reduções no inglês, o que lhe confere ritmo e entonação bastante peculiar, caracterizando-o com um padrão acentual *stressed time*.

É verdade que o fato de possuir tal padrão acentual dificulta os falantes do português a adquirirem o ritmo e a entonação da língua inglesa. Porém, também é perceptível que, pelo fato de o inglês ser abundante em monossílabos e haver constante redução silábica, existe uma transferência de padrões desta língua para o português. Isto é, como apontam os resultados (conforme pode ser visto na tabela abaixo), as sílabas mais oralizadas pelos informantes foram sobretudo as monossilábicas, com 64.7% das ocorrências e maior peso relativo: 0.69. As átonas, logo em seguida, apresentam realização oral em 79.8% dos casos, com peso relativo um pouco menor, de 0.54 e, curiosamente, as tônicas não apresentaram relevância (apresentando um peso relativo de apenas 0.25).

TAB. 11 - Acento

Acento	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Tônico	38/72	52.8	0.27
Átono	217/272	79.8	0.54
Monossílabo	22/34	64.7	0.69

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

A partir dos dados fornecidos pelo programa, acreditamos que os monossílabos tenham sofrido oralizações por serem em grande parte ditongos nasais (cuja descrição pode ser vista mais adiante); e os átonos, por haver transferência do padrão acentual do inglês para nosso idioma. Ressalte-se que houve um percentual significativo de oralizações nas sílabas tônicas (52,8%), as quais não apresentaram relevo para a ocorrência das oralizações. O que se discute aqui é, mais uma vez, o caso de transferência de padrões da L1 para a L2.

4.2.2 Vogal

Dentre as ocorrências de realização oral das vogais nasais, 191 apareceram na vogal A, 45 na vogal E, 53 na vogal I, 13 na vogal O e 8 na vogal U. Apesar de as porcentagens revelarem uma ocorrência relativamente alta, sobretudo nas vogais E, com 72.6% e I, com 52%, seus respectivos pesos relativos, inferiores a 0.5, não apontaram grande relevância para a ocorrência do fenômeno. Como sugerido em uma de nossas hipóteses e comprovado pelos resultados, a vogal /a/ é, na maioria dos casos, o alvo da realização oral das nasais pelos estrangeiros.

TAB. 12 - Vogal

Vogal	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
A	191/215	88.8	0.71
E	45/62	72.6	0.49
I	53/20	37.7	0.09
O	13/25	52	0.20
U	8/23	34.8	0.12

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

No tocante ao aspecto articulatório, de acordo com Machado (1993 apud CAMPOS, 2009), as vogais nasais diferem de suas correspondentes orais porque

ocorrem o abaixamento do véu palatino, uma redução da cavidade oral, uma redução da cavidade faríngea para as vogais [ĩ], [ẽ] e [õ] e aumento para as vogais [ã] e [ũ], contração da parede faríngea e longa duração. A diferença entre a nasalização das vogais, segundo Hajek & Maeda (2000), relaciona-se à abertura do mecanismo velofaríngeo (MVF), isto é, quanto maior a abertura deste, maior será sua nasalização. Desta forma, as vogais altas [i] e [u] necessitam de pouca abertura do mecanismo velofaríngeo para serem nasalizadas, ao passo que as baixas exigem uma maior abertura deste; motivo pelo qual são percebidas como mais nasais do que as altas.

No que concerne à duração das vogais nasais, os foneticistas já haviam observado que, na língua francesa, estas eram mais longas do que as orais (CAMPOS, 2009, p. 20). No entanto, tal constatação restringiu-se às sílabas tônicas travadas, nas quais o alongamento das nasais era um fator condicionante. Estudiosos franceses do século seguinte resolveram investigar se a duração realmente estava apenas relacionada a esse contexto e descobriram que, de fato, as vogais nasais eram mais longas que as orais.

Hajek & Maeda (2000), por sua vez, voltaram suas pesquisas para encontrar a relação entre a duração das nasais e sua percepção. Assim, concluíram que a percepção está diretamente relacionada com a duração: "vogais mais longas são perfeitamente nasalizadas, fato este que favorece a nasalização da vogal baixa, por ter uma duração intrinsecamente maior que as demais" (HAJEK & MAEDA, 2000 apud CAMPOS, 2009). Porém, chamam atenção para o fato de que "a percepção da nasalização de uma vogal baixa ocorre mais lentamente com a abertura do mecanismo velofaríngeo do que de vogais mais altas" (HAJEK & MAEDA, 2000 apud CAMPOS, 2009 p.18). Isto é, a nasalização é maior nos segmentos vocálicos mais baixos devido à sua duração, mas sua percepção é mais lenta devido a uma menor constrição do mecanismo velofaríngeo.

As vogais inglesas distinguem-se entre si apenas por serem curtas ou longas, de acordo com Azevedo (1981) e mais ou menos ditongadas, conforme Delattre (1965, apud AZEVEDO, 1981, p.43). O português dispõe de um número menor de combinações de segmentos entre as vogais - o que é abundante no inglês - e caracteriza-se por uma grande nasalidade, ao contrário daquele. Nota-se que as estruturas das duas línguas são bem distintas e isso tanto dificulta a percepção dos sons da L2, quanto facilita a transferência de padrões da L1 (no caso, do inglês para o português). É importante ressaltar que, muito embora o inglês permita a sequência ditongo +

consoante nasal (*pain, claim, count, brown, etc*), além de não serem caracterizados como ditongos nasais, não ocorre a fusão entre o ditongo e a consoante nasal, como pontua Cohn (1993).

Com base nas teorias dos estudiosos acima mencionados, e observando nossos dados, as vogais /a/ e /e/ foram os alvos principais da realização oral (embora este último tenha sido apontado como irrelevante pelo programa, com peso relativo de 0.49). São, respectivamente, vogais baixa e média-baixa e que tem maior propensão a se perceber a nasalização do que as altas, como anteriormente mencionado por Hajek e Maeda (2000, apud Campos, 2009).

Sobre a vogal /e/, Azevedo (1981), que realizou um estudo comparativo sobre a fonologia do inglês e do português e as dificuldades dos estrangeiros em realizarem alguns sons do português, sugere que o fator complicador para a realização oral deste segmento diz respeito ao fato de ele ser um segmento com traços [-baixa] e [+alta]. Sobretudo em posição final, a sequência /en/ corresponde foneticamente a [eɥ̃⁽ⁿ⁾], conforme o autor, tanto em posição tônica quanto átona. O motivo pelo qual a compreensão e produção das nasais pelos falantes estrangeiros pode ser dificultada está relacionado à inserção de um /i/ entre o /e/ formando um glide, o que acentua a nasalização da sequência dos segmentos.

No tocante à vogal /a/, o peso relativo foi de 0.71, o que indica grande relevância para a ocorrência da realização oral. Azevedo (1981), em relação a este segmento, é ainda mais enfático, afirmando que, pelo fato de ela ocupar o núcleo e apresentar o traço [+baixo], a realização oral é praticamente certa. No tocante à duração, por ser a vogal mais baixa (e conseqüentemente a mais longa), sua nasalização é maior em relação às demais. Porém, também pelo fato de ser o segmento mais baixo apresenta uma constrição menor do mecanismo velofaríngeo, o que lhe confere menor percepção. Acreditamos que um conjunto de fatores explica o porquê de a vogal /a/ ser o maior alvo da realização oral por parte dos falantes do inglês: a estrutura das línguas, que são bem distintas, a duração das vogais e como elas são percebidas em relação à abertura do mecanismo velofaríngeo - confirmando uma de nossas hipóteses.

Apesar de tais distinções entre as estruturas linguísticas dos idiomas envolvidos e as perceptíveis oralizações dos segmentos /e/ e /a/ portugueses (sobretudo deste último) por parte dos informantes, é importante ressaltarmos os resultados da pesquisa de Cohn (1993), os quais apontam que as vogais inglesas, na sequência específica /nt/,

são passíveis de plena nasalização devido ao apagamento da consoante nasal /n/ e transferência do traço [+nasal] para a vogal antecedente, como em sent; [sẽt].

De acordo com o que expusemos no Capítulo II, trata-se de um processo não categórico e não relacionado com a fonologia da língua inglesa. Ademais, a autora percebeu que é mais frequente um "enfraquecimento" da consoante nasal do que um apagamento propriamente dito, motivo pelo qual não lhe foi possível concluir e precisar a ocorrência deste fenômeno. Baseando-se em tais evidências e nas teorias dos autores citados neste tópico, sustentamos o fato de que nossa hipótese foi confirmada.

4.2.3 Ditongo

Em uma de nossas hipóteses, consideramos que os ditongos seriam o alvo principal de oralizações por parte dos informantes. Tal consideração partiu da percepção deste tipo de ocorrência antes e durante as entrevistas com os indivíduos e das transcrições no Praat.

De acordo com o programa GoldVarb, porém, foi apenas relevante o fato de o vocábulo não ser um ditongo: embora os ditongos (Y) tenham tido um percentual relativamente alto (de 59.5%) de ocorrências, seu peso relativo foi ínfimo (0.21); enquanto os vocábulos que não eram ditongos (Z), apresentaram um peso relativo de 0.57.

TAB. 13 - Ditongo

Ditongo	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Y	44/74	59.5	0.21
Z	233/304	76.6	0.57

Fonte: Pesquisa de dados, jan.2012.

Inicialmente, podemos constatar que o número de ocorrências dos ditongos em relação aos não-ditongos foi consideravelmente menor: 44 aplicações dos primeiros contra 233 dos últimos - o que pode ter desfavorecido a relevância dos ditongos.

Em termos fonológicos, de acordo com Azevedo (1981), pelo fato de não haver ditongos nasais no inglês, a transferência de padrões dessa língua para o português é quase certa. Em sua pesquisa, o autor também detectou oralizações de ditongos /ãw/ por parte dos falantes do inglês, como em a) *mão* = [mawⁿ] e b) *dão* = [dawⁿ].

A partir da transcrição fonética do autor, percebe-se que, a vogal /a/ sofreu realização oral. Nota-se também que após a articulação do glide há uma produção discreta do /n/ - caracterizando uma transferência da L1 dos indivíduos. Em nossos dados, também identificamos que durante a produção dos ditongos [ãw], houve a realização oral do /a/ e, na maioria das vezes, a articulação discreta de um segmento nasal:

- a) *não* = [nawⁿ];
- b) *então* = [ẽtawⁿ];
- c) *irmão* = [iɾmawⁿ];
- d) *senão* = [sinawⁿ].

Podemos depreender que tal estruturação pode ser um reflexo da percepção da nasalização da vogal /a/ pelos estrangeiros conforme já assinalado por Hajek e Maeda (2000): nos segmentos vocálicos mais baixos, embora a nasalização seja maior dada as suas características articulatórias, a percepção é mais lenta devido à uma menor constrictão do mecanismo velofaríngeo.

No tocante ao ditongo [ãj], também ocorreram oralizações do /a/, contudo, não foi possível identificarmos a articulação do /n/, semelhante ao ditongo [ãw], talvez devido ao número consideravelmente menor de vocábulos com esse ditongo. Uma de suas poucas ocorrências foi na palavra *mãe* = ['mãj], dita por três falantes. Quanto à ocorrência do ditongo [ũj] no vocábulo *muito*, houve um "apagamento" da consoante nasal /n/, isto é: *muito* = ['mujtu]. Se recorrermos novamente aos apontamentos de Hajek & Maeda (2000 apud CAMPOS, 2009), podemos argumentar o seguinte: sendo o /u/ uma vogal alta (e o glide /j/ que possui características semelhantes à articulação do /i/, também alto), sua nasalização é menor devido à curta duração.

Em que pese os autores alegarem que a percepção é inversamente proporcional à constrictão do segmento (o que seria menos árduo para os indivíduos perceberem a sua nasalidade), o ditongo /ũj/ sofreu realizações orais por parte de todos os informantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados fornecidos pelo programa, confirmamos uma de nossas hipóteses e refutamos as demais. No tocante às hipóteses relacionadas às variáveis linguísticas, podemos afirmar que: a) a realização oral foi mais recorrente na vogal /a/, tendo em vista sua menor percepção e maior grau de dificuldade de nasalização, de acordo com Hajek e Maeda (2000); b) as oralizações aconteceram indiferentemente em todas as classes de palavras, não havendo uma maior incidência na classe dos verbos do gerúndio, como *supúnhamos* e c) curiosamente, as sílabas átonas e os monossílabos apresentaram maior índice de ocorrência do fenômeno do que as tônicas. Moraes & Wetzels (1992) afirmam que os segmentos tônicos são mais nasalizáveis que os átonos (p.154), porém, o que constatamos foi o inverso. Atribuímos tal fato à transferência de padrões da língua inglesa (grande redução silábica e consequente atonicidade) para o português.

No que concerne às variáveis extralinguísticas, o programa estatístico não apontou como relevantes para a ocorrência do fenômeno, o que não significa que devam ser ignoradas neste tipo de estudo. É válido ressaltarmos aqui, contudo, que a vertente estruturalista não enxerga relevo nos fatores sociais em pesquisas desta natureza; ou seja, de acordo com tal perspectiva, as interferências da L1 na L2 não estão relacionadas aos aspectos sociolinguísticos. Os teóricos desta corrente reconhecem a importância histórica e política da língua, mas sempre assumiram que ela deve ser analisada como algo interno, inerente aos indivíduos. Os gerativistas, da mesma forma, buscaram demonstrar, a partir da concepção da Gramática Universal, que os falantes conseguem produzir sentenças que nunca ouviram/falar antes, tendo em vista sua capacidade inata de reconhecer padrões estruturais da língua materna, desconsiderando qualquer influência externa em suas análises.

O fato é que nossas hipóteses acerca dos fatores sociais foram refutadas, o que signifique, talvez, que se façam necessárias pesquisas mais aprofundadas acerca do tema ou uma abordagem diferenciada, como por exemplo, a realização de análises quantitativas. Acreditamos (e afirmamos mais uma vez) que os fatores sociolinguísticos não devem ser desprezados em estudos desta natureza devido à influência - e as consequências - do contato entre línguas, que tem se tornado cada vez mais frequente.

Podemos depreender, com base nos resultados, que as oralizações dos segmentos nasais pelos informantes são reflexo da transferência de padrões estruturais de sua L1 para a L2, conforme ratifica Flege (1987, p. 48) "differences between native and non-native speakers in articulation undoubtedly contribute to foreign accent⁴⁵". Esta pesquisa buscou apresentar os fatores que levam à realização oral das vogais nasais por parte dos estrangeiros falantes do inglês, a partir de aspectos concernentes ao bilinguismo e contato entre línguas (como as transferências e interferências linguísticas, interlíngua, fossilização e a fluência); bem como fatores linguísticos. Intentamos, com isso, oferecer uma contribuição para os estudos a respeito desta temática, buscando apontar alguns dos fatores que influenciam a ocorrência do fenômeno em questão, para que possam ser utilizados posteriormente em metodologias e didáticas que busquem amenizar tais interferências.

⁴⁵ "as diferenças entre a articulação de nativos e não-nativos indubitavelmente contribuem para um sotaque estrangeiro"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, T.M. Sociolinguística parte I. In; MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística** - domínios e fronteiras. Vol.1, São Paulo, Contexto, 2001.

ALVAREZ, M.L.O. **A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas**. An.2 Cong. Bras. Hispanistas, Universidade de Brasília, Out/2002.

APPEL, R; MUYSKEN, P. **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam Academic Archive. Edward Arnold, London, 1987. ISBN 90 5356 857 3.

AZEVEDO, M. M. **Contrastive Phonology of Portuguese and English**. Georgetown University Press, Washington. D.C, 1981.

_____. **Portuguese: A Linguistic Introduction**. Cambridge University Press, 2005.

BAYLEY, R. Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation. In: **Intercultural Communication Studies**. XIV, v.2, 2005.

BECKER, M.R. **Análise Acústica da Produção de Nasais Bilabiais e Alveolares em Codas de Monossílabos por Alunos de Inglês**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Parana, 2007.

BIALYSTOK, E.; HAKUTA, K. **In other words: The science and Psychologist of Second Language Acquisition**. New York, Basic Books, 1994.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed., Porto Alegre, EDIPUC-RS, 1999.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York. Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BONGAERTS, D.; PLANKEN, T.; SCHILS, E. **Age and ultimate attainment in the pronunciation of a foreign language**. SSLA, 19, p.447-465.

BRUMFIT, C. **Communicative Methodology in Language Teaching: The Role of Fluency and Accuracy**. Cambridge University Press, 1984.

CALLOU, D. & LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

CÂMARA Jr, J.M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro, Simões, 1953.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21 ed., Rio de Janeiro, 1970.

_____. **Princípios de Linguística Geral.** 4 ed. rev. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.

_____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** 4.ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1985.

CAMPOS, H.O.V. **Duração dos segmentos vocálicos orais, nasais e nasalizados do português brasileiro.** Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistics and the Language Faculty.** In: Language know-how: Canadian Perspectives in Contemporary Linguistics, ed. Rosie-Mary Déchaine, Canadian Journal of Linguistics, 2005. Disponível em <http://www.homes.chass.utoronto.ca/~chambers/>

COHN, A. **Nasalisation in English: Phonology or Phonetics.** Phonology, Vol.10, n.1, p43-81. Cambridge University Press, 1993.

CORDER, S. **Error Analysis and Interlanguage.** Oxford, Oxford University Press, 1981.

Dicionário de Termos Linguísticos I-II. Associação Portuguesa de Linguística. Edição Cosmos, 1.ed, 1992.

ELLIS, R. **Second language acquisition.** Oxford, Oxford University Press, 1997.

_____. **Understanding Second Language Acquisition.** Oxford, Oxford University Press, 1999.

_____. **Principles of Instructed Second Language Acquisition.** New Zealand, Ferguson Fellow, 2008.

FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo, Parábola, 2006.

FILLMORE, C. J. On Fluency. In: **Individual Differences in Language Ability and Language Behavior.** Nova Iorque, Harcourt Brace Jovanovich, 1979.

FLEGE, J.E. **The production of "new" and "similar" phones in a foreign language: evidence for the effect of equivalence classification.** Journal of Phonetics, Department of Biocommunication, University of Alabama, Birmingham, 1987.

FLORY, E.V.; SOUZA, M.T. **Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações.** Revista Intercâmbio, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo, LAEL/PUC-SP. ISSN: 1806-275x.

FREITAG, R.M. **O "social" da Sociolinguística: o controle de fatores sociais.** Diadorim 8, cap 2, 2011.

FUNDAÇÃO IBGE. **Censo demográfico de 1991**. Disponível em *biblioteca.ibge.gov.br* Acesso em fevereiro de 2012.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: An introduction to bilingualism**. Harvard University Press, 1982.

HAJEK, J.; MAEDA, S.; **Investigating Universals of Sounds Change: the Effect of Vowel Height and Duration on the Development of Distinctive Nasalization**. In: BROE, M.; PIERREHUMBERT, J. (Eds.) *Papers in Laboratory Phonology V: Language Acquisition and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KENT, R.; READ, C. **The acoustic analysis of speech sounds**. San Diego, Singular, 1992.

KLUGE, D.C; REIS, M.S.; KOERICH, R.D. **O uso de pistas visuais na identificação das nasais inglesas em final de sílaba por aprendizes brasileiros**. Anais do CELSUL, Universidade de Santa Catarina - UFSC, 2008.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Pergamon Press Inc, 1962.

_____. **Second Language Acquisition and Second Language Learning** some. Language Learning, 1972.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D. **Second Language Acquisition Research: Staking Out the territory**. School for International Training. *Tesol Quarterly*, vol.25, n.2, 1991.

LEESON, R. **Fluency and Language Teaching**. Londres, Longman, 1975.

LENNON, P. Investigating Fluency in EFL: A Quantitative Approach. In: **Language Learning**, 1990.

MCMAHON, A. **An Introduction to English Phonology**. Edinburgh University Press Ltd, Edinburgh, 2002.

MEDEIROS, B.R. **Vogais Nasais do Português Brasileiro: Reflexões Preliminares de uma Revisita**. *Revista Letras*, n.72, p.165-188, maio/ago, 2007, Curitiba. Editora UFPR.

_____, B.R. **Nasal Coda and Vowel Nasality in Brazilian Portuguese**. In: *Selected Proceedings of the 5th Conference on Laboratory Approaches to Romance Phonology*, ed. Scott M. Alvord, 33-45. Somerville, MA, Cascadilla Proceedings Project, 2011.

MEGALE, A, H. **Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V.3, n. 5, 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

MEYERHOFF, M. **Sociolinguistic Variation and Change**. Encyclopedia of Life Support Systems, University of Edinburgh, 2006.

MORAES, J.A. **Vowel Nasalization in Brazilian Portuguese: an articulatory investigation**. Proceedings of eurospeech, n.2, p.733-736, 1997.

MORAES, J.A.; WETZELS, W.L. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de Fonologia Experimental**. Cad.Est.Ling, Campinas, 1992.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

PATARRA, N.L. **Migrações Internacionais De e Para o Brasil Contemporâneo: volumes, fluxos, significados e política**. Revista São Paulo em Perspectiva, v.19, n.3, 2005.

PERCEGONA, M. **A fossilização no processo de aquisição de segunda língua**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, 2005.

PRETI, D. **Sociolinguística: Os níveis da fala**. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. ed.7. São Paulo, Editora Nacional, 1982.

RICHARDS. S. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

ROACH, P. **English Phonetics and Phology: a practical course**. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

ROMAINE. S. **Bilingualism**. Series: Language in Society. Oxford, England, 2.ed, 1995.

SANT'ANNA, M.R. **As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português no Brasil**. Dialogia, v.2, out/2003.

SCARPA, E. M. Sobre o Sujeito Fluente. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, 29, 1995.

SCHMIDT, R. **Sociolinguistic Variation and Language Transfer in Phonology**. Working Papers on Bilingualism, n.12, pg 365-377, 1987.

SCHUTZ, R. **Interferência, Interlíngua e Fossilização**. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-interfoss.html>, 2006. Acesso em março de 2012.

_____ **As consoantes do inglês e do português**. Disponível em <http://www.sk.com.br/sk-conso.html>, 2008. Acesso em março de 2012.

_____. **Assimilação natural x Estudo Formal.** Disponível em <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>, 2011. Acesso em agosto de 2012.

SELINKER, L. **Interlanguage.** *International Review of Applied Linguistics*, v.10, 1972.

SHOCKEY, L. **Sounds Patterns of Spoken English.** Blackwell Publishing, 2003.

SIEMUND, P. **Language Contact - Constraints and common paths of contact-induced language change.** University of Hamburg, John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, 2008.

SILVA, V.L.T. **Competência comunicativa em língua estrangeira: que conceito é esse?** *Revista Soletas*, ano IV, n.8, São Gonçalo, UERJ, 2004

_____. **Em busca da fluência oral: um curso de letras *sub-judice*.** *Linguagens, Identidades, Ensino - modos de pensar, modos de fazer.* *Revista do Departamento de Letras*, ano 8, n.16, ISSN: 15197778, São Gonçalo, Rio de Janeiro, 2008.

SIMENSEN, A.M. **Fluency: an aim in teaching and a criterion in assessment.** *Revista Acta Didactica Norge*, v.4, n.1, 2010.

SINGLETON, D. **The Critical Period Hypothesis: Some Problems.** *Interlingüística*, ISSN: 11348941, n.17, p.48-56, 2007.

SPINASSÉ, K.P. **Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de língua alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** *Revista Contingentia*, vol.1, nov.2006, pgs 01-10, UFRGS, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística.** 2.ed. São Paulo, Ática, 2002.

TARONE, E. **Sociolinguistic Approaches to Second Language Acquisition Research.** *The Modern Language Journal*, 91, Focus Issue. University of Minnesota, Minneapolis, 2007.

THOMASON, S. **Language Contact.** Berkeley, Cal. University of California Press, 1988.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics.** Sixth Edition, Wiley-Blackwell, 2010.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems.** Haugh, Mouton, 1953.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo, Parábola, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; KIM, R. **Languages in Contact** - French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland. John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, 2011.

WETZELS, L. **The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese**. Probus 9, pg 209-232, Vrije Universiteit Amsterdam/Holland. Institute of Generative Linguistics, 1997.

_____. **Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais do português do Brasil**. Revista de Letras, n.22, vol. 1/2, Universidade Livre de Amsterdam, jan/dez 2000.

_____. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro**. Universidade Livre de Amsterdã, Instituto de Linguística Gerativa da Holanda, 2000.

YOUSSEF, M. A. **Fatores linguísticos e extralinguísticos no estudo da interferência**. Colóquios de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2010.

APÊNDICE: Tabelas com transcrições fonéticas das oralizações das vogais nasaisInformante I

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Lembro	[ˈlẽbru]	ˈlẽmbru]
2. Caminhão	[kãmiˈnãw]	[kamiˈnaw]
3. Pernambuco	[pẽfnãˈbuku]	[pẽɾnamˈbuku]
4. Morando	[mɔˈrãdu]	[moˈrandu]
5. Lendo	[ˈlẽdu]	[ˈlendu]
6. Entendo	[ĩˈtẽdu]	[ẽˈtendu]
8. Oitenta	[ojˈtẽtə]	[ɔjˈtətə]
9. Então	[ĩnˈtãw]	[iˈtaw]
10. Falando	[faˈlãdu]	[faˈlandu]
11. Perfeitamente	[pẽhfejtaˈmẽtu]	[pẽɾfejtaˈmetu]
12. Confrontos	[kõˈfrõtu]	[kõˈfrõntuz]
13. Grande	[ˈgrãdi]	[ˈgrandi]
13. Violência	[vioˈlẽsjə]	[vioˈlensjə]
14. Marcante	[mahˈkãti]	[maɾˈkanti]
15. Entendimento	[ĩtẽdiˈmẽtu]	[ĩtẽdiˈmentu]
16. Razão	[haˈzãw]	[haˈzaw]
17. Africanos	[afriˈkãnu]	[afriˈkanuz]
18. Compreender	[kõprẽˈde]	[kõprẽnˈdeɾ]
19. Gigantesco	[zigãˈte ku]	[ziganˈte ku]
20. Tanto	[ˈtãtu]	[ˈtantu]
21. Extremo	[i]ˈtrẽmu]	[e]ˈtrẽmu]
22. Menos	[ˈmẽnu]	[ˈmẽnuz]
23. Varanda	[vaˈrãdə]	[vaˈrandə]
24. Americanos	[ameriˈkãnu]	[ameriˈkanuz]
25. Sim	[ˈsĩ]	[ˈsi]
26. Assim	[aˈsĩ]	[aˈsi]
27. Não	[ˈnãw]	[ˈnaw]
28. Depende	[dẽˈpẽndi]	[dẽˈpẽndi]
29. Distância	[diˈtãnsjə]	[dizˈtansjə]
30. Demonstra	[dẽˈmõn trə]	[deˈmõnztrə]
31. Conflitante	[kõfliˈtãntu]	[kõfliˈtatiz]
32. Gênero	[ˈzẽneru]	[ˈzẽneru]
33. Praticamente	[pratikaˈmẽtu]	[pratikaˈmetu]
34. Repetição	[hẽpetiˈsãw]	[hẽpetiˈsaw]
35. Permanente	[pẽhmãnẽtu]	[pẽɾmanẽtu]
36. Inicialmente	[inisiawˈmẽtu]	[inisiawˈmetu]
37. Mim	[ˈmĩ]	[ˈmi]
38. População	[põpulaˈsãw]	[põpulaˈsaw]
39. Arquitetônicos	[ahkiteˈtõniku]	[aɾkiteˈtõnikuz]
40. Estupendos	[i]ʃtuˈpẽdu]	[e]ʃtuˈpẽduz]
41. Situação	[siˈtuaˈsãw]	[siˈtuaˈsaw]
42. São Paulo	[sãwˈpawlu]	[sawˈpawlu]
43. Planejamento	[plãnezãˈmẽtu]	[plãnezãˈmentu]
44. Porém	[põˈrẽj]	[põˈrẽjn]

45. Tirando	[ti'rãdu]	[ti'randu]
46. Perdendo	[pɛh'dɛdu]	[pɛr'dɛndu]

Informante II

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Montanhoso	[mõtã'nozu]	[mɔtã'nozu]
2. Tempo	['tẽpu]	['tɛmpu]
3. Pão	['pãw]	['pau]
4. Ensinava	[ɛsi'navə]	[ɛnsi'navə]
5. Grande	['grãdi]	['grandi]
6. Lama	['lãmə]	['lamə]
7. Também	[tã'bɛim]	[tam'bɛim]
8. Plantões	[plã'tõj]	[plan'tojz]
9. Granja	['grãzə]	['grãnzə]
10. Mãe	['mãm]	[maj]
11. Então	[ĩtãu]	[ĩ'taw]
12. Amanhã	[amã'nã]	[amã'na]
13. Intercâmbio	[ĩtɛh'kãbiw]	[ĩtɛr'kambiw]
14. Dança	['dãsə]	['dãnsə]
15. Limpando	[lĩ'pãdu]	[lĩ'pãdu]
16. Reclama	[hɛ'klãmə]	[hɛ'klamə]
17. Muito	['muĩtu]	['muĩtu]
18. Relaxando	[hɛlaʃãdu]	[hɛla'fãdu]
19. Mãe	['mãm]	['maj]
20. Longo	['lõngu]	['loŋgu]
21. Recifenses	[hesi'fẽnsɪ] ou [hesi'fẽnsɪ]	[hesi'fɛnsɪz]
22. Gostamos	[gɔʃ'tãmu]	[gos'tãmu]
23. Mim	['mĩ]	['mi]
24. Americanos	[amɛrikãnu]	[amɛrɪ'kanuz]
25. Branca	['brãnkə]	['brãnkə]
26. Petrolândia	[pɛtrɔ'lãndjə]	[pɛtrɔ'landjə]
27. Quilômetros	[ki'lõmetru]	[ki'lɔmetru]
28. Manter	[mãn'tɛ]	[man'tɛr]
29. Eram	['ɛrãw]	['ɛrãw]
30. Enchente	[ɛn'jẽntɪ]	[ɛn'jɛntɪ]
31. Comunicação	[kõmũnika'sãw]	[komunika'saw]
32. Doente	[du'ẽntɪ]	[do'ɛntɪ]
33. Comparar	[kõmpa'ra]	[kɔmpa'ra]
34. Manga	['mãgə]	['mãgə]
35. Combi	['kõbɪ]	['kɔmbɪ]
36. Começaram	[kõmɛ'sarãw]	[komɛ'sarãw]
37. São Bento	[sãw'bẽtu]	[saw'bẽtu]
38. Extinção	[ɛʃtĩ'sãw]	[ɛʃtĩ'saw]
39. Ensinei	[ɛsi'nej]	[ɛsi'nej]
40. Entrar	[ɛ'tra]	[ɛn'tɾa]
41. Gente	['zẽtɪ]	['zɛntɪ]
42. Razão	[ha'zãw]	[ha'zaw]
43. Amém	[amẽĩ]	[a'mɛjin]

44. Mentir	[mɛ'ti]	[mɛn'ti]
45. Feijão	[fe'zãw]	[fe'zaw]
46. Anda	['ãdə]	['andə]
47. Londres	['lõdrɨʃ]	['lõndɾɨz]
48. Vem	['vɛjn]	['vejɨn]
49. Internacional	[ĩtehnasjo' naw]	[iteɾnasio' naw]
50. Linhagem	[lĩɲazej]	[lia'zej]
51. Avançados	[avã'sədɔʃ]	[avan'sədɔz]
52. Alemã	[alɛ'mã]	[alɛ'man]

Informante III

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Andando	[ã'dãdu]	[ã'dandɔ]
2. Manhã	[mã'ɲã]	[mã'ɲa]
3. Ensinando	[ĩsi'nãdu]	[ĩsi'nandɔ]
4. Tanto	['tãtu]	['tantɔ]
5. Evangelização	[evãʒeliza'sãw]	[ivanʒeliza'saw]
6. Irlanda	[ih'lãdə]	[ir'landə]
7. Aprendem	[a'prɛdɛm]	[a'prɛndi]
8. Romântica	[ho'mãtikə]	[ho'mantigə]
9. Chegamos	[ʃe'gãmuʃ]	[ʃe'gamɔʃ]
10. Preparando	[prɛpa'rãdu]	[prɛpa'randɔ]
11. Não	['nãw]	['naw]
12. Adamantina	[adamã'tinə]	[adaman'tinə]
13. Memorizando	[memɔri'zãdu]	[mɛmɔri'zandɔ]
14. Estrangeiro	[iʃtrã'ʒɛɾɔ]	[iʃtrãn'ʒɛɾɔ]
15. Combater	[kõba'tɛ]	[koba'tɛɾ]
16. Britânico	[bri'tãnikɔ]	[bri'tanikɔ]
17. Maculando	[maku'lãdu]	[maku'landɔ]
18. Importante	[ĩpõh'tãntɨ]	[ĩpõɾ'tantɨ]
19. Lamento	[la'mɛntɔ]	[la'mentɔ]
20. Geralmente	[ʒɛraw'mɛntɨ]	[ʒɛɾal'mentɨ]
21. Enfraquece	[ɛfra'kɛsɨ]	[ɛfɾa'kɛsɨ]
22. Muito	['muĩntɔ]	['mɔrtɔ]
23. Televisão	[televi'zãw]	[televi'zaw]
24. Vinte	['vĩntɨ]	['vitʃi]
25. Quarenta	[kwa'rɛntə]	[kwa'ɾɛntə]
26. Sim	['sĩ]	['si]
27. Mim	['mĩ]	['mi]
28. Decorando	[dekõ'rãdu]	[deko'randɔ]
29. Estranho	[iʃ'trãɲɔ]	[ɛz'tranʒɔ]
30. Plano	['plãɲɔ]	['planɔ]
31. Apontando	[apõ'tãdu]	[apun'tandɔ]
32. Enquanto	[ĩn'kwãtu]	[ɛ'kwantɔ]
33. Tentando	[tɛ'tãdu]	[tɛn'tandɔ]
34. Onze	['õzi]	['õnzɨ]
35. Aprender	[aprɛn'dɛ]	[aprɛn'dɛɾ]
36. Com	['kõ]	['kõm]

37. Milhões	[mi'ljõj]	[mi'ljz]
38. Missão	[mi'sãw]	[mɪ'saw]
39. Sons	['sõj]	['sɔnz]
40. Aprontando	[aprõ'tãdu]	[aprõ'tandu]
41. Bem	[bẽjn]	[bejn]
42. Formam	[fõh'mãw]	[fɔr'maw]
43. Feijão	[fe'zãw]	[fe'zaw]
44. Pontes	['põti]	['pɔntɪz]

Informante IV

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Montanhas	[mõ'tãjə]	[mõ'taɪəz]
2. Muito	['muĩtu]	['mɔɪtu]
3. Diferente	[dife'rẽti]	[dife'rɛntɪ]
4. Também	[tã'bẽim]	[tam'beim]
5. Senão	[si'nãw]	[si'naw]
6. Então	[ĩ'tãw]	[ĩ'taw]
7. Tempo	['tẽpu]	['tɛmpu]
8. Reunião	[heuni'ãw]	[heuni'aw]
9. Chegando	[je'gãdu]	[je'gandu]
10. Falando	[fa'lãdu]	[fa'landu]
11. Pão	['pãw]	['pau]
12. Tentando	[tẽ'tãdu]	[tẽ'tandu]
13. Chão	['fãw]	['faw]
14. Banco	['bãku]	['banku]
15. Planta	['plãtə]	['plantə]
16. Samba	['sãbə]	['sambə]
17. Celebração	[selebra'sãw]	[selebrɔ'saw]
18. Esperando	[ɪ'pɛ'rãdu]	[ɛ'pɛ'randu]
19. Rio Branco	[hiw 'brãku]	[hiw 'blanku]
20. Estranho	[ɪ'trãju]	[iz'traɪju]
21. Estrangeiros	[ɪ'trã'zɛru]	[ɛz'traɪ'zɛru]
22. Falamos	[fa'lãmu]	[fa'lamu]
23. Semana	[se'mãjə]	[se'manə]
24. Frango	['frãgu]	['frangu]
25. Alemanha	[alɛ'mãjə]	[alɛ'maɪjə]
26. Propaganda	[pɔpɔ'gãdə]	[pɔpɔ'gandə]
27. Olhando	[ɔ'lãdu]	[ɔ'landu]
28. Dançando	[dã'sãdu]	[dan'sandu]
29. Sim	['sĩ]	['si]
30. Moçambique	[mɔsã'biki]	[mosam'biki]
31. Comparação	[kõpara'sãw]	[kɔmpaɔ'saw]
32. Sozinho	[sɔziɲu]	[sɔ'ziw]
33. Antes	[ãti]	['antɪz]
34. Impressão	[ĩpre'sãw]	[ĩ'presaw]
35. Violência	[viɔ'lẽsjə]	[viɔ'lɛnsjə]
36. Estudante	[ɪtu'dãti]	[ɛztudanti]

37. Cantar	[kã'ta]	[kan'taɾ]
38. Globalização	[globaliza'sãw]	[globaliza'saw]
39. Televisão	[televi'zãw]	[televi'zaw]
40. Irlanda	[ih'lãdə]	[iɾ'landə]
41. Africanos	[afɾi'kãnuʃ]	[afɾi'kanuz]
42. Preparação	[pɾɛpara'sãw]	[pɾɛpaɾasaw]
43. Grande	['grãdi]	['grandʒi]

Informante V

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Antes	['átɪ]	['antɪz]
2. Ficando	[fi'kãdu]	[fi'kandu]
3. Semanas	[se'mãnəʃ]	[se'manəʃ]
4. Menos	['mẽnuʃ]	['menuz]
5. Americano	[ameri'kãnu]	[ameri'kanu]
6. Chegando	[ʃe'gãdu]	[ʃe'gandu]
7. Procurando	[pɾoku'rãdu]	[pɾoku'randu]
8. Cama	['kãmə]	['kamə]
9. Picante	[pi'kãti]	[pi'kanti]
10. Vamos	['vãmuʃ]	['vamuʃ]
11. Controlando	[kõtrõ'lãdu]	[kõtrõ'landu]
12. Não	['nãw]	['naw]
13. Pagando	[pa'gãdu]	[pa'gandu]
14. Muito	['muĩntu]	['mõitu]
15. Senti	[sẽn'ti]	[sɛnti]
16. Branco	['brãнку]	['brãнку]
17. Frente	['frẽntɪ]	['frɛntɪ]
18. Pãozinho	[pãw'zĩnu]	[paw'ziu]
19. Sim	['sĩ]	['si]
20. Assim	[a'sĩ]	[a'si]
21. Antigo	[ã'tɪgu]	['antɪgu]
22. Ônibus	['õnɪbuʃ]	['õnɪbuz]
23. Econômicos	[ekõ'nõmɪkuʃ]	[eko'nõmɪkuz]
24. Cinco	['sĩku]	['sɪku]
25. Bastante	[baʃ'tãti]	[baz'tanti]
26. Campo	['kãpu]	['kampu]
27. Espanha	[i'pãnə]	[ez'panjə]
28. Tenho	['tẽnu]	['teju]
29. Espanhol	[iʃpã'ɲow]	[ezpa'ɲow]
30. Tinha	['tĩnə]	['tjə]
31. Pensando	[pẽ'sãdu]	[pẽ'sandu]
32. Suriname	[surɪ'nãmi]	[surɪ'nami]
33. Mudança	[mu'dãsə]	[mu'dansə]
34. Movimentação	[mõvimẽta'sãw]	[mõvimenta'saw]
35. Entrei	[ẽ'trej]	[ɛn'tre]
36. Gastando	[gaʃ'tãdu]	[gaz'tandu]
37. Falando	[fa'lãdu]	[fa'landu]
38. Entendo	[ẽ'tẽdu]	[ɛn'tendu]
39. Lançado	[lã'sadu]	[lan'sadu]
40. Encontrando	[ẽnkõ'trãdu]	[ẽkon'trandu]

41. Consigo	[kõ'siɣu]	['kõnsiɣu]
42. Eram	['erãw]	['eraw]
43. Imaginando	[imaʒi'nãdu]	[imaʒi'nandu]
44. Manda	['mãdə]	['mandə]
45. Enquanto	[ẽ'kwãtu]	[ẽ'kwantu]
46. Cantando	[kã'tãdu]	[kã'tandu]

Informante VI

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Mãe	['mãj]	['maj]
2. Antes	['ãtu]	['antu]
3. Banho	['bãnu]	['banu]
4. Grande	['grãdi]	['grandi]
5. Americanos	[ameri'kãnu]	[ameri'kanuz]
6. Durante	[du'rãtu]	[du'rantu]
7. Semanas	[se'mãnə]	[se'manəz]
8. Andando	[ãn'dãdu]	[ã'dandu]
9. Viajando	[via'zãdu]	[via'zandu]
10. Muito	['muĩtu]	['muitu]
11. Esquecendo	[iʃkesẽdu]	[izke'sendu]
12. Usualmente	[uzuaw'mẽnti]	[uzua'l'menti]
13. Não	['nãw]	['naw]
14. Chance	['fãnsi]	['fansi]
15. Mentira	[mĩn'tirə]	[me'tirə]
16. Longe	['lõnʒi]	['lonʒi]
17. Pressão	[pre'sãw]	[pre'saw]
18. Contas	[kõntə]	['kõntəz]
19. Encontra	[ĩkõntre]	[e'kõntre]
20. Sim	[sí]	['si]
21. Alemanha	[ale'mãjə]	[ale'majə]
22. Estávamos	[iʃ'tavãmu]	[ez'tavamuz]
23. Coreano	[kõre'ãnu]	[kore'anu]
24. Conjugação	[kõʒuga'sãw]	[kõnʒuga'saw]
25. Vegetariana	[veʒetarĩ'ãnə]	[veʒetarĩ'anə]
26. Amazônia	[ama'zõnjə]	[ama'zõnjə]
27. Ganhei	[gã'nej]	[ga'nje]
28. Morando	[mõ'rãdu]	[mo'randu]
29. Manhã	[mã'jã]	[ma'nja]
30. Então	[ĩ'tãw]	[ĩ'taw]
31. Cansada	[kã'sadə]	[kan'sadə]
32. Pão	['pãw]	['paw]
33. Complicado	[kõplĩ'kadu]	[kõmpli'kadu]

34. Percebendo	[pɛhʂɛ'bɛ̃dʊ]	[peʃsebẽndʊ]
35. Problema	[prɔ'blɛ̃mɐ]	[pɾo'blɛmɐ]
36. Conheço	[kõ'ɲesʊ]	[ko'njesʊ]
37. João Pessoa	[juáwpe'soə]	[juawpe'sɔə]
38. Contar	[kõ'ta]	[kɔn'taɾ]
39. Assim	[a'sĩ]	[a'si]
40. Enfim	[ẽ'fĩ]	[ẽ'fi]
41. Carona	[ka'rõnɐ]	[ka'rɔnɐ]
42. Plantam	['plátáw]	['plantáw]

Informante VII

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Intercâmbio	[ĩteh'kábiw]	[ĩte'kambiw]
2. Montanhas	[mõ'tãɲɐ]	[mõ'taɲɛz]
3. Acampamento	[akápa'mɛ̃tu]	[akampa'mɛntʊ]
4. Realmente	[hɛaw'mɛ̃ti]	[hɛaw'mɛnti]
5. Caramba	[ka'rãbɐ]	[ka'rambɐ]
6. Cancelado	[kãse'ladʊ]	[kanse'ladʊ]
7. Escutando	[iʃku'tãdʊ]	[ɛzku'tandʊ]
8. Trânsito	['trãzitu]	['tɾanzitu]
9. Exatamente	[izata'mɛ̃ti]	[ɛzata'mɛnti]
10. Bastante	[baʃ'tãti]	[baz'tanti]
11. Ano	['ãnu]	['anu]
12. Americanas	[ameri'kãɲɐ]	[ameri'kanɛz]
13. Tocando	[to'kádu]	[to'kanʊ]
14. Esperando	[iʃpɛ'rãdʊ]	[izpɛ'rاندʊ]
15. Irmão	[ih'mãw]	[iɾ'mau]
16. Irmã	[ih'mã]	[iɾ'man]
17. Compreendo	[kõmpɾɛ'ẽndʊ]	[kɔm'pɾɛndʊ]
18. Muito	['muĩntʊ]	['mɔitʊ]
19. Amo	['ãmu]	['amu]
20. Tão	['tãw]	['taw]
21. Igualmente	[igwaw'mɛ̃nti]	[igwa'l'mɛnti]
22. Tontas	['tõntɐ]	['tɔntɛz]
23. Pontinha	[põn'tiɲɐ]	[pɔn'tiɐ]
24. Sim	['sĩ]	['si]
25. Assim	[a'sĩ]	[a'si]
26. Grande	['grãdi]	['grandi]
27. Evangélico	[evã'zɛliku]	[ivan'zɛliku]
28. Graduação	[gradwa'sãw]	[gradwa'saw]
29. Samba	['sãbɐ]	['sambɐ]
30. Escutando	[iʃku'tãdʊ]	[ɛzku'tandʊ]
31. Programa	[prɔ'grãmɐ]	[pro'gramɐ]
32. Conhecer	[kõɲɛ'sɛ]	[kɔɲɛ'sɛɾ]

33. Aplicaram	[aplɪka'rãw]	[aplɪka'raw]
34. Criança	[kɾi'ãsə]	[kɾi'ansə]
35. Italiano	[itali'ãnu]	[itali'anu]
36. Estranho	[iʃ'trãɲu]	[eztra'nɪw]
37. Branco	['brãku]	['branku]
38. Ganhei	[gã'nej]	[ga'nej]
39. Maçã	[ma'sã]	[ma'san]
40. Alemão	[alɛ'mãw]	[alɛ'maw]
41. Conjugar	[kõʒu'ga]	[kõnʒu'gar]
42. Alguém	[aw'gẽ]	[aw'ge]
43. Sentido	[sẽ'tidu]	['sentidu]
44. Palavrão	[pala'vrãw]	[pala'vraw]
45. Direitinho	[dijɛ'tĩɲu]	[dijɛ'tɪw]
46. Lembrando	[lẽ'brãdu]	[lẽ'brandu]
47. Tirando	[ti'rãdu]	[ti'randu]
48. Brincando	[brĩ'kãdu]	[brĩ'kandu]
49. Zoando	[zu'ãdu]	[zu'andu]
50. Morando	[mõ'rãdu]	[mo'ranu]
51. Ganhar	[gã'ɲa]	[ga'ɲa]
52. Paciência	[pasi'ẽsjə]	[pasi'ensjə]
53. Pequenas	[pi'kẽnə]	[pe'kenəz]

Informante VIII

Palavra	Pronúncia local	Pronúncia do informante
1. Nova Zelândia	[nõvə zɛ'lãdjə]	[novə zɛ'landjə]
2. Montanhas	[mõ'tãɲə]	[mon'tajəz]
3. Metropolitana	[metɾõpõli'tãɲə]	[metɾõpõli'tanjə]
4. Grande	['grãdi]	['grãdi]
5. Melhorando	[mɛ'liõ'rãdu]	[mɛ'liõ'randu]
6. Anos	['ãnu]	['anuz]
7. Manhã	[mã'ɲã]	[ma'ɲa]
8. Chegando	[ʃɛ'gãdu]	[ʃɛ'gandu]
9. Antes	['ãti]	['antɪz]
10. Sul africanos	[sulafri'kãnu]	['su afri'kanuz]
11. Australianos	[austɾali'ãnu]	[austɾali'anuz]
12. Semanas	[sɛ'mãɲə]	[sɛ'manəz]
13. Pernambucana	[pɛɸnãbu'kãɲə]	[penãbu'kanə]
14. Francês	[frã'sɛj]	[fran'sɛz]
15. Samoana	[sãmo'ãɲə]	[sãmu'ana]
16. Interessante	[ĩtɛɛ'sãti]	[ĩtɛɛ'santi]
17. Pegando	[pɛ'gãdu]	[pɛ'gandu]
18. Voltando	[võw'tãdu]	[vow'tandu]
19. Chocante	[ʃõ'kãti]	[ʃo'kanti]
20. Jantando	[zã'tãdu]	[zan'tandu]
21. Almoçando	[awmu'sãdu]	[awmo'sandu]
22. Importante	[ĩpõh'tãti]	[ĩpõr'tanti]

23. Empurrando	[ĩpũ'hãdu]	[ẽpũ'handu]
24. Reclamo	[hẽ'klãmu]	[hẽ'klamũ]
25. Mãe	['mãj]	['maj]
26. Banco	['bãku]	['bankũ]
27. Falando	[fa'lãdu]	[fa'landũ]
28. Usando	[ũ'zãdu]	[ũ'zandũ]
29. Importantes	[ĩpũh'tãtu]	[ĩpũ'tantiz]
30. Britânica	[bri'tãnikẽ]	[bri'tanikẽ]
31. Banho	['bãnu]	['banũ]
32. Mangue	['mãgi]	['mangi]
33. Bandas	[bã'dẽ]	['bandẽz]
34. França	['frãse]	['fransẽ]
35. Campo	['kãpu]	['kampũ]
36. Jogando	[zũ'gãdu]	[zũ'gandũ]
37. Mudança	[mũ'dãsẽ]	[mũ'dansẽ]
38. Cidadão	[sida'dãw]	[sida'daw]
39. Sim	['sĩ]	['si]
40. Mim	['mĩ]	['mi]
41. Comentarista	[kõmẽta'ri]tẽ]	[komenta'ri]tẽ]
42. Reciclagem	[hẽsĩklazẽjn]	[hẽklisazẽn]
43. Começando	[kõmẽ'sãdu]	[kome'sandũ]
44. Direção	[dirẽ'sãw]	[dirẽ'saw]
45. Pouquinho	[pũ'kĩnu]	[pũ'kinũ]
46. Acabaram	[akaba'rãw]	[aka'baraw]
47. Moram	['mõrãw]	['mõraw]
48. Junho	['zũnu]	[zũ'nũw]
49. Entre	['ẽtri]	['entri]
50. Tentei	[tẽ'tej]	[tẽn'te]
51. Madalena	[mada'lẽnẽ]	[mada'lẽnẽ]
52. Ligando	[li'gãdu]	[li'gandũ]
53. Ajudante	[azũ'dãtu]	[azũ'dantũ]

Questionário utilizado para a entrevista com os informantes.

- 1) Onde você nasceu?
- 2) Onde você já viveu antes de vir para o Brasil?
- 3) Há quanto tempo está aqui?
- 4) O que diziam\que conhecimentos prévios você tinha a respeito do Brasil antes de vir?
- 5) Como\Porque veio para o Brasil\Recife?
- 6) Teve contato anterior com o português antes de vir?
- 7) Teve contato com outros idiomas antes de aprender português?
- 8) Com que idade chegou aqui?
- 9) Qual a primeira impressão quando chegou aqui?
- 10) Como foi sua adaptação?
- 11) Qual a maior dificuldade em termos de adaptação (culinária, fuso horário, estilo de vida, rotina, etc)?
- 12) Qual foi sua maior dificuldade em termos de linguagem?
- 13) Passou por alguma situação inusitada por dificuldades de comunicação?
- 14) Gosta de morar aqui?
- 15) Identifica-se com a cultura local?
- 16) Como você compararia sua cidade natal com Recife?
- 17) Como você compararia a cultura do seu país com a do Brasil?
- 18) Por quanto tempo pretende ficar aqui?
- 19) Já esteve em outras cidades brasileiras?
- 20) (Em caso afirmativo) Onde? Percebeu alguma diferença entre os sotaques desses locais e Recife?
- 21) Recomendaria outra pessoa a morar no Brasil? Porquê?